EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

A UNIÃO 132 Anos

Ano CXXXII Número 001 | R$ 4,00



João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 2 de fevereiro de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A EPC:09366790000106
Dados: 2025.01.31 23:53:43 -03'00'

EM 2024

PRF registra alta em roubo de cargas nas rodovias federais

Número de ocorrências no estado cresceu nove vezes no ano passado em relação a 2023. *Página 7*

Foto: Leonardo Ariel



Cinturão rural abriga moradias e gera sustento a famílias

Localizada na Zona Sul da capital, região é palco de histórias marcadas pela forte conexão com a terra, em meio ao avanço da urbanização. *Página 5*

■ "O Jornal **A União** chega aos 132 anos impresso em papel, 80 dos quais coçando nos meus dedos, acendendo lembranças, atraindo-me quase a vida toda".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "A evolução do mercado de trabalho nos últimos cinco anos demonstra uma recuperação robusta após a crise gerada pela pandemia".

Amadeu Fonseca

Página 17

Memórias

Foto: Carlos Rodrigo

Nara Valusca: "Aqui me sinto em casa"

*Após diversas passagens por **A União**, a jornalista adquiriu experiências, acumulou amizades e ampliou o amor pela profissão.*

Páginas 14 e 15

Mais de 1,8 mil famílias vivem com o auxílio-moradia em João Pessoa

Benefício, no valor de R$ 350, é direcionado a despesas com habitação de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Página 3



Geraldo Azevedo celebra 80 anos e relembra trajetória

Artista destaca as influências que moldaram seu estilo, as dificuldades enfrentadas no percurso e os planos para o futuro.

Página 9

Treze e Botafogo duelam, hoje, às 16h, no Amigão, em Campina Grande

Enquanto o Belo busca os três pontos para se aproximar da liderança, o Galo corre atrás da terceira vitória consecutiva.

Página 21



Especial 132 anos

Com uma trajetória de conquistas, o Jornal **A União** celebra mais um ano reafirmando seu compromisso com a história, com a valorização da cultura e com a informação de qualidade.

Paginas 29 a 32



Correio das Artes

O destaque desta edição é o legado e a obra de um dos maiores cineastas que a Paraíba já concebeu: Vladimir Carvalho, hábil documentarista e ferrenho defensor da memória do cinema nacional.

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6500 circulacao@epc.pb.gov.br

Editorial

Folha secular

O Jornal **A União** está de parabéns. Comemora, hoje, 132 anos de existência, mais de um século dando conta não só dos ciclos político-administrativos da Paraíba, mas de outros fatos também registrados no estado, no Brasil e no mundo que amargam a existência ou dão sentido à vida em sociedade. Um olhar plural sobre as relações e os fenômenos humanos que sempre se renova, por ser o viver diverso e em constante mutação.

Com um pé na modernidade e outro na tradição — para usar aqui um lugar-comum —, **A União** prossegue vencendo os anos e superando obstáculos; remoçando-se para manter-se permanentemente atrativa, enquanto produto gráfico-editorial. Cobra-se muito, por meio de seus construtores, para que sua leitura seja confortável, do ponto de vista gráfico, e proveitosa, da perspectiva editorial, favorecendo o lazer e o discernimento.

Costuma-se dizer que duas das principais características da vida são a mudança e a diversidade. **A União** aposta nesse binômio, também, usando boas tintas e melhores traços para rejuvenescer continuamente suas feições, ao tempo em que amplia o alcance de seu olhar, ao aliar, às equipes de reportagem, um leque de cronistas e articulistas da melhor estirpe, cujas lentes perscrutam o universo humano nos planos da realidade e das utopias.

Parafraseando Milton Nascimento e Fernando Brant, compositores da canção "Nos bailes da vida", **A União** vai aonde o povo está, seja no suporte papel, seja no formato digital, atendendo, assim, aos hábitos de leitura de todas as gerações. Até porque seu corpo de trabalhadores é também um ser mutante, com profissionais de várias idades e diferentes escolas, por meio dos quais o passado e o presente caminham de mãos dadas.

Da capital aos mais distantes municípios. Dos estádios de futebol aos palcos de teatro e de música. Das telas de cinema aos leitos de hospitais. Das repartições públicas às praias, rios e manguezais. Das universidades e escolas às praças, ruas e avenidas. Do mais alto e belo edifício aos feios mocambos que ilustram as desigualdades sociais. Enfim, onde houver vida, em suas infinitas formas, lá estará **A União** colhendo o que vale a pena dizer.

Parabéns, portanto, ao Governo do Estado, que, por meio da Secretaria da Comunicação Institucional, criou e mantém a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), da qual **A União** é um dos mais fortes braços editoriais. Parabéns aos profissionais, de todas as categorias e seções, que fazem circular, diariamente, o jornal. E parabéns à sociedade paraibana, de maneira geral, razão de ser, em última análise, desta folha secular.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Anistia e o caso Rubens Paiva

O desaparecimento do deputado federal Rubens Paiva na Ditadura Militar, relatado no filme "Ainda Estou Aqui", que vem batendo recorde de bilheteria em todo o mundo, reacendeu o debate sobre a revisão da Lei da Anistia, assinada em 1979. Sua morte, confirmada 40 anos depois pela Comissão Nacional da Verdade, continua sem que os culpados tenham sido punidos. Os denunciados foram José Antonio Nogueira Belham, Rubens Paim Sampaio, Jurandyr Ochsendorf e Souza, Jacy Ochsendorf e Raymundo Ronaldo Campos. Dois dos cinco militares acusados estão vivos. Um deles é o general Belham, que recebe R$ 35,9 mil por mês e tem a patente de marechal, uma honraria dada a oficiais do Exército que tiveram atuação considerada excepcional. Jacy Ochsendorf é o outro acusado ainda vivo e recebe R$ 23,4 mil como major reformado. As famílias dos réus que morreram após a abertura do processo recebem pensões cujo total ultrapassa os R$ 80 mil.

Em outubro do ano passado, o Ministro Alexandre de Moraes, do STF, determinou que a Procuradoria-Geral da República se manifestasse sobre o mérito do tema. A PGR defendeu que o STF analise a legalidade da Lei da Anistia no caso dos acusados pelo sequestro, assassinato e ocultação do cadáver de Rubens Paiva, orientando no sentido de que seja revisada a decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ), em 2010, que suspendeu o processo criminal contra os militares apontados como responsáveis pelo crime.

No documento remetido ao STF, a sub-procuradora Maria Caetano Cintra Santos define que "o entendimento jurídico internacional sobre a questão estabelece que a legislação brasileira de anistia não pode ser aplicada em casos de graves violações de direitos humanos".

Há um entendimento defendido por muitos juristas de que o próprio texto da Constituição Federal define que a tortura e os crimes de lesa-humanidade são imprescritíveis. No entanto, em 2010, o STF rejeitou por sete votos a dois um pedido da OAB para que fosse anulado o perdão concedido aos representantes do Estado (policiais e militares) acusados da prática do crime de tortura durante a Ditadura. Agora, a discussão ganha novo fôlego a partir da interpretação de que a Lei da Anistia é incompatível com os acordos internacionais de direitos humanos dos quais o Brasil é signatário.

O ministro Flávio Dino já se manifestou reconhecendo a imprescritibilidade do crime de ocultação de cadáver, excluindo-o da Lei da Anistia de 1979, o que pode ser considerado um importante avanço no enfrentamento da impunidade e a reafirmação de que o Brasil assume o compromisso com os princípios da justiça de transição e os direitos humanos. Ocultar cadáveres é um crime de natureza permanente, porque seus efeitos continuam ao violar o direito à verdade, à memória e ao luto das famílias das vítimas.

O jurista Cláudio Fontelles é categórico ao afirmar que "uma lei ordinária, como a Lei de Anistia, não pode, sob a ótica constitucional, anistiar crimes cometidos por aqueles que violaram o Estado Democrático de Direito, já que a Constituição é a base permanente da democracia e deve ser preservada acima de qualquer legislação infraconstitucional. Manter essa lei é preservar a figura do torturador. Não colabora para a defesa da democracia e coloca uma pedra sobre esse assunto". Esperamos que, afinal, o STF faça a justiça cobrada pela sociedade civil brasileira.

> **Em outubro do ano passado, o Ministro Alexandre de Moraes, do STF, determinou que a Procuradoria-Geral da República se manifestasse sobre o mérito do tema**
>
> Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Geometria urbana

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A morte por aqui era mais sutil

Hoje o jornal **A União** chega aos 132 anos impresso em papel, 80 dos quais coçando nos meus dedos, acendendo lembranças, atraindo-me quase a vida toda para o que tem se passado fora de mim e em mim se revertendo continuamente.

Na noite da última quarta-feira (29), presente às homenagens póstumas devidas pela Academia de Letras a Wills Leal e a Carlos Aranha, e subtraído pelo castigo da surdez a boa parte do que rezavam os discursos, aqui e ali me vi caindo na abstração, uma delas e a mais demorada puxada pela carta-aberta recente de Gustavo Petro, presidente da Colômbia, ao presidente Trump. Que associação me levaria a essa "*recherche*"?

A carta é um manifesto libertário com sopro de Bolívar escrita por alguém que descende em estilo e ousadia do capitão Aureliano Buendía: "A Colômbia agora deixa de olhar para o norte e olha para o mundo. [...] Seu bloqueio não me assusta porque a Colômbia, além de ser o país da beleza, é o coração do mundo".

Colômbia, bloqueio, o próprio guerrilheiro Petro, hoje presidente, surgem me arredando do ar refrigerado da Academia, debaixo do qual eu me encolhia, para os janelões de sol que raiavam forte com as guerrilhas de Serra Maestra acompanhadas na mente e nos dedos pelo tradutor de telegramas de **A União**. Meu trabalho começava às oito da manhã e o café com pão da Casa do Estudante se esgotava nas ladeiras que alcançam a Rua Direita até as antigas escadas do próprio jornal. Mas o que vinha pelo noticiário das agências estrangeiras fazia desse emprego de iniciante um olhar para o mundo. Esse olhar que a carta do presidente Gustavo Petronos alcança a todos os latinos. A minha idade também ajudava. E como ajudava.

Foram quatro discursos, além das palavras de agradecimento da família de Wills, a cargo de Teócrito Leal, e as de encerramento do presidente. Discursos de professores, escritores e poetas em intimidade com a tribuna. Mas a evocação dos nomes, das situações vividas por Aranha e Wills, este bem mais próximo de mim pelo ninho brejeiro e familiar, deixavam-me no melhor de mim, que é viver o passado.

> **Hoje o jornal A União chega aos 132 anos impresso em papel, 80 dos quais coçando nos meus dedos**
>
> Gonzaga Rodrigues

O futuro ninguém sabe, dizia Anatole France. O presente, ah! O presente... O que foi futuro e hoje nos chega não é fácil avaliar.

Quando os da minha idade recordam seu tempo bom, realmente urbano, de ruas tranquilas, o pedestre com direito a atravessá-las e botar cadeira na calçada, os sítios florando e botando próximos de nós, as professoras reverenciadas, a raia masculina a ansiar pelo que discreteava a saia godê, a essa saudade se contrapõem a antiga mortalidade de índices miseráveis, o vasto mundo sem assistência médica, a fome sem disfarce, tudo se beneficiando hoje, uns mais, outros menos, de um progresso tecnológico que vai da medicina computadorizada ao universo da produção via mercado. **A União** tem sido o testemunho ininterrupto de todas essas mudanças, mesmo sonegando, em algumas fases, as nossas deficiências.

Numa coisa o mundo do velho tradutor de telegramas continua o mesmo: sempre vem das grandes civilizações, por suas matrizes, por seu poderio econômico e até cultural, a facilidade de destruir nações inteiras, lares, rebanhos humanos sem distinguir seus exércitos de suas crianças. A morte por aqui era mais sutil.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: **Anual ..... R$385,00 / Semestral ..... R$192,50 / Número Atrasado ..... R$3,30**
CONTATO: **redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br**

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

AUXÍLIO-MORADIA

Mais de 1,8 mil famílias são beneficiadas em JP

Valor de R$ 350 ajuda nas despesas de pessoas em situação de vulnerabilidade

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

Era um tempo de apertos, aquele ano de 2019. O aluguel era além da conta do que Domiona Silva, recém-separada, poderia pagar para morar com os três filhos em uma casa, em Mangabeira VIII, na capital. Na época, a ajuda inicialmente veio do Ministério Público da Paraíba, pelo qual ela recebeu, durante seis meses, cestas básicas que auxiliavam no sustento. Para complicar a situação, a proprietária da residência teve a iniciativa de pedir a casa. Foi nesse momento de apuros que ela começou a receber o auxílio-moradia, no valor de R$ 350, e pôde se mudar para uma casa, ainda no mesmo bairro.

O auxílio veio por meio de encaminhamento pelo Centro de Referência da Assistência Social (Cras), pela Prefeitura de João Pessoa, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes-JP). Era um valor certo, todo mês, junto às faxinas que fazia, e que vem se mantendo até hoje.

"Receber esse auxílio-moradia, para mim, está sendo muito bom, porque eu moro numa casa com aluguel de R$ 500. Então, eu, junto com meu esposo, botamos a diferença. Para mim, foi uma parte que está me ajudando muito, porque, antes, eu fazia faxina e tinha que ter aquele dinheiro no dia. Uma faxina era o quê? R$ 80. Na casa onde eu morava, era quase R$ 450 o aluguel. Eu tinha que trabalhar, fazer faxina, para chegar no dia e ter o dinheiro do aluguel. Hoje esses R$ 350 estão me ajudando muito", coloca Domiona.

■ Cerca de 2.500 pessoas aguardam na fila de espera para receber o benefício na capital paraibana

Para a manutenção do auxílio, Domiona recebe visitas a cada três meses da equipe da Sedes, que acompanha, ao longo do tempo, as mudanças e também as necessidades que possam vir a aparecer. Assim, é possível, além do auxílio-moradia, ajudar os beneficiários e beneficiárias a atingir outros programas sociais e políticas públicas disponíveis. "São pessoas que tratam a gente bem, recebem a gente bem. Eu, quando eu vou, sou bem-recebida. Elas me orientam direitinho, tem coisas que a gente não sabe, então tem que pedir orientação a elas sobre o que a gente não sabe. As assistente sociais me orientam muito bem, são muito educadas comigo. Quando eu não tenho dinheiro de passagem para assinar, eu falo que depois eu vou, aí elas dizem 'Tá certo, minha amada'. São pessoas que estão ajudando a gente", reforça Silva.

Assistência social

Atualmente, em João Pessoa, mais de 1.800 famílias são assistidas pelo Programa de Auxílio Moradia, que oferece o valor único mensal de R$ 350 para beneficiários e beneficiárias. Ainda há, aproximadamente, 2.500 pessoas na fila de espera pelo benefício. Um outro exemplo, além do de Domiona, é o caso de 35 famílias que ocuparam, recentemente, o prédio Nações Unidas, no Centro de João Pessoa, e que, por conta de reforma no prédio, precisaram ser retiradas. Nesse caso, enquanto o prédio está sendo reformado, as famílias estão recebendo provisoriamente o auxílio-moradia. A construção está sendo remodulada dentro do programa Minha Casa Minha Vida Retrofit e, quando finalizado o período de ajustes, as famílias retornarão ao local com estrutura de moradia e casa própria.

O coordenador do Programa de Auxílio Moradia, Luciano Camilo, explica que as situações de auxílio têm início com protocolo em uma sede dos Cras, tendo início com o cadastro das demandas junto a uma das unidades dos centros. Nelas, as equipes técnicas realizam um primeiro atendimento para identificar a elegibilidade inicial da família. Isso feito, o pedido é formalizado e encaminhado ao setor responsável do programa.

"No setor, o processo é analisado por uma assistente social, que realiza avaliação detalhada da situação socioeconômica da família, baseada nos parâmetros normativos da Lei Municipal nº 13.776. Essa análise compreende a verificação de documentos comprobatórios, visita domiciliar, quando necessário, e a aplicação de instrumentos técnicos, como estudos e pareceres sociais", explica Camilo. Segundo ele, após a análise, caso a família atenda aos critérios previstos na legislação, o benefício é autorizado e a família passa a receber o valor financeiro correspondente, de acordo com os prazos e condições estabelecidos pelo programa. "Todo o procedimento é registrado em sistema próprio e segue orientações específicas para garantir a transparência e a conformidade com a legislação vigente", completa.


Foto: Divulgação/MDR
Famílias que recebem auxílio-moradia também são incluídas em programas habitacionais para aquisição da casa própria

Regras garantem uso para fins residenciais

Para receber o auxílio-moradia, as famílias precisam se encaixar em determinadas situações, de acordo com o que dispõe a Lei nº 13.776, de 4 de julho de 2019. Os casos podem ser: famílias inseridas em projetos de reassentamento, cujas moradias estejam em situação de risco ou que precisam ser removidas por projetos de intervenção e urbanização municipal; famílias cujas moradias precisem ser removidas por obras de interesse público; famílias desabrigadas por destruição ou interdição; famílias desabrigadas temporariamente por necessidade de reconstrução de unidade habitacional; famílias em situação de vulnerabilidade social, com busca comprovada no Sine, participação em cursos profissionalizantes, em curso de alfabetização ou de elevação de escolaridade, e/ou matrícula regular e assídua dos filhos em creche ou escola.

O auxílio-moradia deve ser utilizado, exclusivamente, para pagamento de aluguel de imóvel residencial, não coletivo, de propriedade particular, localizado em João Pessoa, com adequadas instalações elétricas e hidráulicas, com condições positivas de salubridade, ventilação, iluminação e estabilidade estrutural, de tamanho adequado ao número de membros da família que o habitará.

Também são alguns dos requisitos para a inclusão no programa, a depender do caso: residir em João Pessoa e ter renda familiar média igual ou inferior a ¼ do salário mínimo.

Saiba Mais

■ Qual a duração do auxílio-moradia?

De acordo com a lei municipal, a duração do benefício pode variar a depender da situação da família. No caso de reassentamentos, a duração segue até o fim do processo. Em situações de remoção em razão de projetos de intervenção e urbanizações públicas, até a entrega da unidade habitacional que será ocupada pelas famílias removidas. Para quem passou por situações emergenciais ou de calamidade pública, segue até que cesse o estado de emergência. Nos casos de necessidade de reconstrução de um imóvel — como é o caso das famílias do prédio Nações Unidas —, pelo prazo de um ano, prorrogável por igual período. Já em situações em que a família esteja em situação de extrema vulnerabilidade social, pelo prazo de seis meses, podendo ser prorrogado por igual prazo, quando atestada a necessidade e desde que se mantenham as condições de concessão.

UN Informe DA REDAÇÃO

MUSEU DA PARAÍBA É O PRIMEIRO NO PAÍS A INTEGRAR REDE DE PESQUISAS DAS AMÉRICAS

O Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa, em João Pessoa, passa a integrar a Rede de Pesquisas das Américas (Arenet) — é o primeiro museu brasileiro a fazer parte da rede que, entre outras atribuições, promove o intercâmbio e a colaboração entre acadêmicos, estudantes e instituições por meio de programas inovadores de pesquisa. A troca de experiências, melhorando ainda mais as políticas públicas em prol do fortalecimento do artesanato, e a maior divulgação do segmento são os benefícios mais imediatos com a conquista. O Museu do Artesanato Paraibano abriga mais de mil peças, refletindo a rica produção artesanal de todas as regiões, sendo regência na promoção e preservação do patrimônio cultural do Estado, e gerando renda para centenas de artesãos — além de expor, o Museu do Artesanato Paraibano também atua na comercialização das obras. Primeira-dama do Estado e presidente de honra do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), Ana Maria Lins comemorou mais esta conquista do segmento. "Essa notícia nos deixou muito felizes, porque o nosso artesanato será ainda mais conhecido. É mais um grande resultado dos investimentos que o Governo do Estado tem feito pelo artesanato paraibano desde a primeira gestão do governador João Azevêdo, que têm beneficiado muitas famílias que vivem dessa arte, que é cultura, mas também geração de renda, como diz o governador", observou.


Foto: João Pedrosa

AGENDA CHEIA

O prefeito de Mamanguape, Joaquim Fernandes, parece estar disposto a turbinar a economia do município. Ele passou a última semana reservando tempo especial para se reunir com instituições que possam dar alguma contribuição nesse sentido. Por exemplo, o turismo foi a pauta da reunião com equipe do Sebrae, enquanto, no Banco do Nordeste, Fernandes preocupou-se com a oferta de crédito e investimentos voltados aos comerciantes.

FOLIA MAIS CEDO

O secretário-executivo de Turismo de João Pessoa, Daniel Rodrigues, saiu em defesa de desfiles de blocos de rua também no turno da manhã, e não apenas à tarde e à noite, bem como da adoção de um horário mais cedo para os desfiles do Folia de Rua. "João Pessoa tem essa característica de ser uma cidade tranquila, de famílias, onde as pessoas dormem cedo e acordam cedo", justificou ele. "Mas ainda é algo a ser construído", completou.

TRANSPARÊNCIA

A administração do Tribunal de Justiça da Paraíba publicou 94 editais no biênio 2023–2024. Só no ano passado foram 67. As publicações divulgaram informações referentes à movimentação na carreira da magistratura, a maioria voltada para promoção e remoção de juízes do primeiro grau de jurisdição (entrâncias inicial e final), de forma a otimizar e aperfeiçoar a prestação jurisdicional.

MPPB EMPOSSA SERVIDORES

O procurador-geral de Justiça, Antônio Hortêncio Rocha Neto, dará posse, amanhã, a 10 novos servidores aprovados no 5º Concurso Público para Servidor Efetivo do Ministério Público da Paraíba. A posse será realizada às 10h, no auditório da sede da Promotoria de Justiça de João Pessoa. Serão empossados quatro analistas ministeriais da área de tecnologia da informação e seis técnicos ministeriais sem especialidade.

COOPERAÇÃO TÉCNICA

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) firmou com a Cagepa um convênio de cooperação técnico-científica e acadêmica para a execução do projeto de pesquisa "Rumos à transformação digital: implantação da gestão arquivística de documentos na Companhia de Água e Esgotos da Paraíba". A inicitiva visa assegurar a integração dos fluxos documentais em ambientes digitais e não digitais.

IFPB OFERECE CURSOS SUPERIORES GRATUITOS A DISTÂNCIA PELA UAB

O Instituto Federal da Paraíba abriu oportunidades para cursos de graduação gratuitos a distância, oferecidos pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). Os interessados podem se inscrever no período de 28 de janeiro a 28 de fevereiro, exclusivamente pela internet, com ingresso no primeiro e segundo semestres letivos de 2025. Os cursos são de Licenciatura em Pedagogia e em Computação.

Petrônio Rolim
Superintendente da Lotep-PB

“A transparência é um valor central para nós”


Foto: Leonardo Ariel

Prestes a completar 70 anos, Loteria do Estado da Paraíba foca em modernização e promoção da responsabilidade social

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

No dia 2 de abril deste ano, a Loteria do Estado da Paraíba (Lotep-PB) celebra 70 anos de atuação ininterrupta, marcada por uma trajetória de adaptação constante, responsabilidade e inovação. Ao longo dessas décadas, a Lotep-PB tem se consolidado como uma autarquia estadual de credibilidade, sempre buscando zelar pelo jogo responsável e garantir a transparência em suas atividades. Em 2020, um marco importante aconteceu: a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que reconheceu as loterias estaduais como serviço público, o que proporcionou um novo crescimento e o aprimoramento para a instituição. Além de seu compromisso com a responsabilidade social, a Lotep-PB tem se dedicado ao apoio de programas nas áreas de saúde, educação, esporte e assistência social, destinando recursos para o bem-estar da população paraibana. Neste ano, um dos grandes projetos da Lotep-PB é a inauguração de um estúdio moderno na Rádio Tabajara, em parceria com a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), para realizar sorteios e promover ainda mais a transparência das suas ações. Para falar sobre esses avanços e sobre o futuro da Lotep-PB, entrevistamos o superintendente da instituição, Petrônio Rolim, que nos conta mais sobre os desafios e as metas para os próximos anos.

A entrevista

■ *Como a Loteria do Estado da Paraíba tem se adaptado ao longo de quase 70 anos de atuação, especialmente após a decisão do Supremo Tribunal Federal, que reconheceu que os estados podem explorar atividades lotéricas?*

A Lotep-PB tem se adaptado com responsabilidade e inovação. A Loteria do Estado da Paraíba foi criada em 1955 e, em 2025, completa 70 anos de operação ininterrupta. Desde 2020, com a decisão do STF que reconheceu as loterias estaduais como serviço público, a Lotep-PB cresceu significativamente, consolidando-se como uma autarquia estadual com autonomia, trabalhando para garantir um jogo responsável. A partir de 2020, a Lotep-PB passou a priorizar o jogo responsável e a trabalhar com operadores privados, por meio de contratos, garantindo que as empresas envolvidas sejam idôneas e cumpram normas estabelecidas. Além disso, os recursos obtidos com a loteria são aplicados em benefício da sociedade paraibana, contribuindo para o desenvolvimento de várias instituições e projetos no estado. A Lotep-PB tem adotado uma postura responsável, buscando mitigar os prejuízos do jogo, e firmado parcerias com diversas localidades e instituições, como São José de Piranhas, Cabedelo e a Mata da Amem, por meio de termos de cooperação. O trabalho da Lotep-PB reflete o seu compromisso com a sociedade e com a promoção de práticas de jogo seguras e responsáveis. Temos buscado adaptar nossa estrutura para acompanhar as mudanças legais e garantir que nossa atuação seja sempre voltada para o bem-estar da sociedade paraibana.

■ *De que forma a Lotep-PB contribui para o bem-estar social da população paraibana e como a destinação de recursos é gerida para os programas de assistência, educação, saúde e desportos?*

A Loteria do Estado da Paraíba tem a responsabilidade de contribuir na mitigação, na diminuição dos prejuízos que o jogo, porventura, possa trazer. E aqui eu não posso deixar de falar: o jogo deve ser visto como entretenimento e não como uma forma de enriquecimento, mas, muitas vezes, algumas pessoas não entendem. É por isso que a Lotep-PB existe: para tentar afirmar a condição de jogo responsável como um entretenimento. Então, temos o dever de aplicar os recursos obtidos com a atividade lotérica junto às instituições sociais. Instituições sociais essas que, literalmente, preocupam-se com as pessoas. Então, a gente tanto tem investido na mídia — para fazer patente essa questão do entretenimento, da vinculação da atividade lotérica aos critérios traduzidos pelo jogo responsável — como em pessoas. Quando a gente fala em investir em pessoas, fala em trabalhar com instituições sociais, esporte e cultura. Todos esses segmentos relacionados ao bem-estar das pessoas estão sendo contemplados. A Lotep-PB tem essa missão e assim o faz cumprir.

■ *Quais são os principais desafios enfrentados pela Loteria do Estado da Paraíba na regulação e fiscalização das atividades lotéricas em todo o território estadual?*

A legislação que regula a Lotep-PB foi atualizada em 2023 e trouxe muitos avanços. A nossa estrutura de fiscalização é robusta, conta com uma gerência técnica e de fiscalização que acompanha as melhores práticas para a atividade, além de fiscalizar e garantir a conformidade das operações. A estrutura também inclui um Conselho Administrativo, composto por órgãos como a Secretaria da Fazenda, a Segurança Pública e a Procuradoria-Geral do Estado. Além disso, a Loteria é monitorada por órgãos de controle, como o Ministério Público Estadual. Com o avanço da tecnologia, a Loteria do Estado da Paraíba passou a lidar com apostas virtuais, como as de cota fixa — as chamadas *bets* —, realizadas por meio de eventos reais, como jogos e vaquejadas. A Lotep-PB precisa entender como funcionam as plataformas virtuais e os meios de pagamento associados a essas apostas, garantindo que os sorteios sejam realizados conforme o plano de jogo aprovado. A fiscalização inclui a verificação dos percentuais de premiação e dos lucros operacionais informados pelas plataformas, assegurando que o jogo respeite as normas de responsabilidade e seja considerado um entretenimento legítimo. Os recursos gerados pelas apostas são destinados a benefícios sociais, visando mitigar os impactos negativos do jogo na sociedade.

■ *E como tem atuado para combater fraudes e garantir a transparência na homologação dos resultados das apostas?*

A transparência é um valor central para nós. Temos um Conselho Administrativo que inclui órgãos como a Procuradoria-Geral do Estado e a Secretaria da Fazenda, além de um assento do Ministério Público. Todos os processos da Lotep-PB são monitorados de perto, com acessos abertos aos órgãos de controle, como o Ministério Público e a Secretaria da Segurança. Além disso, nossos documentos são digitalizados e disponibilizados no sistema PBDoc, um ambiente eletrônico no qual qualquer órgão de controle pode acessar informações em tempo real. Isso garante que todos os procedimentos sejam registrados de forma clara e inalterável, proporcionando total transparência e a confiança da população. Com a evolução do mercado de apostas, que agora envolve plataformas virtuais e eventos reais, como jogos esportivos e vaquejadas, a Lotep-PB precisou se adaptar para entender e fiscalizar essas novas tecnologias e os meios de pagamento envolvidos. O jogo, a princípio, era totalmente analógico, com sorteios realizados por máquinas que fazem parte do patrimônio da loteria. Mas, hoje o cenário mudou completamente; os sorteios e as apostas são realizadas com base em eventos reais, a exemplo da aposta de cota fixa. Então, é preciso que a Lotep-PB tenha o conhecimento de como essas plataformas virtuais acontecem e tudo isso em relação com os meios de pagamento. Estamos totalmente atentos a essa realidade, conversando com as plataformas que realizam essas apostas ou sorteios, como também com os meios de pagamento. Quando a gente analisa o meio de pagamento, que é literalmente um banco, a gente passa a ter conhecimento do que entra e do que sai, do *check-in* e do *check-out*. Então, quando autoriza um sorteio, quando permite a realização do sorteio, a gente tem o conhecimento de como é que funciona a plataforma e como é que funciona o meio de pagamento. E, a partir daí, a gente passa a fiscalizar se aquilo que foi apresentado no plano de jogo está se efetivando, se o percentual que ele prometeu de premiação está sendo pago e se o lucro bruto operacional que ele está nos informando, realmente, condiz com o informado. Em resumo, a fiscalização se concentra em garantir que o plano de jogo seja cumprido, que os percentuais de premiação e os lucros operacionais sejam transparentes e que o jogo respeite os princípios do jogo responsável.

> **Com a evolução do mercado de apostas, a Lotep-PB precisou se adaptar para entender e fiscalizar essas novas tecnologias**

■ *Como a Lotep-PB se relaciona com outras entidades estaduais e federais no que diz respeito à regulamentação e fiscalização de jogos de azar e loterias?*

A Lotep-PB é uma autarquia estadual vinculada à Secretaria da Fazenda, mas trabalha em sintonia com entidades federais, como a Secretaria de Prêmios e Apostas do Ministério da Fazenda. Participamos também do GT 76, um grupo de estudo que discute questões tributárias e o desenvolvimento do jogo no país. Este grupo inclui representantes de loterias de todos os estados e do Governo Federal, reunindo-se a cada quatro meses para discutir a evolução do setor. Além disso, a Lotep-PB é parte da Cibelai, a Confederação das Loterias em países de língua portuguesa, sendo a segunda loteria brasileira a se associar à organização. A Lotep-PB também integra a WLA [World Lottery Association], uma entidade mundial que regula as loterias, recebendo tendências e diretrizes globais sobre o setor, com ênfase no jogo responsável. A participação da Lotep-PB nesses fóruns internacionais reforça sua posição como um ator relevante no setor de loterias, representando o Brasil em eventos, como o realizado em Portugal, onde teve destaque. A autarquia também atua junto ao seu Conselho Administrativo para manter sua autonomia e promover o desenvolvimento do setor.

■ *Quais os planos de atuação da Lotep-PB para os próximos anos?*

Nosso objetivo é consolidar a atividade lotérica no estado como um serviço público de entretenimento responsável, garantindo a aplicação dos recursos arrecadados em ações sociais. Queremos também firmar a Paraíba como referência em gestão lotérica no Brasil e no exterior. Nosso lema é “Credibilidade que transforma. Confiança que inspira”. Completamos 70 anos de história com a missão de continuar contribuindo para o bem-estar da sociedade paraibana, com responsabilidade e foco na transparência e na eficiência da gestão. A Lotep-PB está focada em fortalecer sua gestão e explorar novas modalidades de jogo. Estamos finalizando um estudo para uma concessão pública, que permitirá a um único operador explorar diversas atividades lotéricas, exceto as apostas de cota fixa. Já temos 15 empresas credenciadas para apostas esportivas e queremos expandir as opções de jogos no estado. Além disso, estamos desenvolvendo um estúdio na Rádio Tabajara para aprimorar a transparência e atrair novos operadores.

■ *O estúdio é uma das ações em comemoração aos 70 anos? Como funcionará?*

Estamos montando um estúdio moderno, em parceria com a EPC e a Rádio Tabajara, que será um espaço dedicado à realização de sorteios e à promoção da transparência. Com 50 m², o estúdio contará com painel de *LED* e uma infraestrutura completa para que possamos realizar sorteios de forma inovadora e segura. Esse espaço também será aberto ao público, reforçando nossa ideia de trazer mais transparência e confiança para a Lotep-PB e seus parceiros. Estamos trabalhando para inaugurar o novo espaço no dia 2 de abril, em celebração aos 70 anos da Lotep-PB. Esse será um marco importante para a autarquia, pois vamos consolidar ainda mais nossa imagem de transparência e inovação. Estamos ansiosos para abrir as portas desse novo ambiente, que, com certeza, vai atrair ainda mais investidores e parceiros para a Paraíba.

> **A Lotep-PB integra a WLA, uma entidade mundial que regula as loterias, recebendo tendências e diretrizes globais, com ênfase no jogo responsável**

ARES DO CAMPO

Capital conta com cinturão rural

Segundo o IBGE, João Pessoa abriga 538 moradores em bairros cujo modo de vida é baseado na agricultura

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

"Plantar milho, macaxeira, coentro, cebolinha. Não tem riqueza maior do que viver da terra". As palavras de Maria Ferreira dos Santos, mãe de três filhos e nascida em uma família de agricultores, traduzem com simplicidade o que significa ser "do campo" em uma cidade em plena expansão como João Pessoa. Pouca gente imagina, mas a capital paraibana tem um cinturão rural que abriga 538 moradores, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Situada ao sul, na divisa com Conde, englobando áreas como Gramame, Cuiá, Valentina Figueiredo, Colibris, e Paratibe, a região é palco de histórias marcadas não só pela forte conexão com a terra, mas também por desafios como a falta de chuva e o avanço da urbanização.

Foto: Arquivo pessoal



Não me imagino fora desse lugar. Tudo que eu construí foi aqui, nesse pedacinho de chão

Maria Ferreira dos Santos

Trabalho na roça

Maria dos Santos cresceu com as mãos na terra. Filha de agricultores e uma entre seis irmãos, ela aprendeu desde cedo que a vida no campo é feita de ciclos: plantar, cuidar e colher. Aos nove anos, deixou a região de Guruji, próxima ao Conde, para viver em João Pessoa. Hoje, com 35 anos, ela reside em um terreno de 2,5 hectares em Gramame, na Zona Sul da cidade, onde cultiva de tudo um pouco. Além da horta com coentro e cebolinha, também planta tomate-cereja e milho, que é seu orgulho. "Eu amo plantar milho. Chega no São João, é fácil de vender. Nossos vizinhos vêm comprar aqui, nem preciso me deslocar para vender na feira. É milho quebrado na hora", conta.

Casada e mãe de três filhos — uma jovem de 18 anos, um adolescente de 15 e uma menina de 12 —, a agricultora carrega consigo o orgulho de sustentar sua família com o trabalho do campo. "Não me imagino fora desse lugar. Tudo que eu construí foi aqui, nesse pedacinho de chão. E estou conseguindo minhas coisas, eu vivo bem, não me aperreio com nada", reflete com serenidade.

Mas, mesmo com tanto amor pelo que faz, o cotidiano de Maria não é fácil. A falta de chuva é uma preocupação constante, mas não a única. "Meu medo é que um dia alguém venha aqui e diga que essa terra não é nossa. Tudo o que temos está aqui", desabafa, deixando claro que a falta de regularização afeta sua tranquilidade. Não à toa, seu maior sonho é conquistar a posse do lugar onde mora há 26 anos para, enfim, assegurar o futuro de seus filhos. "O Poder Público disse para a gente não se preocupar, porque não vamos sair daqui. Mas ainda falta o papel", lamenta.



Foto: Leonardo Ariel

Região verde concentra-se na Zona Sul da cidade, em bairros como Gramame, Cuiá, Valentina Figueiredo e Colibris (foto acima)

Resistência no campo

A história de Maria Ferreira dos Santos é apenas uma entre tantas que se repetem na região. A luta pelo direito à terra não é nova, mas o tempo não diminui o impacto que essas incertezas têm na vida dessas famílias. Ivanildo Pereira, técnico em agropecuária e assessor técnico da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do Estado da Paraíba (Fetag -PB), conhece bem essa realidade.

"Há famílias vivendo há mais de 30 anos na região, trabalhando, criando filhos e sustentando a cidade com o que produzem. Mas, não têm o direito à terra reconhecido formalmente", afirma.

Números

Curiosamente, os números que ilustram o campo pessoense apresentam algumas divergências. O IBGE aponta que, dos 296.249 domicílios ocupados na capital, apenas 177 estão localizados na Zona Rural. No entanto, dados da Fetag-PB revelam que o Cinturão Verde abriga 350 famílias de agricultores de alimentos orgânicos e pequenos pecuaristas. Além disso, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de João Pessoa contabiliza 3.917 agricultores associados atualmente. Ou seja, tem mais gente plantando aqui do que as estatísticas oficiais mostram, reforçando o importante papel dessas famílias para o abastecimento da cidade.

Isso, no entanto, é apenas uma parte do problema. Ivanildo alerta que a agricultura em João Pessoa tem enfrentado um decréscimo expressivo por conta da especulação imobiliária. "Apesar de ainda termos uma boa influência de agricultores familiares, ela foi perdendo espaço. Nessa região, temos o que 'restou' da agricultura em João Pessoa", explica. E as consequências desse cenário não impactam apenas os produtores rurais. Como ele bem diz, à medida que a cidade cresce e expulsa os agricultores do campo, o abastecimento também fica comprometido. "Começa a faltar alimento para a própria cidade", complementa.

Por isso, Ivanildo é categórico ao reforçar a importância de valorizar quem trabalha no campo. "Sem o agricultor, a cidade não come". Para ele, proteger essas áreas e os agricultores que nelas resistem é o caminho para garantir que histórias como a de Maria continuem existindo.

Iniciativas que plantam futuro e colhem sustentabilidade

Apesar desses desafios, iniciativas locais, como o projeto Eu Posso Semear, da Prefeitura de João Pessoa, têm buscado fortalecer a agricultura familiar e, por consequência, melhorar a qualidade de vida das comunidades rurais. Atualmente, são 350 famílias assistidas pelo programa só na região. Adriano Vasconcelos, engenheiro agrônomo e diretor de Agricultura Familiar e Pesca da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho (Sedest), destaca que o local é um exemplo de resiliência e potencial produtivo. "Embora pequena, é uma área bastante significativa. À medida que começamos a produzir, vemos o quanto ela é produtiva e rica. E seu impacto no abastecimento também é significativo", analisa.

Uma das principais ferramentas de apoio voltadas ao campo é o Cadastro de Agricultor Familiar (CAF), que funciona como um documento de identificação fundamental para acessar políticas públicas e linhas de crédito. Adriano explica que, a partir desse cadastro, o agricultor familiar passa a ter acesso a todos esses benefícios, sendo o ponto de partida para um acompanhamento técnico completo. "Além de emitir o documento, a gente dá incentivo a toda cadeia produtiva, desde a identificação dos produtores até a limpeza, avaliação e preparo do solo", conta o engenheiro agrônomo. Dessa forma, a equipe do Semear consegue acompanhar de perto o trabalho desses agricultores, oferecendo orientações detalhadas sobre como otimizar o cultivo e maximizar a produtividade de forma sustentável.

A sustentabilidade, aliás, também está entre as prioridades do município, que incentiva, nesse contato direto com os agricultores, a adoção de práticas que respeitem o meio ambiente. "Todos os nossos produtores já utilizam práticas sustentáveis. Procuramos sempre trabalhar com consórcios ou formas de produção que não impliquem em derrubadas ou desmatamentos", detalha Adriano.

Além de oferecer suporte técnico, o projeto incentiva a comercialização direta dos alimentos por meio das feiras agroecológicas, uma iniciativa que aproxima agricultores e consumidores ao eliminar possíveis intermediários. É exatamente nessas feiras que Maria Ferreira dos Santos, a agricultora de Gramame, encontra mais do que uma oportunidade de vender seus produtos: ela vê seu trabalho ser reconhecido a cada elogio recebido. "Quando alguém chega na feira e diz que a macaxeira está boa, isso renova a gente. Mostra que o que fazemos tem valor", conta, com brilho nos olhos.



Foto: Divulgação/Sedest

Itens produzidos pelos moradores do cinturão verde pessoense são vendidos em feiras

Planejamento

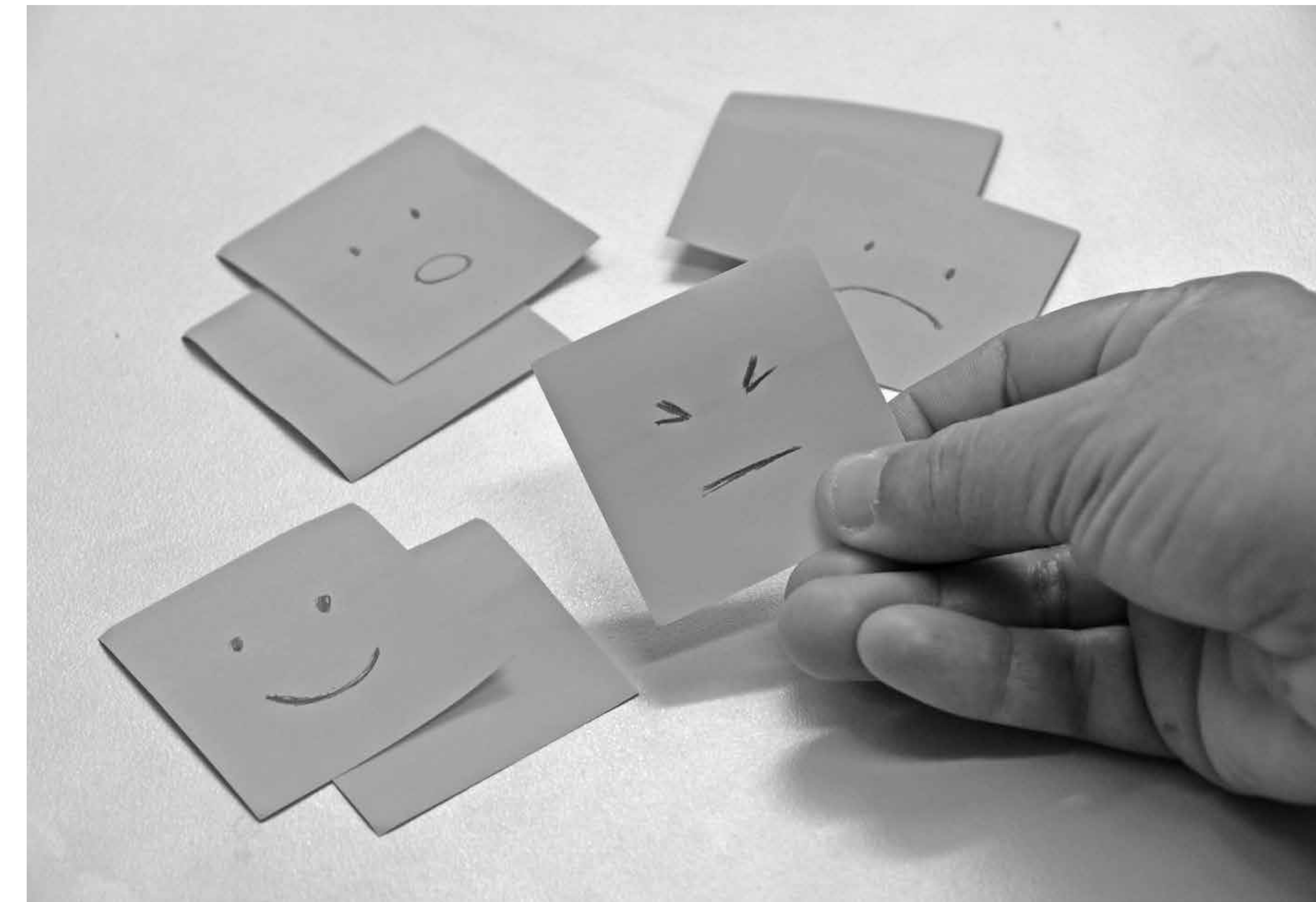
Os desafios enfrentados por Maria e tantos outros agricultores familiares que colorem a borda da cidade com suas plantações — faça chuva ou faça sol — refletem a ausência de um planejamento urbano que integre, de forma inteligente e inclusiva, a Zona Rural ao crescimento de João Pessoa. Proteger áreas destinadas à agricultura não é apenas uma questão de sustento para essas famílias, mas também de assegurar um crescimento sustentável para a capital. Adriano Vasconcelos, da Sedest, destaca que o Plano Diretor atual classifica a região como uma "macrozona de baixa densidade", estabelecendo barreiras significativas contra a especulação imobiliária. "Assim proibimos que construam qualquer coisa lá. Tem que ser algo voltado à agricultura", explica Adriano, enfatizando que essa classificação busca preservar a vocação rural da área.

BORDERLINE

Condição afeta relação interpessoal

Paciente diagnosticado com o transtorno apresenta um padrão comportamental de grande instabilidade emocional

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com


Foto: João Pedrosa

Sofrimento psíquico inclui o medo intenso de abandono, abrindo espaço para sentimento de pânico, raiva intensa, automutilação e compulsividade

Conviver com alguém diagnosticado com transtorno mental é desafiador e quando se trata de um distúrbio de personalidade a situação pode ser ainda mais complexa. Um desses casos é o Transtorno de Personalidade Borderline (TPB), caracterizado por um padrão de grande instabilidade emocional, que afeta os relacionamentos interpessoais.

Segundo o médico psiquiatra Napoleão Bezerra, o TPD está dentro de vários transtornos de personalidade. "Caracteriza-se principalmente por uma instabilidade emocional da pessoa, que apresenta muita impulsividade, desagrega muito no sentido das relações interpessoais", frisou.

O psiquiatra acrescentou que essa instabilidade é demonstrada quando o paciente é submetido a conflitos, obstáculos, decepções ou frustrações. "E, muitas vezes, o paciente apresenta automutilações, no sentido de sentir culpa ou numa forma de transformar, de trocar uma dor por outra", destaca.

Napoleão Bezerra ainda fala que essa condição traz um grau de sofrimento psíquico muito intenso, que impacta o cotidiano e pode prejudicar as áreas pessoais, profissionais e acadêmicas. "Há algumas pessoas que também podem ter comorbidades associadas ao borderline, como o transtorno afetivo bipolar, e, com isso, a intensidade e o impacto da doença são maiores, até mesmo pela ciclagem, pelas variações e flutuações de humor, e o grau de impulsividade também aumenta", explica ele.

O Transtorno de Personalidade Borderline, como o próprio nome aponta, não é um transtorno de humor, mas sim de personalidade. Por isso, ele se diferencia do transtorno afetivo bipolar, que resulta da desregulação de alguns elementos cerebrais que coordenam as emoções "positivas" e "negativas". Uma pessoa com borderline também tem oscilações de humor, porém elas são mais instáveis e efêmeras, diferentemente do que ocorre no caso da bipolaridade, em que há dois polos bem marcados que duram um período maior.

"Eles podem estar associados, e outro fator que pode agravar o borderline é quando ele está associado ao uso de álcool e outras drogas de uma forma geral. Isso potencializa, intensifica os sintomas, porque essas substâncias agem no sistema nervoso central e aumentam o impulso. Então, é uma pessoa que já tem a impulsividade como um dos eixos principais, e você associa outras substâncias que aumentam ainda mais esse impulso, agravando esse contexto", destaca o psiquiatra.


Foto: Arquivo pessoal

> **Caracteriza-se principalmente por uma instabilidade emocional da pessoa, que apresenta muita impulsividade**
>
> Napoleão Bezerra

O problema também pode estar associado a quadros depressivos, de humor irritável e de labilidade emocional muito aflorada, como reforça ainda o profissional. Quanto aos fatores de risco, ele explica que podem ter fatores genéticos associados, além do estilo de vida, e o fato de a pessoa ter histórico de traumas ou abusos, o que pode impactar a área emocional. "Temos que estar atentos ao histórico familiar, mas o fator de risco principal é o uso de substâncias psicoativas, o excesso de telas e os hábitos e estilo de vida ruins", afirma Napoleão Bezerra.

■ Tratamento conta com o uso de medicação e também com psicoterapia

Diagnóstico requer avaliação prolongada dos profissionais

O diagnóstico desse transtorno deve ser feito por um profissional de saúde mental como um psicólogo ou psiquiatra. "Esse tipo de diagnóstico tem que ser feito de forma contínua, progressiva e recorrente. Na psiquiatria, a gente precisa de tempo, de avaliação contínua, para fechar um diagnóstico".

O especialista ainda explica que o tratamento deve se dar com a psicoterapia e também com o uso de medicamentos, uma vez que o paciente apresenta uma identidade muito instável. "Então, ela precisa de intervenção medicamentosa, na grande maioria das vezes, um estabilizador de humor, para controlar os impulsos, a raiva frequente e variações de humor", destaca.

Segundo o psiquiatra, a pessoa com transtorno de personalidade borderline costuma ter uma sensação de insuficiência ou incapacidade, então os medicamentos podem ajudar nesse aspecto. "Às vezes, um antidepressivo pode ser indicado, a depender do grau que a pessoa apresenta, e ansiolíticos também, a depender da forma", explica Napoleão Bezerra.

O especialista ressalta ainda a importância de se fazer uma avaliação constante. O profissional esclarece que, como uma condição crônica, o transtorno não possui cura e precisa de acompanhamento psicoterápico contínuo e do uso dos medicamentos indicados e prescritos para cada caso.

Número

No Brasil, estima-se que o diagnóstico atinja mais de dois milhões de pessoas

Saiba Mais

No Brasil, estima-se que há cerca de dois milhões de pessoas com o Transtorno de Personalidade Borderline, mas o número pode ser bem maior, já que essa projeção foi de dois anos atrás. Entre as principais características desses pacientes, estão:

- Depressão
- Autoflagelação
- Forte instabilidade de humor
- Carência
- Dificuldade de controlar a raiva
- Instabilidade da autoimagem

Família também deve fazer acompanhamento psicológico

A psicóloga Adriana de Melo destaca que conviver com as pessoas que têm esse diagnóstico não é fácil. Por isso, é importante que seus familiares também tenham acompanhamento profissional.

"É recomendado que eles também possam entender melhor esse quadro e façam acompanhamento, individual ou em família; sejam os pais ou mesmo os companheiros afetivos. Quanto aos amigos e colegas de trabalho, é importante que também saibam do diagnóstico, que possam ter um entendimento maior sobre ele, podendo colaborar na medida do possível".

Segundo ela, a sociedade, de uma forma geral, também deve debater mais sobre o tema, para que não aja exclusão, porque essas pessoas são diferentes, mas podem conviver socialmente.

Sinais na infância

As pessoas com Transtorno de Personalidade Borderline, muitas vezes, passam um longo tempo da vida até terem o correto diagnóstico, mesmo que os sinais apareçam já na infância. "São aquelas crianças com muita instabilidade, irritabilidade, que choram muito, sempre pedem muita atenção e nunca estão satisfeitas. Com isso, todo mundo coloca um olhar para ela como sendo aquela criança encrenqueira, que sempre implica com tudo. Em algum momento, isso começa a aumentar, porque há casos que o ambiente também favorece isso, como em famílias onde há muitas discussões", explica.

A profissional ainda destaca que essas pessoas costumam sentir uma carência extrema. "Elas têm essa necessidade de preencher um espaço, um vazio, e essa criança vai crescendo, causando um mal-estar na família, que começa a perceber que tem algo fora do lugar. Quando os pais percebem isso, geralmente na adolescência, procuram um tratamento, no caso a psicoterapia, e muitas vezes contam com a ajuda dos medicamentos", destaca.

A psicóloga reforça que é essencial que o paciente com borderline possa conhecer o seu funcionamento, as suas características, para evitar a exclusão social e o agravamento do quadro. "Essas pessoas também têm dificuldade de lidar com as frustrações e muito medo do abandono. Com a psicoterapia, ela pode se conhecer e se perceber melhor, identificar as situações que são gatilhos, e aprender a lidar com isso da melhor forma", afirma Adriana de Melo.



> **É recomendado que os pais ou os companheiros afetivos entendam melhor esse quadro**
>
> Adriana de Melo

FISCALIZAÇÃO NAS RODOVIAS

Roubo de cargas cresce nove vezes

Casos mais comuns incluem contrabando de cigarros e eletrônicos, drogas ilícitas e ausência de notas fiscais

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

As rodovias federais paraibanas registraram, em 2024, um aumento de 800% no número de roubos de carga e de 73,6% em relação à circulação de mercadorias irregulares sem comprovação fiscal. Quanto às cargas roubadas e, posteriormente, recuperadas pelas autoridades, foram nove ocorrências contabilizadas no ano passado, contra apenas uma em 2023; e, no caso de produtos em situação irregular, houve 217 registros em 2024, contra 125 no ano anterior. Por outro lado, considerando as ocorrências referentes a excesso de peso, observa-se uma queda de quase 22,2%: de 766 casos, em 2023, para 596 no ano passado. As informações são da Polícia Rodoviária Federal (PRF) na Paraíba, responsável pela fiscalização, pela apreensão e pelo resgate de cargas nessas estradas.

No geral, conforme os dados divulgados pela PRF, as ocorrências de autuação, apreensão e resgate de cargas com mercadorias irregulares, excesso de peso ou envolvendo roubos apresentaram uma redução entre os dois últimos anos; em 2023, os policiais rodoviários federais apuraram um total de 892 casos do tipo no estado, enquanto que, em 2024, foram anotados 822 — uma diminuição de cerca de 7,8%.

As cargas mais frequentemente identificadas como ilegais incluem contrabandos de cigarros e eletrônicos, drogas ilícitas e produtos sem nota fiscal ou falsificados. Já entre as cargas roubadas mais comumente encontradas nas rodovias federais da Paraíba, estão eletrodomésticos, combustíveis, itens de alimentação e produtos químicos, alvos recorrentes de quadrilhas especializadas.

Balanço

De acordo com a PRF, entre as principais apreensões de contrabando ou descaminho realizadas no ano passado, estão cigarros (mais de dois milhões de maços), bebidas (quase três mil litros) e equipamentos eletrônicos (80 unidades). Por sua vez, em 2023, a lista de materiais apreendidos somou cerca de 1,1 milhão de maços de cigarro, mais de 21 mil litros de bebida e 125 eletrônicos. O balanço da instituição apresenta, ainda, os números de apreensão de drogas nas rodovias federais do estado: foram 388 kg em 2024 e 676 kg no ano anterior.



Foto: Leonardo Ariel

Ao longo do ano passado, a Polícia Rodoviária Federal registrou quase 3.650 toneladas de cargas irregulares recolhidas no estado

"Os resultados recentes demonstram a eficácia das ações da PRF na Paraíba. Em 2023, foram autuadas/apreendidas mais de 5.817 toneladas de cargas irregulares, incluindo aquelas com excesso de peso, cigarros contrabandeados, mercadorias sem nota fiscal e drogas ilícitas. Em 2024, o volume de apreensões seguiu expressivo, aproximando-se a 3.650 toneladas de cargas irregulares, e as ações de resgate de cargas roubadas resultaram na recuperação de vários bens", explica a Polícia Rodoviária Federal no estado, em nota divulgada por seu Núcleo de Comunicação Social.

Sistemas de dados e aparelhos especiais auxiliam operações

As fiscalizações de rotina da PRF acontecem tanto em postos fixos como em operações móveis, complementadas por ações integradas com outras forças de segurança no estado, além de dispor de ferramentas como radares, câmeras OCR (capazes de ler placas de veículos em tempo real), básculas para pesagem, *drones* e *scanners*, que contribuem para uma identificação mais precisa de irregularidades. Nas vistorias presenciais, as autoridades promovem inspeções detalhadas da documentação, da carga transportada e das condições gerais do veículo, assegurando que ele esteja em conformidade com todas as normas legais.

As equipes de agentes mobilizadas nessas atividades são especializadas em fiscalização de transportes e repressão a ilícitos, tendo à disposição, ainda, bancos de dados integrados, como o Sistema Nacional de Alarmes (Sinal), a Rede de Integração Nacional de Informações de Segurança Pública, Justiça e Fiscalização (Infoseg) e o Registro Nacional de Veículos Automotores (Renavam) — todos auxiliam no reconhecimento de automóveis em situação irregular ou com histórico de envolvimento em crimes.

"A fiscalização de cargas desempenha um papel fundamental em diversos aspectos. No âmbito da segurança rodoviária, ela contribui para a redução de acidentes provocados por veículos em más condições ou com excesso de carga. Para os consumidores, previne a circulação de produtos ilícitos ou de qualidade duvidosa. Também representa um importante combate ao crime organizado, interrompendo rotas de tráfico de drogas, armas e contrabando. Adicionalmente, protege a receita pública, ao evitar fraudes fiscais e sonegação tributária relacionadas ao transporte de mercadorias", enfatiza a nota da PRF.

Nos casos de resgate de cargas roubadas, a PRF encaminha a ocorrência à autoridade policial responsável pela respectiva região, encarregada de registrá-la em um boletim de ocorrência (BO). As pessoas flagradas no crime são levadas à delegacia local, o veículo utilizado é apreendido e os materiais recuperados são devolvidos ao seu legítimo dono, a partir da comprovação da propriedade e da regularidade documental.

Foto: Carlos Rodrigo




Foto: Divulgação/PRF

Agentes contam com câmeras de leitura de placas e básculas para pesagem, entre outros itens; nas vistorias, verificam-se documentação, condições do automóvel e conformidade da carga

Multas nas estradas aumentam 40% nos últimos dois anos

O balanço das ações da PRF entre os últimos dois anos, na Paraíba, também indica uma alta de 40% nas multas aplicadas pela instituição: de 33.719 infrações registradas nas rodovias federais do estado, em 2023, os casos saltaram para 47.384 em 2024. Em ambos os anos, as principais infrações foram as mesmas: transitar em velocidade superior à máxima permitida em até 20% (14.088 casos em 2023 e 23.462 em 2024); conduzir veículo registrado que não esteja devidamente licenciado (5.196 casos em 2023 e 6.986 em 2024) e conduzir veículo com equipamento de iluminação e sinalização alterados (3.882 casos em 2023 e 4.713 em 2024).

Outras causas mais frequentes de multa no ano passado, conforme a PRF, incluem transitar em velocidade superior à máxima permitida em até 50%, com 4.498 ocorrências; conduzir veículo em mau estado de conservação, com 4.093 ocorrências; e conduzir sem possuir Carteira Nacional de Habilitação (CNH), Permissão para Dirigir (PPD) ou Autorização para Conduzir Ciclomotor (ACC), com 3.632 ocorrências.



Foto: Divulgação/PRF

Houve mais de 47 mil infrações na Paraíba, no ano passado

Dados nacionais

Em todo o Brasil, a PRF registrou, entre o mês de janeiro e a primeira quinzena de dezembro de 2024, 1.703 ocorrências graves de trânsito envolvendo o transporte de cargas. O número é 6,37% maior do que a soma no ano anterior, quando foram contabilizados 1.601 acidentes do tipo nas rodovias federais brasileiras. O número de mortes provocadas nesses casos também subiu, entre os dois anos, de 509 para 566 — um aumento de 11,2%.

Já em relação às multas, a PRF aplicou, entre os meses de janeiro e outubro do ano passado, mais de seis milhões delas, o que representa uma alta de quase 70% em relação ao mesmo período de 2023, quando a instituição registrou 3,9 milhões de infrações.

■ Transitar com velocidade superior à máxima permitida foi a infração mais cometida em 2024, com 23.462 ocorrências

MUSEU DA CIDADE

Casarão onde vivia João Pessoa abriga tesouros históricos

Além de objetos que pertenciam ao ex-presidente da PB, acervo do local preserva relíquias do passado da capital

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

O interesse pelo Museu da Cidade de João Pessoa tem crescido consideravelmente, desde sua fundação, em 2021. Localizado na Praça da Independência, Centro da capital, o espaço ocupa um imponente casarão, antiga residência de João Pessoa, ex-presidente da Paraíba, e foi cuidadosamente restaurado para receber o público. Com investimentos de R$ 1,3 milhão do Governo do Estado, o ambiente não apenas preserva a história, mas a apresenta de forma inovadora e interativa. Reflexo disso é que, a cada ano, o número de visitantes cresce: mais de 38 mil pessoas de 490 cidades e 36 países, além de 45 escolas e 42 universidades, já conferiram o acervo e as experiências oferecidas pelo local.

De acordo com Pablo Maia, coordenador do museu, a estrutura foi pensada para ser, de fato, uma verdadeira imersão no passado de João Pessoa. "O casarão foi todo projetado para que se pudesse apreciar a vista da Praça da Independência. E é muito comum ver os turistas encantados com a história do local e com o ambiente", explica. Além disso, as exposições do espaço não se limitam apenas a objetos históricos, mas também usam tecnologias que proporcionam um contato mais profundo com a história e a cultura da cidade.



Mostras

O acervo permanente do local é centrado na vida e na trajetória do ex-presidente João Pessoa, incluindo móveis originais de sua família — como o *bureau* de trabalho e a mesa em que ele foi assassinado em 1930, no Café Glória, em Recife (PE). Mas esses itens de grande valor simbólico são somente uma parte da narrativa oferecida pelo museu, que se estende à história do município, por meio de fotografias, obras de arte e outros objetos que retratam o estilo de vida da sociedade paraibana na década de 1920.

Além disso, o espaço recebe mostras temporárias que exploram expressões artísticas variadas. Uma das atrações mais recentes foi a coleção de 100 imagens da cidade pelas lentes do fotógrafo Antonio David.

> Público
> **Desde sua inauguração, em 2021, espaço já recebeu mais de 38 mil visitantes de 490 cidades e 36 países, além de 45 escolas e 42 universidades**

Com uma estrutura moderna e interativa, o Museu da Cidade de João Pessoa destaca-se como um centro dinâmico de preservação e divulgação do passado local. Nesse sentido, a tecnologia é usada para enriquecer as visitas, não só por meio de vídeos e livros, mas também de experiências sensoriais, permitindo que o público conecte-se de forma mais profunda com as raízes culturais da capital. "Essa variedade de exposições e experiências sensoriais tem encantado o público, que interage com a história e a cultura da cidade", afirma Priscila Lima, guia do museu, lembrando que o espaço ainda funciona como ponto de encontro para discussões culturais.

Visitas são gratuitas

Situado, mais especificamente, no palacete da parte sul da Praça da Independência, o Museu da Cidade de João Pessoa abre entre terça-feira e domingo, das 9h às 16h30, com entrada gratuita. Grupos de até 10 pessoas não precisam agendar visitas, mas caravanas com 11 participantes ou mais devem entrar em contato com a administração do local para fazer o agendamento, seja por meio do telefone (83) 99198-4612 ou do Instagram @museudacidade.jpa. Já os grupos que visitarem o local com guia turístico são dispensados desse procedimento.


Fotos: Evandro Pereira

Situado na Praça da Independência, o Museu da Cidade de João Pessoa apresenta 100 itens em exposição permanente, incluindo livros, obras de arte e objetos relacionados ao falecido governante

Cômodos residenciais do antigo líder político são reconstituídos

Projetado pelo engenheiro Souto Barcelos, originalmente, para ser a residência do comerciante Tranquilino Monteiro, um importante nome do comércio de algodão na época, o imóvel que abriga o museu ganhou notoriedade como o lar de João Pessoa, presidente da Paraíba entre os anos de 1928 e 1930, que lá passou boa parte de sua vida. "Esse casarão não é apenas um prédio antigo, mas um testemunho de um momento marcante da história paraibana", ressalta Pablo Maia.

Composto por 100 peças distribuídas em diversos ambientes, o acervo permanente do museu permite ao visitante mergulhar no passado pessoense e compreender sua evolução. Na Sala Mangueira, por exemplo, o público pode contemplar a sala de jantar de João Pessoa, com vista privilegiada para a Praça da Independência. Ao lado, a Sala Cajueiro oferece uma reconstituição do dia da morte do presidente, com a mesa em que ele sentava quando foi assassinado, em 1930, na capital pernambucana — o que cria uma atmosfera única de imersão histórica.

Já na Sala Pitombeira, os visitantes podem explorar as mudanças arquitetônicas da cidade, por meio de fotografias e de aquarelas escolhidas pelo poeta paraibano Juca Pontes, falecido em abril de 2023, que capturam a transformação de João Pessoa ao longo dos anos. O museu também oferece a oportunidade de conhecer o espaço de trabalho do presidente, com seu *bureau*, onde ele dedicava grande parte do seu tempo às questões políticas.

Para completar a experiência, o Terraço Coqueiro oferece uma vista deslumbrante do Centro da cidade, além do Terraço Guajiruzeiro, que proporciona uma visão panorâmica da Praça da Independência. "Cada espaço do museu foi cuidadosamente planejado para contar uma parte importante da história de João Pessoa e do casarão, criando uma verdadeira viagem no tempo", conclui o coordenador do empreendimento.





Em meio a recursos tecnológicos que aprofundam a experiência dos visitantes, lugar mantém a mesa de jantar em que João Pessoa foi morto, em 1930

Neste verão, média diária de visitantes já subiu para 100

Durante o atual período das férias de verão, o Museu da Cidade de João Pessoa tem experimentado um aumento significativo na procura, tanto por parte de turistas quanto de moradores da capital. Conforme a guia Priscila Lima, o espaço vem recebendo uma média de 100 visitantes por dia, e estima-se que mais de três mil pessoas tenham passado por ele em janeiro, "já que estamos funcionando até aos fins de semana".

Pablo Maia destaca, por sua vez, que, enquanto em meses regulares o público é predominantemente composto por alunos e turistas, em janeiro, o perfil de visitantes foi diferente, sendo formado, principalmente, por pessoas vindas da Região Sudeste, "que estão buscando conhecer mais sobre a cidade e sua história".

> **"Sou historiadora e achei essa imersão incrível. Por mim, passaria o dia inteiro aqui**
>
> Carolina da Cruz

De fato, a crescente demanda é reflexo do aquecimento do turismo local e de um maior interesse pelo passado da capital paraibana, que tem atraído cada vez mais brasileiros e estrangeiros. Segundo o coordenador do espaço, agências de viagens vêm se mostrando, inclusive, mais interessadas em incluir o museu em seus roteiros turísticos por João Pessoa. "Temos percebido um aumento no número de parcerias com guias locais e até de outros estados, como o Rio Grande do Norte, que, toda semana, trazem grupos de turistas do Brasil e de outros países", comenta Pablo.

O casal Pedro e Carolina da Cruz, por exemplo, fechou seu pacote de viagem com uma agência pessoense e se encantou com a opção da visita ao lugar. Eles são de Minas Gerais e escolheram João Pessoa para comemorar sua lua de mel. "Eu sou historiadora e adoro conhecer a história dos locais que visito. Achei essa imersão incrível. Por mim, passaria o dia inteiro aqui", declarou Carolina.

Para atrair ainda mais visitantes, o Museu de João Pessoa passará, neste ano, por mais uma reforma. Mantendo toda a arquitetura original do espaço, o projeto deverá instaurar uma minissala de cinema e repaginar parte da exposição permanente.

> Agências de viagens de outros estados também têm incluído o museu em seus roteiros turísticos pela capital

MÚSICA

Oitenta, não: "oitentação"

Com oito décadas recém-completadas, Geraldo Azevedo lembra sua trajetória para ***A União****: "Depois de velho, comecei a aprender a cantar de verdade"*

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

No ano passado, grandes nomes da música popular brasileira cruzaram a casa dos 80 anos — foi o caso de Chico Buarque, Marcos Valle, Edu Lobo e Wanderléa. Neste ano, o abre-alas do bloco dos octogenários ficou a cargo de Geraldo Azevedo, com oito décadas completadas no último dia 11 de janeiro. Em entrevista exclusiva para **A União**, Geraldo passeou por sua trajetória de quase seis décadas como músico, conversando sobre as influências que moldaram seu estilo, os percalços enfrentados durante o percurso, bem como os planos para o futuro.

"Meu negócio é cantar", diz Geraldo, com a simplicidade de quem encara o palco como extensão de sua vida. Em território continental como o Brasil, o verdadeiro trabalho está, para o músico, nas viagens, parte considerada como a mais árdua de sua profissão. "Eu sempre digo que meu trabalho é viajar, porque cantar, para mim, não é trabalho", completa.

Sua ligação com a Paraíba sempre foi muito forte, até porque, por aqui, o artista construiu parcerias de grande importância para sua carreira. "Fiz muitos trabalhos com o Jackson, com o Sivuca, além da minha parceria com o Zé Ramalho e Vital Farias". E como esquecer o cantor e compositor paraibano Tadeu Mathias, que substituiu Geraldo no icônico show *Baião de Dois*, em João Pessoa, ao lado de Elba Ramalho? "Quando chegou ao Rio —, eu me lembro que dividi o apartamento com a Elba — ele veio morar com a gente. Era nosso hóspede. Ele é um cantor muito grande, me dá muita luz", relembra.

Geraldo conta que, nos últimos anos, Tadeu passou a lhe acompanhar semanalmente, ministrando aulas de técnicas vocais para o aperfeiçoamento do cantor. Ele comenta que, quando via Moraes Moreira cantando, manifestava o desejo de cantar ainda melhor. "Depois de velho, comecei a aprender a cantar de verdade", brinca.

A relação com o público, construída em décadas de apresentações, é alimentada por uma produção musical que transita entre o regionalismo nordestino e influências diversas da música universal, destacando a Bossa Nova como fundamental para o seu cancioneiro.

Filho da Bossa

É de 1966 a carteira da Ordem dos Músicos de Geraldo. Ganhou seu primeiro violão aos cinco anos, mas só começou a tocar para valer aos 16, quando entrou na banda Sambossa, oriunda de sua cidade natal, Petrolina.

O convite partiu do saxofonista e organizador do grupo Fernando José Rego, considerado como seu primeiro mestre. "Ele me viu tocando e, como eu comecei muito pela Bossa Nova, ele me convidou". A partir dali, o compositor não parou mais de estudar, como autodidata, sobre a sua maior paixão — a música.

Por intermédio de Fernando, conheceu Edésio dos Santos, contemporâneo de João Gilberto, a quem Geraldo, ainda com 16 anos, logo foi apresentado. Na ocasião, João Gilberto viajava para Juazeiro em visita ao pai, que estava doente. Geraldo guarda na memória os detalhes visuais daquele grande encontro: "Eu encontrei João empurrando uma bicicleta. Não estava nem pedalando. 'Vamos marcar esse encontro para amanhã'. Mas, infelizmente, naquela noite, o pai dele morreu e não houve o prazer de apertar a mão de João".

No entanto, nos primórdios da telefonia celular, ainda chegou a conversar muito com o violonista por telefone, "até o bicho esquentar no pé do ouvido". João perguntava acerca de detalhes como a origem de "Barcarola do São Francisco" (1998), ao que Geraldo respondia tímido: "'Olha, tudo que eu fiz foi ouvindo você. E, particularmente, ouvindo o Rio São Francisco'. Ele riu. Eu sempre achei que a Bossa Nova nasceu no Rio São Francisco".

Ao longo das muitas noites de serenata para conquistar uma namorada aos 12 anos de idade, colocava no repertório os vozeirões da época, como Nelson Gonçalves, e terminava a investida com canções da Bossa Nova, um gênero que traduz bem o intimismo geraldiano na música.

Depois deu-se à absorção do Nordeste em sua obra. Quando foi para o Rio de Janeiro, começou a prestar mais atenção em Luiz Gonzaga e em Jackson do Pandeiro. "Eram músicas que faziam parte da minha vida, mas eu não dava tanta importância, até chegar aqui", reconhece.

Adorava os cantos folclóricos e religiosos da região, os cantos de trabalhadores, das casas de farinha, mas também soube se abrir às influências do mundo. Encantava-se com as trilhas de Hollywood, com as músicas de Bob Marley, dos Beatles, além de apreciar o *jazz* de Thelonious Monk e as eruditas de Bach, Tchaikovsky, Debussy e Ravel.


Foto: Divulgação

Geraldo Azevedo: carreira começou aos 16, no grupo Sambossa

Anos de chumbo

Foram muitos desafios. Ao chegar as Rio, Geraldo começou a acreditar no sonho de ser compositor, perseguindo o objetivo com mais consistência e segurança. Só essa tomada de decisão já era, por si só, um desafio, mas havia outras pedras no caminho.

"Já comecei no desafio de ter começado minha carreira numa época de um regime totalmente autoritário, que era a Ditadura. Eles sempre achavam que a cultura era de comunismo. A dimensão sempre era essa. É tanto que, naquele tempo, tudo que a gente fazia ia para a censura. A gente tinha que fazer pensando em ser aprovado pela censura", rememora.

Detido por 41 dias pelos militares, Geraldo afastou-se por um tempo da música, retornando por incentivo de Alceu Valença, a quem foi apresentado em um dia branco de ideias. Na manhã seguinte, depois do café, os dois já estavam compondo "Talismã" (1972).

Preso pela segunda vez, ocasião em que foi torturado por dois militares, refletiu profundamente sobre os rumos de sua vida e decidiu, com plena convicção, que seu caminho pertencia à música. "Eu os perdoo, só não quero que volte esse tipo de regime nunca mais".

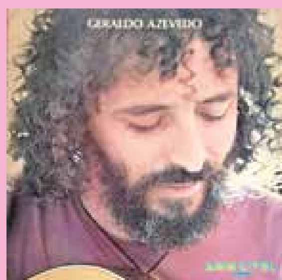
Em paz

Com músicas que atravessam décadas, construindo a trilha sonora de gerações, Geraldo atesta ser muito difícil gravar canções novas, dado que o público sempre deseja ouvir as canções que marcaram a história de suas vidas. Mesmo assim, o músico gravou, no ano passado, "Estou em paz", numa demonstração clara de sua paixão pela composição.

O sonho mais recente de Geraldo é lançar, ainda neste ano, um novo álbum, com composições inéditas. "Penso em fazer um álbum duplo; um com arranjos, orquestrações, e o outro com voz e violão".

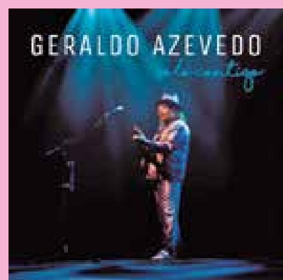
O Grande Encontro, show que revive os sucessos da série de álbuns homônima em que Geraldo toca com Elba, Alceu e Zé Ramalho, é um show que continua sendo realizado há sete anos — com a participação dos parceiros, exceto Zé Ramalho. Grato pela vida, Geraldo lançará mais uma canção no período do Carnaval, na qual enaltece o dom de existir. E arremata: "Não é oitenta, é 'oitentação'. Hoje eu tenho uma gratidão muito grande à vida, da música ter me escolhido, pois foi ela que me escolheu".













Imagens: Divulgação

Discos memoráveis: "Quadrafônico", com Alceu Valença (1972); o primeiro solo (1977); "Cantoria", com Elomar, Vital Farias e Xangai (1984); "O Grande Encontro", com Alceu, Zé Ramalho e Elba Ramalho (1996); "Solo Contigo", de 2019; e "Violivoz", com Chico César (2023)

EDIÇÃO: Renato Félix
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Quando tem que ser...

Circunstâncias adversas podem carregar boas oportunidades. A prisão do filósofo e matemático Bertrand Russell, em 1918, devido a manifestações pacifistas contra a participação do Reino Unido na Primeira Guerra Mundial, possibilitou que se dedicasse durante seis meses à criação do livro *Introdução à Filosofia da Matemática*. Newton, por sua vez, elaborou a teoria da gravidade durante um período de quarentena que foi provocada por um surto de peste bubônica.

É certo que, quando uma grande oportunidade aparece, e é bem aproveitada, pode mudar radicalmente a nossa vida. Na década de 1970, em busca de uma carreira nacional, Belchior foi morar em São Paulo. Sem recursos financeiros, um amigo deixou que morasse numa casa que estava em reforma, junto com os trabalhadores da obra. Foi uma época de bastante privação. Faltava dinheiro para necessidades básicas, como alimentação e transporte.

A sorte começou a girar depois que Vinicius de Moraes e Toquinho apresentaram, meio por acaso, Elis Regina a Belchior durante uma gravação de estúdio. Ela tinha ouvido muitas coisas boas sobre o artista sobralense por intermédio de Fagner, seu parceiro na canção "Mucuripe" — que naquela ocasião já tinha sido gravada por Elis. A cantora estava à procura de músicas novas, por isso convidou Belchior para ir até a sua casa gravar algumas canções. Sua intenção era fazer um novo show apenas com músicas de novos compositores.

Chance

É certo que, quando uma grande oportunidade aparece, e é bem aproveitada, pode mudar radicalmente a vida

Belchior revelou que "naquela altura estava absolutamente cheio do orgulho do pobre. Eu disse: 'Olha, eu não posso gravar uma fita pra você, porque eu não tenho violão. Eu não tenho gravador. Eu não tenho fita. Eu não tenho casa pra morar. Não adianta a senhora me convidar até a sua casa, porque eu não tenho dinheiro pra ir de ônibus'. E ela riu muito, né? E disse: 'Então, você pode ir até a minha casa hoje. Hoje eu mando um carro ir apanhar você'. Eu disse, então: 'A senhora, por favor, me mande apanhar na hora do jantar'".

Para alegria de Belchior, tudo correu bem: "E aí, naturalmente, tudo aconteceu conforme os conformes. Naquela noite, eu gravei absolutamente todas as músicas do *Alucinação*, numa fita. Ela pediu um tempinho, que ia ouvir naquele dia mesmo. Ela ria muito quando ouvia as músicas, foi até o andar de cima, ouviu as músicas... e definitivamente disse que ia gravar essas duas músicas... 'Como nossos pais' e 'Velha roupa colorida'".

Outro caso muito emblemático é o da compositora Helena dos Santos, que se tornaria parceira de Roberto Carlos. Helena era uma mulher negra, viúva, empregada doméstica, moradora de uma favela carioca, que naturalmente tinha muita dificuldade para criar sozinha os seus filhos. Ela aprendeu com o marido a fazer versos e compor canções.

Durante um tempo, perambulou pelas rádios cariocas atrás de um cantor que quisesse gravar alguma de suas músicas. Helena recebeu uma enxurrada de nãos, o que, porém, não a fez desistir. Numa ocasião mostrou a música "Na lua não há" para a cantora Rogéria, que disse que não era o estilo de música que costumava gravar. Sugeriu que Helena mostrasse a canção a Roberto Carlos, que estava no começo da carreia e em processo de gravação do álbum *Splish Splash*. Ele gostou, gravou, e a música foi um grande sucesso.

Certa vez Roberto pediu a Helena uma música romântica sobre pessoas que se amam e moram em lados opostos da cidade. O detalhe é que Helena recebeu o prazo de duas horas para compor a canção com o tema proposto. A música precisava ser gravada naquele mesmo dia, às 18h. Ela então compôs "Do outro lado da cidade" — quarta faixa do álbum *Roberto Carlos* (1969). Helena e Roberto se tornariam grandes amigos. A amizade até rendeu um livro. Roberto, ao longo da carreira, gravou 11 músicas compostas por ela.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Stravinsky contra o autoritarismo político

A arte, em suas diversas formas, desempenha uma função determinante para o desenvolvimento do senso crítico e a valorização da diversidade cultural. A música erudita, por exemplo, como a obra do compositor, regente e pianista russo Ígor Fiódorovitch Stravinsky (1882–1971) denunciava o autoritarismo político e suas consequências, como as injustiças geradas por governos antidemocráticos, incluindo o extermínio de cidadãos sob o regime totalitário de Josef Stalin (1878–1953).

Ígor Stravinsky foi um dos principais responsáveis pela transição da música do fim do século 19 para modernidade do início do século 20. Sua obra, marcada por uma constante busca por inovação, reflete as convulsões sociais da época e revela a crise dos métodos tradicionais nas artes e nas ciências. Stravinsky desenvolveu a sua carreira em três fases distintas: o período russo, o neoclássico e o serialismo.

A primeira fase das composições de Stravinsky, conhecida como o período russo, ocorreu entre 1909 e 1919. Durante esse período, suas peças refletem o folclore e a música popular de seu país. Entre suas obras dessa época, destacam-se "Scherzo fantastique" e "Feu d'artifice", que foram apresentadas em um concerto em São Petersburgo. Em 1910, ele compôs para o balé e criou sua primeira partitura para "O pássaro de fogo", o trabalho apresenta dissonâncias e uma nova abordagem harmônica. Em 1911, o compositor escreveu "Petruchka", um balé vibrante e complexo que se inicia com um estilo mais denso e dissonante, misturando elementos da música popular russa e variando os tempos. Em 1913, a "A sagração da primavera" causou um escândalo pela ousadia de utilizar ritmos complexos e mudanças abruptas de tempo, rompendo com as convenções harmônicas da época. A composição combina dissonâncias, texturas rítmicas densas e uma energia musical intensa. Durante a Primeira Guerra Mundial, Stravinsky mudou-se com sua família para a Suíça, e a Revolução Russa de 1917 o impediu de retornar à sua pátria. Em 1918, compôs "A história do soldado", uma criação artística que fusiona tango, mímica, dança e recitação.

Foto: Reprodução



Stravinsky: transição para a modernidade

A segunda fase das composições de Stravinsky, conhecida como período neoclássico, iniciou-se em 1919 e se estendeu até 1954. Após a Primeira Guerra Mundial e sua mudança para Paris, o compositor adotou o estilo clássico do século 18. Algumas características dessa época incluem o uso da forma sonata clássica, da suíte e do concerto de Franz Joseph Haydn (1732-1809). Sua música tornou-se mais técnica e estruturada, com um som mais objetivo. Stravinsky inovou na orquestração, combinando elementos barrocos com suas próprias características. Entre as obras mais destacadas dessa fase, estão "Pulcinella" (1920) e "Sinfonia dos salmos" (1930).

A terceira fase das composições de Stravinsky iniciou-se nos anos 1950, com o uso do serialismo da Segunda Escola de Viena, uma técnica composicional rigorosa e sistemática, baseada em séries de doze notas, nas quais cada som deve ser utilizado uma única vez antes de se repetir. O serialismo representa uma ruptura radical com as harmonias e melodias tradicionais. "Canticum sacrum" (1955) é um dos primeiros exemplos dessa nova fase. Nela, Stravinsky explora o dodecafonismo ao criar texturas dissonantes, mas sempre controladas e organizadas por uma estrutura precisa. "Requiem canticles" (1966) demonstra uma síntese interessante entre o rigor do serialismo e o neoclassicismo. Nessa obra, o compositor une formas musicais tradicionais, como a missa e o réquiem, de forma a equilibrar tradição e inovação.

A característica do estilo de Stravinsky inclui polirritmia, sincopações e mudanças abruptas. Seu pensamento musical explorou acordes dissonantes e, no serialismo, a total ausência de tonalidade. Essa flexibilidade e ousadia permitiram que Stravinsky se adaptasse às novas tendências da arte e da ciência de sua época. Seu pensamento musical contribuiu para denunciar os autoritarismos dos partidos políticos e os crimes cometidos pelos estados movidos pelo ódio.

Sinta-se convidado à audição do 506º Domingo Sinfônico, *que ocorrerá neste dia 3, das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clicar em rádio ao vivo) pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br. Durante a transmissão, comentarei algumas peças do compositor, regente e pianista russo Ígor Fiódorovitch Stravinsky (1882-1971) que contribuíram para a formação do senso crítico dos cidadãos contra governos antidemocráticos.*

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Escuridade

Nunca mais vou deixar que coisas do amor interrompam minhas pernadas 3x4 – não tenho mais idade para ficar cego às avessas e não sou a deusa da justiça, mas, justiça seja feita, ninguém me engana. O que está morto fede antes mesmo de ser cremado.

Digo isso ao entender que amamos demais, sejam amigos, seres ou não seres, que passam pelos nossos olhares voláteis. Eu sei que minha vida sozinha presta e não tenho que prestar contas a ninguém, mas não sou besta.

Ao esbarrar numa passagem do livro *O Anjo Pornográfico* sobre a vida intensa de Nelson Rodrigues, do imenso Ruy Castro, me fez tirar a mão da pistola mais uma vez.

Estou relendo o livro, presente do jornalista Lenilson Guedes, pois o meu exemplar emprestei a quem nunca me devolveu e não se fala mais nisso. A parte do texto de Ruy Castro, sobre *O Beijo no Asfalto*, que provocou a saída de Nelson Rodrigues do *Última Hora* (que virou filme de Babenco, 1980) – não porque Amado Ribeiro fosse personagem da peça, repetindo o repórter amoral e sem escrúpulos que Nelson já descrevera em *Asfalto Selvagem*, mas pelas referências ao *Última Hora* que não contribuíram muito para a imagem do vespertino. Sacou?

"Fala-se até de Samuel Wainer", na cena em que Selminha diz para seu pai… Bom, o resto da fala da filha Selminha, que envolve um jornal que publica muitas mentiras, tem que ir lá na página 316.

Sim, essa confusão de mentiras, que muitas vezes chamam de escolhas, escolha nenhuma, não é para os fortes, mas, por agora, a nuvem que vejo aqui da janela que me ocupa a imaginá-la num desenho lógico de um anjo pornográfico, algo sufoca-me a voz. Alô, tem alguém aí?

É complicado, mas as perdas são necessárias para que possamos fugir do hospital da gente, porque a dor não mata, o que mata é uma coisa que não chega para acalmar os vícios de uma relação, seja profissional, amorosa ou putaria.

Não poder dizer chega? Ora! Nenhum poder pertence a um só homem, e esse homem não sou eu, mesmo o poder da mão de tesoura capaz de me virar as costuras dos olhos. Falando nisso, neste ano vou à faca para tirar cataratas, que eu posso ver outras cataratas mais anis.

Não existe pacto no amor, se é que se diz respeito, quando ele chega invisível, insípido a escoar entre portas, sem nunca ter que dizer adeus e tentar se refazer no fio bruto daquele instante que nos prende um ao outro. O pacto termina pagando o pato. É sempre assim.

Deve ser por causa do sangue, com certeza que coisas do coração precisam da certeza, que acentua a longevidade da questão, tal como na poesia, na beleza das palavras que dançam em versos e matam também.

O certo é que nunca tenhamos entre os nós, nós dois, nós grupo, guetos ter que esboçar mais que um par de incompreensões a propósito disso ou daquilo.

Na verdade, é uma pena ver seres que nunca conseguem olhar o rosto fora do espelho do banheiro ou do retrovisor. E como me comove quando encontramos com a vida e ela já nos apresenta as regras e para nenhuma regra, exceção — não há mesmo.

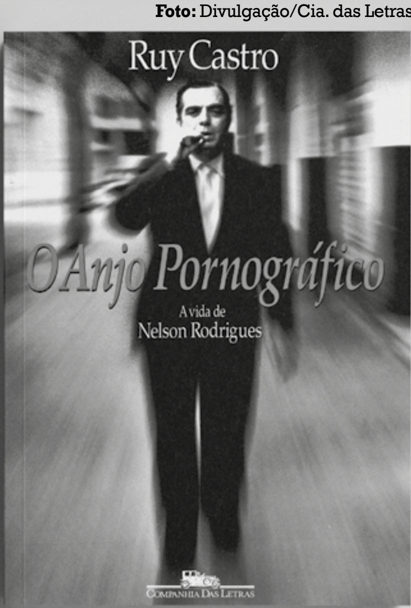
Cuidado. O Sol anda trabucando na escuridade.

Kapetadas

1 – A única coisa que une esquerda e direita é a fila do transplante.

2 - Se Lázaro fosse brasileiro, processaria Jesus por ressuscitá-lo.

Foto: Divulgação/Cia. das Letras



"O Anjo Pornográfico", de Ruy Castro, é a biografia do escritor Nelson Rodrigues

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Por um simples "remember", *apenas*

Cenas de um filme paraibano no festival de Amsterdã. Nem bem iniciara a década de 1980, finalzinho do reitorado do prof. Lynaldo Cavalcante de Albuquerque, e o movimento superoitista já fervilhava nos corredores da Universidade Federal da Paraíba. Não só focávamos nas pretensões em continuar com uma produção de cinema, filmando em 16mm e 35mm, pelo Nudoc, núcleo recém-criado por nós, mas na nova bitola contemporânea.

De "gadanho", íamos construindo um tipo de "cinema" diferente, mais interessante pelas facilidades de custo e de manuseio de uma bitola (o Super-8), à época, aparentemente nova, então sonorizada e oriunda de um antigo 8mm, ainda resquícios de "cinema mudo". E de "romão pra quí, romão pra acolá", e de tanto se insistir, essa estória superoitista acabou pegando e se firmando...

Outro setor, igualmente ativo e criado naquele reitorado, o Núcleo de Documentação da Cultura Popular (Nuppo), também impunha sua liderança nas pesquisas. Tendo à frente o pró-reitor mobilizador Iveraldo Lucena, os professores José Nilton da Silva e Oswaldo Meira Trigueiro se desdobravam na valorização cultural do folclore e de uma arte sobretudo de periferia, mas eletrizante e cheia de vida.

Documentando essa cultura cinematográfica estava eu, juntamente com o professor Zé Nilton, misto de folclorólogo e cineasta, então coordenador do Nuppo. Porquanto, suas experiências com

Foto: Arquivo pessoal



O colunista e Walter Córdula (na câmera) nas gravações do documentário "Misticismo"

o celuloide fílmico advinham dos cineclubes dos anos 1960, das fotografias de "still" e de participações diretas em filmes como *Padre Zé Estende a Mão*, de Jurandy Moura, entre outros por nós realizados, inclusive, navegando nas tradições do estuário dos rios Parahyba e Sanhauá.

Nessa época, após concluir mais um curta-metragem pelo Nuppo, não por acaso recebo telefonema de São Paulo consultando-me da probabilidade de que algumas cenas do meu filme *Misticismo – Folguedos e Tradições* (1982) pudessem integrar uma produção nacional, em fase de finalização por uma produtora paulista de cinema. O referido filme, um documentário de longa-metragem fora recentemente selecionado pela Agência Nacional de Cinema (Ancine), para participar do Festival de Cinema Internacional de Amsterdã – IDFA, na Holanda, em uma mostra do Programa Encontros com o Cinema Brasileiro.

Revendo atualmente meus alfarrábios, qual terá sido a minha surpresa, encontrar tais registos de mais de 40 anos...

— Para mais *Coisas de Cinema*, acesse o *site*: www.alexsantos.com.br



APC — Inscrições continuam abertas

A Academia Paraibana de Cinema continua com suas inscrições abertas, até o final deste mês, para as cadeiras 2 e 37, vagas deixadas pelos cineastas paraibanos Vladimir Carvalho e Carlos Aranha. As inscrições devem ser feitas (somente) no seguinte endereço: Academia Paraibana de Cinema, Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, nº 122, Tambaú, próximo à Esquina 200.

Documentação a ser apresentada: Comprovante de que é paraibano nato, ou que mora na Paraíba há mais de cinco anos. Currículo apresentando participação em ações audiovisuais e no cinema, tudo em envelope lacrado, até o dia 28 de fevereiro.

Artigo

José Octávio de Arruda Mello
Historiador | Especial para A União

De Edvaldo Nunes ao Botafogo, Sol Levante e Eulajose

Não sei se já falei nisso, mas Edvaldo Nunes constitui, na Paraíba, um dos melhores estudiosos do futebol.

Pela condição, responde à atual série sobre o nosso Botafogo, em algo equivalente a meu livro sobre o Auto Esporte, de Watteau e Caetano. Tal porque, em Edvaldo, o Botafogo não fica somente nele mesmo, por abranger a sociedade que o circunda com todos os seus matizes.

Data daí como, na manhã da véspera de Ano Novo, coube-lhe apanhar-me em casa para assistir ao jogo preparatório do "Belão da Massa" contra o Serra Branca. De minha parte, o interesse consistia no time do interior da cidade de um dos melhores colegas do Instituto Histórico, que é Thomas Bruno. Como, porém, nenhum dos integrantes do Serra, abordados no vestiário, se lembrasse do historiador, voltei-me para as instalações da Maravilha do Contorno que me surpreenderam.

Isso depois de insistir pela permanência no conjunto da circulação. É que, como estava com camisa do Santos de São Paulo, time do coração desde 1949, com Odair e Pinhegas na ala esquerda, fui advertido pelo dirigente do clube de que só poderia permanecer na Maravilha com os trajes deste. A advertência bem que valeu a pena porque, obtida camisa botafoguense, tive direito, graças ao diretor de sobrenome Nobrega, a ingressar na sala de troféus e fotografias onde algumas surpresas aguardavam-me.

O meia esquerda dos anos 1950, conhecido por Nuca, foi o fotógrafo de meu casamento — "noivo é rindo" — e companheiro do ponta canhoto Nóca, do basquete do Cabana de Edmundo Real e Haroldo Escorel Borges. Quanto ao juiz e zagueiro Betinho, integrou a seleção paraibana de 1956 com o qual, cronista esportivo, viajei a Maceió, de inesquecível percurso. Já o ponteiro direito Geraldo Ciroulinha, joguei com ele nas areias de Tambaú, em 1957 e 1958.

Desfalque

A certa altura, furtaram a camisa do médio esquerda Roberto Norath, que teve que voltar para casa descalço e com a indumentária do time, pelo meio do comércio

Vistas as fotos, retornei a Edvaldo Nunes que me perguntou sobre o campeonato do Botafogo, arrebatado no campo do Sol Levante. Respondi que esse campinho — de denominação de óleo de cozinha a que pertencia o terreno da empresa Matarazo — ficava ao lado do cemitério do Senhor da Boa Sentença, com entrada pela ladeira que desemboca na Ilha do Bispo.

Quem melhor transmite a resposta é Valfredo Marques na *Historia do Futebol Paraibano,* editado pela Secretaria de Comunicação, no governo Ernani Satyro. Quem nele jogava era, além do Dolaport, cuja nomenclatura derivava das primeiras letras de seu presidente, Conde Dolabela Portela, da prestigiosa colônia italiana, era, em 1951 e 1952, o Naútico da Lagoa, fundado por Otinaldo Lourenço.

Não sei porque essa formação, localizada nos bambus da lagoa, puxava suas partidas para o planalto de Mandacaru do Alto Roger e campo do Sol Levante, na cidade baixa. Lembro bem porque, a certa altura, furtaram a camisa do médio esquerda Roberto Norath, que teve que voltar para casa descalço e com a indumentaria do time, pelo meio do comércio.

Como na época o campinho do Sol Levante albergava time amador da Rua São Miguel, que nucleava o bairro, essa viu-se tematizada pelo poeta Eulajose Dias de Araujo:

"Tão grande era a rua São Miguel /
Que cabia na minha infância".

Pelo timinho da São Miguel atuava o atacante Bobó, de potente chute e que se transferiu para clubes de Rio Tinto e Auto Esporte. Outros foram recordados por Eulajose juntamente com o campinho que o sediava:

"Mirim, Bugão, Jabura /
Ainda estão ali /
Sentados".

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

De volta à cidade

Quem não tem uma cidade na memória? Uma história, uma geografia onde se cultivam os afetos, as lembranças, o imaginário? Somos os nossos espaços, as nossas ruas, as nossas praças, os nossos logradouros, os nossos monumentos. Somos o nosso bairro e a casa em que vivemos. De paisagens e de tempo alimentamos o corpo da memória. Sem a memória somos nada.

Sérgio Botelho sabe isto como poucos.

Sérgio é um desses amigos que a vida nos presenteia, na sua naturalidade, entre a necessidade e o acaso, para me valer do belo título de Jacques Monod. Conheço-o desde a juventude, em meio às lutas estudantis na UFPB, em época de sufoco e repressão.

Com Washinton Rocha e Irlânio Ribeiro, compunha a trindade mais aguerrida e mais lúcida nos embates das agitadas assembleias. Dava gosto ouvi-los refletir e expressar os sonhos e as expectativas políticas e ideológicas de toda uma geração. Oradores de retórica segura, fundamentada e persuasiva.

Veio "a abertura", passou o período universitário, chegaram as exigências profissionais, e cada um, solicitado pelos imperativos práticos da vida, tomou seu rumo no enfrentamento do mundo. Viver é preciso!

Sérgio Botelho virou jornalista, atuando no rádio e em outras mídias. Depois, mandou-se para Brasília, lá passando um longo tempo, fazendo assessoria de comunicação no Senado. De volta à Paraíba, redescobriu o rosto cicatrizado de sua cidade natal, a bela, calma e aprazível João Pessoa, e, como que atendendo ao apelo de Mallarmé, transformou esse reencontro especial em livro que intitulou *Parahyba do Norte* e *Suas Histórias*.

Seu objetivo, nesse empreendimento intelectual e afetivo, consiste em "investigar a memória urbana da cidade", não somente a partir dos ecos eloquentes de seus dispositivos documentais e históricos, mas, sobretudo, no intento de "capturar" a sua alma, a sua fisionomia interior, a sua "essência quase intangível", o seu ethos por assim dizer. Toda cidade possui uma melodia interior, uma fabulação correndo, invisível, pelos alicerces de suas alamedas e avenidas.

A memória individual, associada ao esforço e à paciência dedicados à consulta das fontes, traz à tona a memória coletiva da cidade, registrada em cada recanto de sua paisagem que testemunha a passagem do tempo, com seus enredos contraditórios, seus sinais de fulgor e fastígio, suas manchas de decadência e ruína.

Não é só a materialidade dos espaços que exerce sobre o autor a sua sedução estética. Não escapa à sensibilidade de Sérgio a trama espiritual que se desenrola ao longo do tempo, por trás ou por dentro desses monumentos que respondem pela riqueza do patrimônio histórico e arquitetônico da cidade.

À perspectiva histórica, que nos devolve o passado e o destino de certas instituições, de certos prédios, templos, igrejas, colégios, entre outros, junta-se o olhar do jornalista, com sua acuidade e agudeza diante do detalhe, para, com ele, esse olhar específico, olhar entre crítico e poético, revermos a cidade com mais atenção e empatia.

O Colégio de Nossa Senhora das Neves, a Academia Paraibana de Letras, a Rádio Tabajara, a Associação Paraibana de Imprensa, a Caixa Central de Crédito Agrícola aqui aparecem, entre outras edificações, desnudadas em suas particulares narrativas, em suas "cicatrizes e triunfos", a espelhar o corpo da cidade em sua dimensão histórica, mas também no que concerne ao seu patrimônio artístico, turístico e cultural.

Diria que a escrita de Sérgio Botelho, nesse primeiro volume de uma série que virá, acerca de bares, eventos, personalidades emblemáticas, parece-me pautada por certa inquietação política e pedagógica. Suas palavras não consistem apenas na expressão dos seus sentimentos de amor pela cidade que o viu nascer; consistem, também, num apelo de ordem crítica, numa rica sugestão de quem sabe o valor da cidadania ativa, e, por isto mesmo, descreve, demonstra, interpela, sugere...

Diz Sérgio, a certa altura de sua apresentação, que a "memória é frágil". Que ela "se desvanece, se distorce, e corre o risco de ser esquecida se não for cuidadosamente cultivada e compartilhada". E, mas adiante, destaca a relevância da preservação, chamando a atenção do leitor para o fato essencial de que a "manutenção de construções memoriais é também uma expressão de desenvolvimento sustentável". Diria, de uma história humanística, de uma economia criativa.

Sem dúvida!

Aos textos, com ar de crônica ou de artigo ligeiro, escritos em estilo simples, claro, conciso, dentro daquilo que pede a melhor gramática jornalística, associam-se as fontes iconográficas, a robustecer, assim, a sua qualidade informativa, o seu poder sugestivo, a possibilidade reflexiva de suas ideias e argumentos.

Colunista colaborador

MÚSICA

Brasileiros estão no páreo do Grammy

Milton Nascimento, Anitta, Hamilton de Hollanda e Eliane Elias disputam o prêmio da música, hoje, nos EUA

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Milton Nascimento, Hamilton de Holanda, Eliane Elias e Anitta. Quatro diferentes estilos da música popular brasileira voando em direção a um mesmo destino: Los Angeles (EUA). São os brasileiros que foram indicados para um dos maiores eventos de premiação internacional de música, o Grammy Awards, que acontece hoje, às 20h, na Crypto.com Arena. A cerimônia da premiação — que já vai em sua 67ª edição — pode ser acompanhada por *streaming* no Paramount+, enquanto os destaques serão transmitidos ao vivo pelo *site* live.grammy.com.

Apresentado pela quinta vez consecutiva pelo ator e comediante sul-africano Trevor Noah, o evento está repleto de atrações, o que inclui uma homenagem ao legado do compositor norte-americano Quincy Jones, falecido no fim do ano passado, bem como homenagens musicais à cidade de Los Angeles, afetada pelos recentes incêndios florestais.

Bituca neles!

Mesmo tendo se aposentado dos palcos em novembro de 2022, Milton "Bituca" Nascimento continua ativo quando o assunto é gravação. Em agosto do ano passado, lançou em parceria com a cantora, compositora e contrabaixista estadunidense Esperanza Spalding o primoroso álbum *Milton + Esperanza*, razão de sua indicação à categoria Melhor Álbum Vocal de Jazz. O que não é nenhuma novidade, pois Milton já foi indicado cinco vezes ao Grammy, vencendo e levando um gramofone para casa em 1999 com o melhor álbum de *world music* daquele ano: *Nascimento*.

Na última segunda-feira (27), o perfil oficial do artista no Instagram compartilhou um vídeo em que Milton, já embarcado em voo para os EUA, manda beijos espirituosos para os fãs, enquanto conclama: "Conto com a torcida de todos vocês".

O violonista Hamilton de Holanda concorre pela primeira vez na categoria Melhor Álbum de Jazz Latino, com *Collab*, fruto da parceria musical com o pianista cubano Gonzalo Rubalcaba, disputando a mesma estatueta com a pianista brasileira Eliane Elias e seu *Time and Again* (2024).

Funk Generation (2024) coloca Anitta mais uma vez no páreo, dentro da categoria de Melhor Álbum de Pop Latino.

Dentre os indicados estrangeiros, Beyoncé se destaca por abocanhar o maior número de indicações (11 no total), tornando-se com isso a artista mais indicada da história do Grammy ao somar 99 nomeações durante a sua trajetória. Na cola estão Charli xcx, Billie Eilish, Kendrick Lamar e Post Malone, que foram indicados em sete categorias. Já Sabrina Carpenter, Chappell Roan e Taylor Swift foram indicadas a seis premiações.

Ao todo, são 94 categorias, das quais se destacam: Gravação do Ano, na qual concorrem, entre outras estrelas, Beyoncé, Billie Eilish e Taylor Swift; Álbum do Ano, com *Cowboy Carter* (de Beyoncé), *New Blue Sun* (de André 3000) e *Hit Me Hard and Soft* (de Eilish); Canção do Ano, com *Fortnight* (de Taylor Swift em *feat* com Post Malone), *Good Luck, Babe!* (de Chappell Roan) e *Not Like Us* (de Kendrick Lamar); além de Melhor Artista Revelação, na qual figuram nomes como Benson Boone, Doechii, Khruangbin, Shaboozey e Teddy Swims.

Pela primeira vez, nos últimos quatro anos, nenhuma nova categoria foi introduzida no prêmio, mas algumas precisaram ter seus nomes repaginados para melhor definir critérios de elegibilidade — a exemplo de Melhor Gravação Pop Dance, que agora está sendo chamada de Melhor Gravação Dance Pop.

Imagem: Divulgação



Foto: Pedro Napolinário/Divulgação

Milton Nascimento concorre por disco em parceria com Esperanza Sapulding

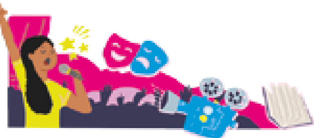
PRINCIPAIS INDICAÇÕES

ÁLBUM DO ANO: *New Blue Sun*, Andre 3000; *Cowboy Carter*, Beyoncé; *Short n' Sweet*, Sabrina Carpenter; *Brat*, Charlie XCX; *Djesse Vol. 4*, Jacob Collier; *Hit Me Hard and Soft*, Billie Eilish; *The Rise and Fall of a Midwest Princess*, Chappell Roan; *The Tortured Poets Department*, Taylor Swift.

MÚSICA DO ANO: "A bar song (Tipsy)", Shaboozey; "Birds of a feather", Billie Eilish; "Die with a smile", Lady Gaga e Bruno Mars; "Fortnight", Taylor Swift e Post Malone; "Good luck, babe!", Chappell Roan; "Not like us", Kendrick Lamar; "Please please please", Sabrina Carpenter; "Texas hold'em", Beyoncé.

GRAVAÇÃO DO ANO: "Now and then", The Beatles; "Texas hold'em", Beyoncé; "Espresso", Sabrina Carpenter; "360", Charli XCX; "Birds of a feather", Billie Eilish; "Not like us", Kendrick Lamar; "Good luck, babe!", Chappell Roan; "Fortnight", Taylor Swift and Post Malone.

Em Cartaz



Cinema

*Programação de **30 de janeiro a 5 de fevereiro**, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.*

** Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine Vieira, em São Bento.*

ESTREIAS

COVIL DE LADRÕES 2 (*Den of Thieves 2 – Pantera*). EUA/ Canadá/ Espanha, 2025. Dir.: Christian Gudegast. Elenco: Gerard Butler, O'Shea Jackson Jr., Evin Ahmad. Crime. Roubo a diamantes preciosos se complica quando outro grupo de assaltantes é envolvido. 2h24. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-xe): dub.: 13h10, 18h45, 21h30; leg.: 16h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 19h 21h45. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 18h15, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h15, 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h10, 21h. MULTICINE PATOS 1: dub.: 16h40. MULTICINE PATOS 4: dub.: 20h.

O HOMEM DO SACO (*Bagman*). EUA, 2024. Dir.: Colm McCarthy. Elenco: Sam Claffin, Antonia Thomas, Caréll Vincent Rhoden. Terror. Pai tenta defender sua família de uma ameaça de sua infância. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h, 15h10; leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h, 22h. **Patos:** MULTICINE PATOS 3: dub.: 20h30. MULTICINE PATOS 4: dub.: 17h50.

O MARAVILHOSO MÁGICO DE OZ – PARTE 1 (*Volshebnik Izumrudnogo Goroda – Doroga iz Zhyoltogo Kirpicha*). Rússia, 2025. Dir.: Igor Voloshin. Elenco: Ekaterina Chervova, Vasilina Makovtseva, Svetlana Khodchenkova. Aventura/ infantil. Menina é levada por furacão a mundo mágico de Oz e, com novos amigos, precisa encontrar poderoso mágico para voltar para casa. 2h. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 18h, 20h30. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 14h30, 16h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h30, 16h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 14h50, 16h50; seg. a qua.: 16h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 16h15, 18h25.

SETEMBRO 5 (*September 5*). Alemanha/ EUA, 2024. Dir.: Tim Fehlbaum. Elenco: Peter Sasgaard, John Magaro, Ben Chaplin. Drama. Equipe de esportes que transmite as Olimpíadas de 1972 precisa passar a cobrir um atentado terrorista. Indicado ao Oscar de roteiro original. 1h35. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 14h, 16h30, 18h50, 21h.

A VERDADEIRA DOR (*A Real Pain*). EUA/ Polônia, 2024. Dir.: Jesse Eisenberg. Elenco: Kieran Culkin, Jesse Eisenberg, Jennifer Grey. Comédia/ drama. Primos se reúnem para uma viagem pela Polônia para homenagear a avó, mas velhas tensões ressurgem. Indicado a 2 Oscars: ator coadjuvante (Culkin) e roteiro original. 1h30. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): dub.: dom.: 14h, 16h30, 19h; seg. a qua.: 14h, 16h30, 19h, 21h45.

PRÉ-ESTREIA

EMILIA PÉREZ (*Emilia Pérez*). França/ México/ Bélgica, 2024. Dir.: Jacques Audiard. Elenco: Karla Sofía Gascón, Zoe Saldaña, Selena Gomez. Musical/ drama. Traficante mexicano pede a advogada para ajudá-lo a fingir sua morte e assumir sua identidade feminina. Indicado a 13 Oscars, incluindo filme, direção, atriz e filme internacional. 2h12. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dom.: leg.: 18h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): dom.: dub.: 21h30.

RELANÇAMENTO

SEVEN – OS SETE CRIMES CAPITAIS (*Seven*). EUA, 1995. Dir.: David Fincher. Elenco: Morgan Freeman, Brad Pitt, Kevin Spacey, Gwyneth Paltrow. Policial. Um policial veterano e outro novato tentam prender um serial killer que se baseia nos sete pecados capitais. 2h07. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 20h30.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/ França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Selton Mello, Valentina Herszage, Fernanda Montenegro. Drama. Mulher precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da ditadura brasileira. Vencedor do Globo de Ouro de melhor atriz/drama (Fernanda Torres). Indicado aos Oscars de melhor filme, atriz e filme internacional. 2h16. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 15h30, 18h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 14h30, 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 19h15. CINESERCLA TAMBIÁ 3: 18h. CINESERCLA TAMBIÁ 5: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: 20h30. CINESERCLA PARTAGE 5: 18h. **Patos:** CINE GUEDES 2: 18h40. CINE GUEDES 3: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: 20h40. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom.: 15h50.

ANORA (*Anora*). EUA, 2024. Dir.: Sean Baker. Elenco: Mikey Madison, Mark Eydelshteyn, Yura Borisov. Drama/ comédia. Prostituta se casa com oligarca russo, mas o contode fadas é ameaçado quando os pais dele chegam a Nova York. Indicado a 6 Oscars, incluindo melhor filme, direção e atriz. 2h19. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: seg. a qua.: leg.: 18h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 20h15.

O AUTO DA COMPADECIDA 2. Brasil, 2024. Dir.: Guel Arraes e Flávia Lacerda. Elenco: Matheus Nachtergaele, Sélton Mello, Virginia Cavendish, Fabiula Nascimento, Humberto Martins, Luís Miranda, Enrique Diaz, Taís Araújo, Eduardo Sterblitch, Luísa Arraes, Juliano Cazarré. Comédia. Após 20 anos, João Grilo retorna a Taperoá e reencontra Chicó para viverem novas aventuras durante uma campanha eleitoral. 1h44. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (atmos): 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 13h50, 16h20, 18h45, 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 1: 18h. CINESERCLA TAMBIÁ 3: 15h50. CINESERCLA TAMBIÁ 4: 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 20h50. CINESERCLA PARTAGE 5: 15h50. **Patos:** CINE GUEDES 1: 21h10. CINE GUEDES 3: dom.: 16h30. MULTICINE PATOS 1: 19h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dom.: 16h05, 18h30, 20h45; seg. a qua.: 18h30, 20h45. **Remígio:** CINE RT: 18h30.

CHICO BENTO E A GOIABEIRA MARAVIÓSA. Brasil, 2025. Dir.: Fernando Fraiha. Elenco: Isaac Amendoim, Anna Julia Dias, Luís Lobianco, Débora Falabella, Taís Araújo, Augusto Madeira. Comédia/ infantil. Chico Bento precisa enfrentar os interesses comerciais que querem derrubar sua querida goiabeira. 1h30. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h10. CINESERCLA TAMBIÁ 1: 16h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: 16h20. **Remígio:** CINE RT: seg. e qua.: 16h.

CONCLAVE (*Conclave*). Reino Unido/ EUA, 2024. Dir.: Edward Berger. Elenco: Ralph Fiennes, Stanley Tucci, John Lithgow, Isabella Rosselini. Drama. Cardeal se vê no centro de uma conspiração durante o processo de eleição do próximo papa. Indicado a 8 Oscars, incluindo melhor filme e atriz. 2h. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (atmos): leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h, 15h40, 18h20, 21h. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 18h40.

MOANA 2 (*Moana 2*). EUA/ Canadá, 2024. Dir.: David G. Derrick Jr., Jason Hand e Dana Ledoux Miller. Vozes na dublagem brasileira: Any Gabrielly, Saulo Vasconcelos. Infantil/ musical/ animação. Jovem navegadora enfrenta mares desconhecidos para livrar uma das ilhas de seu povo de uma maldição. 1h40. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 16h40. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 14h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h10.

MUFASA, O REI LEÃO (*Mufasa, the Lion King*). EUA, 2024. Dir.: Barry Jenkins. Aventura/ animação/ infantil. Filhote de leão órfão é acolhido por semelhante de linhagem real. Prelúdio de *O Rei Leão* (2019). 2h. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (atmos): dub.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h15, 16h50, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 15h40, 18h, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h40, 18h, 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h50. MULTICINE PATOS 3: dub.: 3D: 15h30, 18h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 18h20.

NOSFERATU. (*Nosferatu*). EUA/ Reino Unido/ Hungria, 2024. Dir.: Robert Eggers. Elenco: Bill Skarsgard, Lily-Rose Depp, Nicholas Hoult, Willem Dafoe, Aaron-Taylor Johnson, Emma Corrin. Terror. Vampiro viaja ao encontro de sua amada reencarnada, causando horror a uma cidade. Indicado a 4 Oscars. 2h12. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 22h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 20h30.

PADDINGTON – UMA AVENTURA NA FLORESTA (*Paddington in Peru*). Reino Unido/ Franmça/ Japão/ EUA, 2024. Dir.: Dougal Wilson. Elenco: Bruno Gagliasso (voz na dublagem brasileira), Hugh Bonneville, Emily Mortimer, Olivia Colman, Hayley Atwell, Julie Walters, Jim Broadbent, Hugh Grant. Comédia/ aventura/ infantil. O urso Paddington, que vive em Londres, retorna ao Peru para visitar a tia, mas é envolvido em uma aventura e um mistério. 1h46. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: seg. a qua.: dub.: 13h20, 15h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h30. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 16h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h10. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 14h30; seg. a qua.: 16h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 13h50; seg. a qua.: 16h05. **Remígio:** CINE RT: dub.: 14h.

SONIC 3 – O FILME (*Sonic the Hedgehog 3*). EUA/ Japão, 2024. Dir.: Jeff Fowler. Elenco: Manolo Rey (voz na dublagem brasileira), Jim Carrey, James Mardsen. Aventura/animação/ infantil. O ouriço veloz e seus amigos precisam enfrentar um poderoso novo adversário. 1h50. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (atmos): dub.: 14h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 12h45, 15h15, 17h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h, 16h30. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 20h30. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 16h05, 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 14h, 16h05, 18h20. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: dub.: 15h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: dub.: 19h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h.

Teatro

HOJE

A BUTIJA DO PASTORIL PROFANO. Da Trupe de Humor da Paraíba. Duração: 1h30. 12 anos.

João Pessoa: SESC CENTRO (R. Desembargador Souto Maior, 281, Centro). Domingo, 2/2, e sexta a domingo, de 7/2 a 16/2, 20h. Ingressos: R$ 50 (inteira), R$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R$ 25 (meia), antecipados na Belíssima Cosméticos (Mangabeira), no Sebo Cultural (Centro) e na plataforma Outgo.

GISBERTA. Direção: Misael Batista. Monólogo de Letícia Rodrigues.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manaíra). Domingo, 2/2, 20h. Ingressos: R$ 10 + 1 lençol ou roupa para doação (preço único).

Música

HOJE

LEO TRIO E METALEIRA. Show no ensaio do Bloco Baiacu do Bessa.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, 153, Bessa). Domingo, 2/2, 18h. Ingressos: R$ 15 (couvert).

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Show com artistas paraibanos do samba.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 27/1, 20h. Ingressos: R$ 30 (inteira), R$ 20 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R$ 15 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

ANTONIO COUTINHO. Exposição *in memoriam* com obras do artista.

João Pessoa: CENTRO CULTURAL SÃO FRANCISCO (Ladeira de São Francisco, s/nº, Centro). Visitação diária de terça a sábado, das 9h às 17h, e domingo, das 9h às 15h, até 9 de fevereiro. Entrada franca.

CAMPINA GRANDE, 160 ANOS – ARTE, HISTÓRIA, DEVOÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Coletiva com 20 artistas, abordando a história da cidade.

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (R. Dr. Severino Cruz, s/nº, Centro). Visitação diária, das 8h às 18h. Entrada franca.

CADA CABEÇA, UM MUNDO. Coletiva com João Neto, Daniel da Hora, Odegine Graça e João Peregrino.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Avenida João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até março de 2025. Entrada franca.

LUP DANTAS. Artista mostra quadros na exposição *Olhar em Cores*.

João Pessoa: ESPAÇO ARTE BRASIL (Liv Mall, Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, nº 500, Jardim Oceania). Entrada franca.

ONDE O SOL NASCE PRIMEIRO. Coletiva de obras com paisagens de João Pessoa em aquarela, com sete artistas.

João Pessoa: CANOA DOS CAMARÕES (Av. João Maurício, 121, Manaíra). Visitação diária, das 11h às 23h, até 28 de fevereiro. Entrada franca.

POTIRA MAIA. Artista apresenta fotografias, pintura e peça de áudio na exposição *O Homem no Gerúndio É Fraco*.

João Pessoa: CASA DA PÓLVORA (Ladeira de São Francisco, 152, Centro). Visitação diária, das 9h às 17h, até 22 de fevereiro. Entrada franca.

QUINO, MAFALDA E O MEIO MABIENTE. Dezesseis banners com obras do cartunista Quino enfocando a questão ambiental.

João Pessoa: ESPAÇO CULTURAL ((Avenida João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até 10 de fevereiro. Entrada franca.

NOVOS PREFEITOS

Qualificação das equipes é o desafio

Falta de recursos humanos dificulta a escolha de nomes na montagem de equipes para administração municipal

Filipe Cabral
filipemscabral@gmail.com

Garantir uma gestão pública competente que responda de forma eficiente às necessidades da população é um desafio significativo para todos os prefeitos e prefeitas que assumiram os mandatos neste ano na Paraíba. Contudo, para os gestores de municípios de pequeno e médio porte, essa tarefa possui um complicador a mais: a baixa oferta de profissionais qualificados para compor as equipes de governo.

Nas últimas semanas, duas situações envolvendo as prefeituras de Lucena, no Litoral Norte, e de Conceição, no Alto Sertão, chamaram atenção para a questão. Em Lucena, o prefeito Léo Bandeira nomeou o secretário de Administração, Waldemilson Nunes, para acumular 10 secretarias diferentes. Já em Conceição, o prefeito Samuel Lacerda decidiu nomear o pai, a mãe e a esposa para cargos de alto escalão da gestão municipal. Em ambos os casos, quando questionados, os prefeitos justificaram as escolhas alegando dificuldade para encontrar profissionais com qualidade técnica nos respectivos municípios para preencher as funções.

Segundo a economista e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Rejane Carvalho, a ampliação do Ensino Superior e a maior possibilidade de acesso a cursos técnicos e profissionalizantes — inclusive na modalidade à distância — na área de gestão pública, com especialidades, por exemplo, em finanças, contabilidade e elaboração de projetos, têm proporcionado uma maior oferta de profissionais que podem contribuir tecnicamente na administração municipal. Todavia, ela observa que os pequenos municípios podem sofrer com a perda de pessoas qualificadas devido a "questões estruturais", tanto na dimensão do desenvolvimento econômico quanto na dimensão política.

"As pessoas mais qualificadas vão buscar melhores oportunidades de trabalho nos municípios mais desenvolvidos, onde também podem ser mais valorizadas do ponto de vista da remuneração. Por outro lado, a ocupação dos cargos de confiança exige o alinhamento partidário do servidor com o grupo político do momento, fator que limita a seleção de indivíduos apenas pelo mérito e capacidade profissional. Desse modo, é possível que o fator confiança política prevaleça na indicação do chefe do Executivo em cargos na gestão municipal, em detrimento das escolhas técnicas que privilegiem as competências profissionais", analisou.

Qualificação e valorização

Para reverter esse quadro, a pesquisadora do Labores — Núcleo Interdisciplinar De Pesquisas e Extensão Sobre Trabalho, propõe como estratégias para os Executivos municipais: a "qualificação e requalificação dos servidores permanentes/concursados", sobretudo diante das novas tecnologias da informação que permitem tornar a gestão da máquina pública mais eficiente e transparente; e o estímulo à permanência dos jovens profissionais que se formam na cidade, por meio da abertura de estágios, e de oportunidades de trabalho que valorizem suas contribuições.

"Os prefeitos podem adotar uma postura mais técnica na formação do quadro gestor, valorizando a contribuição dos residentes que têm formação profissional adequada, especialmente, porque, quem vive na cidade é quem vive "o lugar" e, por isso, é quem melhor conhece os problemas a serem enfrentados na comunidade. Em muitos casos, um profissional contratado de outra localidade não conhece a realidade da população, podendo adotar decisões inadequadas e até reproduzir projetos de outros municípios que não correspondem aos problemas locais", salientou.

Ainda segundo Rejane, a principal consequência da falta de qualificação das equipes de gestão para a população dos municípios é o prejuízo causado pelo uso ineficiente do dinheiro público, seja na execução de políticas públicas mal-orientadas ou na perda de recursos que poderiam ser investidos para o benefício da comunidade. Nesse sentido, a economista ressalta a importância de que prefeitos e servidores de pastas estratégicas estejam atentos ao desenvolvimento de projetos que contemplem temas como: preservação ambiental, sustentabilidade econômica e social, turismo, serviços específicos para pessoas com necessidades especiais, infância e juventude, atenção para o envelhecimento populacional e segurança pública.

"Acompanhar os editais governamentais para investimentos em áreas estratégicas de infraestrutura, além de manter os recursos nas áreas fundamentais, como saúde, educação, saneamento etc., requer habilidades técnicas por parte dos servidores, exigindo atenção aos prazos, normas, condições e justificativas. O domínio dos processos da administração pública e o conhecimento da realidade local por parte de um profissional competente permitem a proposição de projetos inovadores e com mais chances de aprovação junto aos órgãos financiadores", pontuou.


Foto: Divulgação/TCE-PB

Evento do TCE-PB enfocou a necessidade de treinamentos


Foto: Arquivo pessoal

Rejane defende ampliação do ensino superior para técnicos

"Os prefeitos podem adotar uma postura mais técnica na formação do quadro gestor

Rejane Carvalho

Municípios investem em preparo técnico

Na avaliação do presidente da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho, nos últimos anos, os pequenos municípios da Paraíba têm "melhorado significativamente" no que tange à qualificação dos servidores e das equipes de assessoria. Para ele, o investimento na formação dos integrantes da administração municipal beneficia tanto a população como os próprios prefeitos que, segundo George, passam a ter "uma maior tranquilidade na gestão".

"Se o prefeito tem uma boa equipe, inteirada sobre o desenvolvimento do município e da administração pública, ele ganha em eficiência, em mais recursos e, consequentemente, em um melhor trabalho para a população", afirmou.

Ao comentar sobre o tema, a prefeita de Pedro Régis, Michele Ribeiro, chamou atenção para os obstáculos orçamentários que os pequenos municípios enfrentam para "reter" recursos humanos. Segundo ela, mesmo com os recursos transferidos pelos governos Federal e Estadual para o financiamento de programas e políticas públicas, a falta de uma receita fixa suficiente para garantir a remuneração adequada aos servidores com níveis superiores de formação acaba dificultando a execução das ações, assim como a oferta de serviços.

"Nós temos vários programas nas áreas da saúde, da assistência, da educação, porém, por mais que tenhamos o repasse de recursos, os municípios também precisam arcar com um cofinanciamento, com um valor menor, para garantir o funcionamento das políticas. Inclusive, para assegurar os recursos humanos necessários para garantir a qualidade e a frequência dos serviços. Afinal, é no município que se dá, de fato, a reprodução da vida dos cidadãos e das cidadãs", sublinhou.


Foto: Arquivo A União

Léa aposta na juventude para garantir eficiência



Foto: Leonardo Ariel

Michele Ribeiro chama a atenção para o orçamento

Atenta às transformações proporcionadas pelas inovações tecnológicas na administração pública, a prefeita de Guarabira, Léa Toscano, disse que aposta na juventude para garantir a eficiência na gestão e um futuro sustentável para a cidade.

"Eu fui prefeita pela primeira vez há 20 anos atrás. De lá para cá, as coisas mudaram muito e nós precisamos ter noção de como são as coisas agora. Antigamente, você mandava um ofício e, às vezes, demorava semanas para responder. Hoje, a gente resolve tudo pela internet. Por isso, nesse mandato, o pessoal que entrou nas secretarias é todo novo. Eu fiz questão de colocar jovens para que eles possam ajudar a desenvolver Guarabira, afinal eles são o futuro do município. Nada melhor para um prefeito do que poder contar com jovens capacitados que possam desenvolver soluções para o município", declarou.

Nara Valusca

Jornalista desenvolveu uma verdadeira relação de amor com a Redação

Foram inúmeras idas e vindas, sempre em projetos ligados ao jornalismo, editando cadernos especiais, produzindo reportagens, primando pela arte de contar histórias com texto bem elaborado, buscando encantar o leitor

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Se há um substantivo que define **A União** para a jornalista Nara Valusca é "casa". Tanto é assim que ela diz que na residência se cuida para que esteja sempre bonita e em **A União** ela primou pelo texto, bem elaborado, pela edição. Nessa conversa com o Memórias A União, Nara conta como chegou ao jornal, fala das tantas passagens pela Redação, sempre a convite para desafios, como editar cadernos especiais ou para cargos de direção. Conta também dos amigos que fez, dos avanços tecnológicos que testemunhou e das características das redações, que passaram pela revolução quando as máquinas de datilografia foram trocadas pelos computadores. Ela é mais uma jornalista a classificar **A União** como escola dos sonhos por causa do ambiente, dos colegas e do patrimônio histórico que o jornal representa. Disse que se emociona ao falar sobre **A União**, que sente saudades e que espera voltar.

A entrevista

■ *Como foi que você chegou em **A União**?*

É um prazer enorme estar aqui para falar sobre **A União**, que está na minha vida desde que eu me entendo por jornalista.

■ *Você começou em O Norte?*

Foi, mas eu acho que, nove meses, 10 meses depois, eu já estava n'**A União** também. Eu comecei com 21 anos, mal tinha começado o curso — nesse período os jornais ainda contratavam estudantes, e eu fui para O Norte. Fiz o teste, por intermédio do nosso amigo Ademilson José, e fui aprovada. Pouco tempo depois, eu também tinha conhecido Fernando Moura, que por acaso apareceu lá em Catolé do Rocha, com familiares, com Célia e Antônio Hilberto, ficou na casa dos meus pais e nós nos conhecemos. Ele sabia que eu fazia Jornalismo, então, pouco tempo depois, ele me chamou para **A União**.

■ ***A União** tem dessas coisas: ou a gente começa aqui ou se especializa nela.*

Porque é a escola. É isso. Imagina… eu fui para **A União** para trabalhar no caderno de Cultura, que era um sonho, era o que eu queria, e fui fazer com Tâmara Duarte. Então já fui trabalhar com uma professora. Já fui trabalhar aprendendo todos os dias a fazer aquilo. **A União** ainda era em Jaguaribe, próximo ao Centro Administrativo, e éramos uma equipe muito bacana: eu, Tâmara, Rosemberg Silva. Era maravilhoso. Então foi um período muito bom, que eu já comecei a aprender e comecei a aprender a fazer jornalismo cultural.

■ *Você chegou a trabalhar com Carlos Aranha?*

Não. Nunca trabalhei assim diretamente [com ele]. Eu trabalhei no mesmo período que Aranha em O Norte, mas diretamente com Aranha não.

■ *Você chegou mais ou menos numa segunda ou terceira turma depois da ascensão das mulheres na Redação. E você já foi trabalhar no caderno de Cultura todo feito por mulher?*

Foi um período muito bom, mas eu ainda tava no curso. Estava praticamente começando o curso, com 21, 22 anos no máximo.

■ *O curso de Jornalismo naquela época permitia isso, você fazer uma simbiose?*

Mas foi um período em que o sindicato disse: "Vamos concluir o curso, quem for". Enfim, o sindicato meio que bateu em cima, e eu tive que fazer uma opção: acabei deixando **A União** para me dedicar ao curso, que era pela manhã. Tive que deixar **A União** para retomar o curso.

■ *Realmente, era numa época que a gente tinha que ter o curso?*

E aí foi minha primeira vez n'**A União**. Quando eu retornei… porque minha vida foi assim: eu nunca tive período longos n'**A União**, mas eu nunca deixei **A União** também por períodos longos.

■ *Sempre se renovando?*

E nunca houve nenhuma desavença, nunca houve nenhum momento em que **A União** me dispensou. Sempre foi por algum motivo de força maior e consensual. Acabei retornando no período em que o superintendente era Eraldo Nóbrega, no primeiro Governo Maranhão. Você sabe que os irmãos Nóbrega sempre circularam em O Norte: Evandro e Eraldo. E eu conhecia Eraldo de lá. Ele assumiu a superintendência de **A União**, soube que eu gostava de cultura e disse: "E eu estou precisando de uma pessoa lá na cultura. Você não quer ir?". "Pronto. Vai ser minha segunda vez n'**A União**". E voltei para o caderno de Cultura mais uma vez; passei uma temporada. Por outros motivos, que eu nem me lembro agora quais, acabei novamente saindo d'**A União**, e assim foram sete vezes.

■ *Sete é um número mágico: sete notas musicais, sete cores do arco-íris…*

Então, olha aí agora uma coisa interessante.

■ *Você também construiu uma carreira paralela na iniciativa privada, também chegou a editora de O Norte e do Jornal da Paraíba. E mesmo assim não abandonou o amor pel'**A União**?*

Porque você sabe que é diferente trabalhar n'**A União**. É algo viciante, apaixonante. O clima da Redação d'**A União** é diferente, as amizades são diferentes. Eu acho assim: **A União** nunca, como é veículo estatal… obviamente que a gente queria dar furo, queria sair à frente, mas não tinha essa pressão. N'**A União**, melhor do que você dar um furo é você fazer uma grande reportagem; melhor do que você correr atrás e dar primeiro é dar melhor. Então era diferente. N'**A União** a gente se especializou na qualidade. E sempre foi muito bom trabalhar aqui.

■ *Nessas idas e vindas, a gente já sabe que você passou pelo caderno de Cultura duas vezes. E as outras passagens?*

A minha terceira passagem também foi por Cultura, e aí vim trabalhar com William Costa no caderno de Cultura. Um deslumbre. Trabalhar com William no caderno de Cultura foi uma maravilha.

■ *A calma…*

Mais aquela inteligência. Foi a convite, também, do superintendente, que, nessa época, era Nelson Coelho. Na quarta vez, já foi diferente, porque aí O Norte já tinha fechado. E aí eu acabei recebendo um convite muito surpreendente, desafiador, por meio da então secretária de Comunicação, Tatiana Domiciano, para ocupar a diretoria técnica. Fiquei, mas foi um período em que eu não estava bem, um período que estava estafada, estressada, com a saúde mental debilitada, vivendo o fechamento de O Norte. Tudo aquilo ali foi muito complicado, e eu acabei, com muita pena, recusando. Passei uma semana e eu disse: "Olha, Tatiana, muito obrigada, mas eu não consigo, não dá". Não ia ocupar um cargo de tanta responsabilidade sem estar me sentindo 100%. Acabei saindo. Passei uma semana por aqui e acabei saindo. William Costa nesse momento era o editor-geral. Depois de uns dois meses, ele disse: "Nara, você já está se sentindo melhor? Você está bem? Por que você não volta para a Redação, que é esse seu ninho?". E aí foi a quinta vez. Eu vim para a Política, que é o que você faz hoje.

"Eu fui para A União para trabalhar no caderno de Cultura, que era um sonho, era o que eu queria"

Fotos: Carlos Rodrigo



Nara faz questão de enfatizar a importância de A União, que está em sua vida desde que ela se entendeu como jornalista

E editar política n'**A União**, é um desafio. É muita responsabilidade, muito cuidado, mas foi um período ótimo. Aprendi tanta coisa, muita gente bacana ao redor.

■ *Digo sempre que é um desafio, mas ao mesmo tempo é algo que não lhe cria muitos problemas, porque você já sabe qual é a posição de **A União** diante dos fatos.*

Então você tem que ter muita responsabilidade. E conversar, porque o trabalho em jornal não é o editor de Política ou o editor de Cultura, é todo mundo junto, conversando, uma reunião, um diálogo. E foi tranquilo. Foi muito bom.

■ *Lembra-se de algum fato da época que chamou a atenção?*

Lembro que uma das melhores coisas que me aconteceu nesse tempo foi uma entrevista que a gente fez com o então governador Ricardo Coutinho, mas não foi nem pelo fato de entrevistar o governador, foi o fato de sermos três entrevistadores e eu me senti tão honrada, tão feliz, que pensei assim: "Eu jamais queria ser outra coisa que não fosse ser jornalista". Porque eu estava com o governador e ao lado de Agnaldo Almeida e José Euflávio e eu pensei: "É isso que me faz feliz. Nossa! Como eu me sinto honrada de estar aqui!". Então é uma lembrança que ficou para sempre.

■ *Os dois, Agnaldo e Euflávio, já sentaram nessa bancada em que você está hoje. Euflávio, contando as histórias maravilhosas, nunca quis trabalhar na cozinha do jornal. E Agnaldo sabia o que era jornalismo.*

Eu achava Agnaldo genial, as sacadas dele e Gonzaga Rodrigues… é capítulo a parte, é mais uma coisa que me deixa feliz de ter escolhido jornalismo. Eu fico até emocionada. Gonzaga ocupa um lugar tão especial no meu coração, porque ele não só me ensinou muita coisa ao longo das minhas jornadas, pelas redações que a gente se encontrou, em O Norte e n'**A União**, mas Gonzaga é meu amigo, meu conselheiro, meu pai, meu irmão. Eu tenho um amor enorme por Gonzaga, muito grande.

■ *E é um mestre.*

Dispensa comentários. É realmente um mestre. Eu tive uma oportunidade de fazer um caderno especial aqui n'**A União** dessa última vez, que é uma coisa que eu adorava fazer, e **A União** me dava essa possibilidade de pegar um assunto e fazer um caderno especial. E fiz um aqui sobre a morte de João Pedro Teixeira, o assassinato. E um dos grandes personagens da história é Gonzaga, que era repórter e esteve lá, que se envolveu, inclusive, com aquela história — só para a gente falar novamente de Gonzaga. Mas a história dos cadernos especiais… **A União** me deu muita liberdade. Nessa última passagem, Naná Garcez me deu essa liberdade. A gente é jornalista e muita coisa é gostosa — eu sempre tive na cozinha das redações, cuidando e apaziguando, administrando, mas nada de mais prazeroso do que escrever para o jornalista. Quando você escreve, acha que ficou bom, e olha, e lambe.

■ *O texto é uma cria?*

Então Naná me deu essa possibilidade. Alguns cadernos muito bons, muito bacanas. Fizemos esse de João Pedro Teixeira, um sobre a Guerra do Paraguai. Quando eu digo "fizemos", é porque alguns fiz em parceria. Nessa sobre a participação dos paraibanos na Guerra do Paraguai, fiz em parceria com Clóvis Roberto e com Paulo Sérgio, que é um grande diagramador, um *designer* gráfico. Os cadernos ficaram lindos. Fizemos um outro sobre o aniversário do ataque das Torres Gêmeas, também fantástico, e outros que não lembro agora. Mas foi o que mais me deu prazer nesse período que eu tive que n'**A União**.

■ *Por que essa queda pelo noticiário internacional?*

Na verdade, eu tenho uma predileção pelo jornalismo histórico. Eu gosto de entrevistar pessoas e falar sobre fatos, e o jornalismo dá essa possibilidade de você reavivar a memória e mostrar às pessoas o quanto é importante a gente lembrar de algumas coisas, como é o caso de João Pedro Teixeira, da importância das Ligas Camponesas naquele período e tudo que envolveu aquela história. É muito prazeroso.

■ *Como é que você desenvolveu essa sensibilidade para história?*

Na verdade, eu sempre fui uma pessoa muito apaixonada por história. É uma frustração minha não ter feito um curso de História.

■ *Mas tem tempo ainda para fazer?*

Eu acho que está. Eu penso. Sempre fui apaixonada por história. Acho que desde o colégio. E aí, quando fiz Jornalismo, descobri que eu podia unir as duas coisas. E que era importante, que o jornalismo era um veículo para divulgar coisas que as pessoas não lembravam.

■ *A história do hoje?*

Exato. E aí fiz muitas coisas. Lembro de uma matéria, outro caderno especial, sobre a reforma agrária na Paraíba, uma pesquisa enorme. E aí o título era mais ou menos assim: "Por que a reforma agrária na Paraíba se transformou no caso de polícia". Foi uma das primeiras pesquisas que eu fiz para fazer jornalismo envolvendo história.

■ *O bom do jornalismo, e aqui n'**A União** principalmente, é porque a gente pega o fato histórico, esmiúça e apresenta para o leitor de uma forma de fácil digestão.*

Eu tive o privilégio, por exemplo, de ter o William Costa me ajudando, me orientando e trocando ideias comigo. Muitas vezes ele lia o texto antes de ir para publicação e, quando ele dizia "Tá joia", então para mim estava joia mesmo. É como falo: os trabalhos em jornalismo, acredito, são sempre em equipe. Porque, como eu falei para você, você faz o texto em parceria: o diagramador, as imagens que o fotógrafo me passava.

■ *O arquivo muito rico d'**A União**?*

O Arquivo me deu "n" possibilidades, então foi um tempo muito rico.

■ *Você já é da geração que viu o jornalismo abandonar a máquina de datilografia e migrar para o computador. Eu geralmente pergunto aos colegas que veem aqui como foi a experiência de cada um com isso. E a sua? Como foi?*

A primeira vez que a gente começou a trabalhar mesmo em computador foi em O Norte, com o Luciano Piquet informatizando a Redação. O Norte era editado por Roylof Sá. Não foi fácil, mas, com o tempo, obviamente, você vai aprendendo e vai vendo que as coisas inclusive vão ficando mais fáceis de trabalhar, mas há histórias muito bacanas, inclusive, com Zé de Souza brigando com o computador, com Martins Neto, que a gente chamava carinhosamente de Quati: "Computador, eu sou um homem doente, me ajude", dizia ele. São tantas memórias, tantas histórias bacanas.

■ *Quando falo da questão da mudança tecnológica, refiro-me ao choque de estar diante de uma máquina cheia de desafios, diferentemente de hoje, quando os bebês já nascem com um celular nas mãos.*

Foi difícil, mas hoje em dia você fica pensando: "Como é que a gente fazia jornalismo antigamente, com máquina de datilografia, sem computador, sem celular e sem o Google? Como é que a gente fazia e fazia bem feito?".

■ *No meu caso, aprendi aqui.*

A União tem isso. A gente vem para cá e a gente aprende e sai daqui sabendo um monte de coisa que não sabia. É muito interessante essa coisa que se criou de que **A União** é uma escola. Nem consigo explicar isso em palavras, mas todo mundo que passa por aqui sai com essa sensação de que "foi minha escola, é minha escola".

"Eu gosto de entrevistar e dos fatos, e o jornalismo dá essa possibilidade de você reavivar a memória"

■ *Em nenhuma outra Redação, havia a preocupação de você pegar o texto, chamar o repórter e dizer: "Isso aqui está bacana, mas imagina se tu fazes assim". Ou então: "Olha o exagero aqui. Para que você tá colocando isso?".*

É importante lembrar, inclusive, que, mesmo quando nós tínhamos todos os outros jornais impressos — O Norte, Jornal do Paraíba, Correio da Paraíba —, houve um momento em que eles extinguiram o setor de Revisão e só quem manteve foi **A União**.

■ *O cuidado com o texto. E mantém até hoje o setor de Revisão. É interessante demais isso. Nesse concurso que houve recentemente, a Revisão foi renovada 100%.*

Então isso é sintomático. É o espelho do que é **A União**, o cuidado com o texto. O cuidado em não dar apenas aquele mesmo texto repetido, mas um texto novo, um texto atraente, um texto interessante, cuidado com o Português, com a poesia da informação. Quem não é jornalista, nem imagina, mas a gente aprende, inclusive, a escrever da melhor forma possível, e tenta diariamente isso dentro de uma Redação barulhenta, todo mundo agitado, todo mundo querendo fazer seu trabalho, todo mundo tomando café, telefone tocando.

■ *"Cadê o carro?".*

E a gente precisa estar concentrado em fazer o melhor possível. E eu digo a você que, para mim, para resumir tudo de jornal, a melhor coisa que existe é escrever e depois olhar aquele texto ali e perceber que eu posso mudar algumas coisas para ficar mais interessante. Tem uma palavra que tá repetida ou uma frase que eu posso dizer de forma mais bonita ou mais diferente. Isso me dá um prazer tão grande que você não tem ideia.

■ *E, às vezes, vai escrever e bota uma palavra nova e diz: "Não tem uma palavra velha que define isso melhor?".*

O simples é o melhor.

■ *Carlos Drummond de Andrade dizia que escrever é cortar palavra. O matemático Blaise Pascal se desculpava com o receptor da carta dele quando escrevia muito porque ele dizia que não teve tempo de dar uma enxugada.*

Tem que ser. Quando você está na Redação, naquele dia a dia, obviamente que vai ter um dia que você está com problemas, não está tão legal, faz o texto e você não revisa tão bem e você vai para casa… Pelo menos comigo dá um remorso. Dá vontade de voltar meia-noite na Redação e fazer o que puder fazer. Para evitar essa angústia, é melhor fazer bem feito e revisar, revisar, revisar...

■ *Como é que você analisa estar diante de um projeto que tem 132 anos?*

É impressionante. **A União** tem dado certo porque ela tem se renovado, né? Tem também a sorte de muitas pessoas inteligentes, muitas pessoas boas passando pela Redação, pela Superintendência, pessoas que têm levado esse projeto adiante e se renovado. Não é brincadeira, é um jornal impresso — hoje dificilmente você tem jornal impresso no Brasil, são poucos.

■ *Corremos o risco da extinção?*

Dizem que será extinto num futuro próximo, enfim. Mas, recentemente, passou por um novo processo de transformação. Eu tive aqui e eu acompanhei mais ou menos o nascedouro da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), que é também uma forma de manter viva a história. Vamos unir os veículos de comunicação estatais e fazer isso, uma empresa mais forte. Eu vi o trabalho de Naná Garcez para isso: novos caminhos e se renovar graficamente, trazer pessoas interessantes para colunas, que **A União** é cheia disso, uma maravilha de leitura.

■ *Atualização tecnológica. Recentemente comprou uma impressora que não faz barulho.*

Nossa! Imagina.

■ *E, depois de toda essa leitura que você fez d'**A União**, o que significa essa empresa do ponto de vista de patrimônio para a sociedade?*

Olha, essa história do veículo de comunicação estatal sempre causa polêmica, mas a gente tem que entender que a imprensa oficial é importante porque, em teoria, é para ser o veículo mais isento possível, porque você não tem a influência mercadológica. Você não tem influência.

■ *O dono é o povo?*

O dono é o povo. É para isso que existe a imprensa oficial. É por isso que existe o jornal estatal, então é assim, exatamente, que eu acho que **A União** tem feito ao longo do tempo. Quando eu era muito jovem, eu não entendia isso. Depois você vai percebendo o quanto é importante, o quanto é interessante um Estado ter um veículo de comunicação, que seja obviamente utilizado da melhor maneira possível, dentro daquele objetivo, que é informar o povo da melhor maneira possível. Porque o jornal é do povo; o jornal, a rádio do povo. Enfim, o veículo de informática. E a gente que trabalhou também a iniciativa privada; quando eu falo das pressões, do mercado, a gente sabe o que significa.

■ *De manhã tem uma coisa, de tarde tem outra, porque o Comercial fez um acerto.*

Exatamente. Claro que você, dependendo do superintendente, do editor, você tem um jogo de cintura. Você tem um pulso mais forte ou não, mas precisa ceder em alguns casos ao mercado, precisa ceder, em alguns casos, às negociações do Comercial. O veículo oficial não tem que ceder a isso. O papel dele é informar, é levar a notícia verdadeira real para o povo e é ser o porta-voz, não do governo, mas do povo.

■ *Acontecem situações que fogem ao controle de qualquer um. Fernando Moura citou aqui na entrevista dele o fato do Gulliver, quando o governador Ronaldo Cunha Lima atirou no ex-governador Tarcísio Buriti e **A União** botou como manchete "Incidente no Gulliver", em vez de dizer que tinha sido um atentado.*

Acontecem essas coisas. Às vezes, depende um pouco de como e da interferência ou não do Governo do Estado. É muito interessante quando não existe essa interferência. Claro que há um pouco, mas, quando deixa um pouco mais livre, é mais interessante.

■ *Algum tema que você gostaria de falar, que eu não abordei?*

Imagina. Eu tava ansiosa, porque eu acho que é um projeto tão bacana, que você entrevistou pessoas tão importantes, pessoas que realmente fizeram a história em **A União**, que eu me senti tão pequena em relação a isso.

■ *Você deu a sua contribuição.*

Eu espero realmente que eu tenha dado uma contribuição para **A União**. E acho que dei essa contribuição, porque, sempre que eu estive aqui, eu me senti em casa e, diante disso, eu fiz o melhor possível, porque em casa você faz o melhor possível para sua casa estar bonita. Então eu fiz isso e, quando eu precisei sair, inclusive agora, recentemente, quando avisei a Naná que precisava sair por motivos familiares, passei mais ou menos um mês perguntando: "Meu Deus, saio ou não saio?". Mas as coisas foram aumentando, então eu me vi forçada a sair, mas eu tenho uma saudade tão grande d'**A União**, tão grande, que eu me emociono. E, só para finalizar, não é clichê, mas eu realmente me sinto muito honrada de fazer parte desse projeto e eu queria tanto agradecer a você pelo convite, dizer que você é uma dessas pessoas maravilhosas que passaram pela minha vida e continua na minha vida, que o jornalismo me deu de presente, como tantas outras pessoas aqui d'**A União**. E eu me sinto em casa ainda, tanto que acho que deixei isso bem claro.



Acesse o *QR Code* para assistir à entrevista no YouTube



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Luiza Fonseca

IBAMA E BREJO SANTO-CE

Editais abrem 792 vagas de emprego

Certames oferecem salários de até R$ 13 mil e chances para candidatos de diferentes níveis de escolaridade

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Prepare os livros. Dois concursos importantes na Região Nordeste estão com editais abertos e prometem excelentes oportunidades para diferentes perfis de candidatos. De um lado, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) lançou seu aguardado certame com 460 vagas em todo o Brasil, incluindo três na Paraíba, com salário de quase R$ 10 mil. Do outro, a Prefeitura de Brejo Santo, no Ceará, próximo à divisa com Pernambuco, abriu 332 vagas para níveis fundamental, médio e superior, com salários que variam de R$ 1.412,00 a R$ 13.377,59. A diversidade de cargos, que vai de motoristas a médicos, é um atrativo a mais.

Âmbito nacional

No concurso do Ibama, um dos mais esperados de 2025, as vagas são destinadas aos cargos de analista administrativo e analista ambiental, ambos exigindo nível superior em qualquer área de formação. Com remuneração inicial de R$ 9.994,60, o edital ainda prevê gratificações que podem elevar os ganhos para mais de R$ 11 mil, dependendo da formação do candidato. As funções envolvem atividades que vão desde a fiscalização ambiental e licenciamento até a formulação de políticas públicas para a preservação dos recursos naturais, além de tarefas administrativas essenciais para o funcionamento do órgão.

Na Paraíba, são oferecidas três vagas imediatas, além de formação de cadastro de reserva, com possível atuação em João Pessoa e Cabedelo — onde estão localizadas as unidades do órgão no estado. As inscrições vão até 18 de fevereiro e devem ser realizadas, exclusivamente, no *site* do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe), com taxa de R$ 95. Já o processo seletivo inclui a aplicação de provas objetivas e discursivas em todas as capitais, no dia 6 de abril. Além disso, haverá uma etapa adicional, de avaliação de títulos.

Oportunidades diversas

Já para além das fronteiras da Paraíba, os concurseiros paraibanos têm como opção o município de Brejo Santo, que fica a cerca de 80 km de Juazeiro do Norte, um dos principais polos da região. O concurso da prefeitura local abriu 332 vagas imediatas, além de cadastro de reserva, para profissionais de diferentes níveis de escolaridade. Há oportunidades para professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental, motoristas de transporte escolar e ambulância, médicos psiquiatras, psicólogos, nutricionistas, educador físico, fisioterapeutas, vigias e técnicos de enfermagem. Os salários variam de R$ 1.412,00 a R$ 13.377,59, com jornadas de trabalho que podem chegar a 40 horas semanais, dependendo do cargo.

Mas fique atento: as inscrições terminam no dia 6 de fevereiro e devem ser efetuadas no *site* da Universidade Regional do Cariri (Urca), mediante pagamento de uma taxa que varia de R$ 120 a R$ 200, conforme a função escolhida. Quanto à avaliação, o processo seletivo será composto por provas objetivas, a serem realizadas no dia 16 de março, e análise de títulos para os cargos de nível superior. Os resultados do certame estão previstos para serem divulgados em 30 de abril, segundo o cronograma do edital. Para quem busca estabilidade e salários atrativos, os dois concursos representam ótimas chances para ingressar no serviço público e iniciar o ano com o pé direito.

No concurso do Ibama, as vagas são destinadas aos cargos de analista administrativo e analista ambiental

Para além das fronteiras da Paraíba, os concurseiros paraibanos têm como opção o município de Brejo Santo-CE


Por meio do *QR Code*, acesse o edital do Ibama


Por meio do *QR Code*, veja o edital de Brejo Santo

Nutrição na construção de hábitos saudáveis

Dietas restritivas, informações equivocadas e hábitos alimentares ruins são alguns dos desafios que os nutricionistas enfrentam diariamente. Esses profissionais são os principais aliados na promoção de saúde e prevenção de doenças, utilizando a alimentação como ferramenta para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Em um cenário repleto de dietas milagrosas e soluções instantâneas, muitas vezes compartilhadas de forma irresponsável nas redes sociais, o papel do nutricionista nunca foi tão relevante. Entre alimentos ultraprocessados e complementos nutricionais, é ele quem resgata o cuidado com o que se come.

Não por acaso, a atuação desse especialista vai muito além de prescrever cardápios. Ele ajuda a combater de forma efetiva e humanizada uma série de problemas de saúde, ressignificando a relação das pessoas com a comida e promovendo bem-estar. "Nosso papel é identificar erros alimentares que podem levar a deficiências de vitaminas e minerais, facilitando o desenvolvimento de doenças, seja pela falta de nutrientes ou pelo excesso de produtos alimentícios", reflete Marina Silva Gomes Dantas, nutricionista clínica e esportiva. Segundo ela, agindo na prevenção, é possível reduzir o impacto de doenças crônicas e sintomas que comprometem a produtividade e a qualidade de vida.

Técnica e empatia

Nesse cenário, lidar constantemente com a disseminação de informações equivocadas tornou-se um dos desafios mais complexos da profissão. Segundo Marina, combater mitos e educar o público exige não apenas paciência, mas também um esforço constante de conscientização. "Hoje, com a internet, ficou muito mais fácil ter acesso às informações, o que é positivo, mas também pode ser ruim, a depender da fonte de que se extrai essas informações. É importante que se tenha sempre uma fonte segura e que, de fato, venha de profissionais capacitados", ressalta a profissional.

Nesse importante papel como fonte confiável, o nutricionista precisa aliar conhecimento técnico à sensibilidade necessária para conduzir mudanças que realmente se adaptem ao metabolismo e às necessidades de cada paciente. No entanto, só isso não basta. Habilidades como empatia e boa comunicação são indispensáveis para orientar os pacientes e ajudá-los a superar desafios durante o processo de transformação alimentar. Além disso, Marina ressalta que estar atualizado é uma exigência constante na profissão. "Gostar de estudar e se atualizar é o básico que fará a diferença", afirma. Com uma área em constante evolução, marcada por novos estudos e descobertas, acompanhar as mudanças é essencial para quem deseja se destacar.

Desafios profissionais e o uso da tecnologia

Outro recurso que tem transformado a prática dos nutricionistas é a tecnologia. Marina destaca como as ferramentas digitais têm simplificado tanto o planejamento alimentar quanto o acompanhamento dos pacientes. "A tecnologia facilitou a nossa vida. Conseguimos incluir mais opções e variações de cardápio de forma mais fácil e rápida, além de facilitar a vida dos pacientes com aplicativos que já disponibilizam os planos alimentares, lista de substituições, lembrete de consumo de água e muito mais", conta a nutricionista. Entretanto, ela reforça que, embora essa integração torne o atendimento mais dinâmico, a tecnologia jamais substituirá o olhar humano, que é — e sempre será — essencial para personalizar os cuidados.

Embora a nutrição seja cada vez mais reconhecida como uma área essencial ao bem-estar da população, os profissionais ainda enfrentam desafios antigos que comprometem o alcance de sua atuação. Um exemplo disso, segundo Marina, está nos baixos valores pagos pelos planos de saúde. "Os valores são incrivelmente baixos, o que dificulta o acesso de muitas pessoas a esse cuidado de forma mais prática", destaca. Essa desvalorização, como ela bem lembra, não apenas limita a atuação dos nutricionistas, mas também deixa uma lacuna importante no cuidado preventivo.

"Conseguimos incluir mais opções e variações de cardápio de forma mais fácil com aplicativos

Marina Silva Gomes Dantas

Para quem deseja atuar na área da nutrição com a segurança que só a carreira pública proporciona, o concurso da Prefeitura de Brejo Santo, no Ceará, surge como uma oportunidade promissora. O edital prevê uma vaga imediata para nutricionista e a formação de cadastro de reserva, com salário de R$ 2.143,73 para uma carga horária de 30 horas semanais. O único requisito é ser graduado em Nutrição. Quanto à prova objetiva, constam no conteúdo programático disciplinas como Língua Portuguesa, conhecimentos gerais, conhecimento do SUS e conhecimentos específicos.

Foto: Arquivo pessoal

Para a nutricionista Marina Silva, agindo na prevenção, é possível reduzir o impacto de doenças crônicas

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 29 de janeiro de 2025		-0,25%	-0,77%	-0,87%	IPCA do IBGE (em %)	-0,61%
13,25%	R$ 1.518	R$ 5,837	R$ 6,055	R$ 7,257	Dezembro/2024 0,52; Novembro/2024 0,39; Outubro/2024 0,56; Setembro/2024 0,44; Agosto/2024 -0,02	126.134 pts

SEGUROS

Nova lei complementar regula proteções veiculares

Susep vai garantir e estipular regras complementares para esses serviços

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

A proteção veicular surgiu no Brasil nos anos 80, como uma alternativa mais barata ao mercado de seguros. Esse serviço é realizado por associações ou cooperativas, sem fins lucrativos, que oferecem coberturas como proteção contra roubo, furto, colisões e acidentes. A Lei Complementar nº 213/2025, sancionada no último dia 16 de janeiro pelo Governo Federal, vai regulamentar o setor, colocando essas entidades sob a supervisão da Superintendência de Seguros Privados (Susep), o que pode aumentar a segurança dessas entidades e trazer alterações para o mercado de seguros tradicional.



Fotos: Roberto Guedes

Empresas atuam com serviço mutualista em que proprietários de veículos contribuem para formar um fundo comum

Como um serviço mutualista, no modelo da proteção veicular, um grupo de proprietários de veículos contribui mensalmente para formar um fundo comum. Esses recursos são usados para cobrir custos de reparos, furtos, roubos e sinistros, dependendo das regras de cada associação ou cooperativa. Os valores costumam ser mais baixos do que os das seguradoras. Em João Pessoa, a partir de R$ 65 mensais para motos e R$ 90 para carros, já é possível aderir às proteções veiculares.

Porém, como até então as proteções veiculares não possuíam um órgão regulamentador, e a Susep considerava a atividade ilegal, por receio da segurança e efetividade desses serviços. Isso porque, na prática, quando algum associado sofria um acidente ou tinha seu veículo roubado, o dinheiro arrecadado por todo grupo era utilizado para cobrir essas despesas, mas sempre havia risco de não haver fundo o suficiente para isso, por exemplo. Com a nova lei, as associações de proteção veicular precisam obrigatoriamente formar reservas financeiras, evitando essas situações; além disso, a Susep vai estipular regras complementares para esses serviços, e, caso alguma associação não se adeque, deixará de funcionar, o que pode trazer mais segurança para quem opta pela proteção veicular. Além disso, essas associações agora também passarão a pagar taxa de fiscalização à Susep.

O diretor administrativo da Vip Associados, Felipe Igor, diz que a associação atua há cinco anos em João Pessoa, oferecendo proteção veicular, e que ainda não consegue avaliar bem as mudanças da nova legislação, porque o setor aguarda a definição de regras e critérios específicos, que devem ser estabelecidos pelo Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP) e pela Susep. O responsável financeiro da associação, Samir Arcoverde, destaca ainda que a lei complementar traz normas gerais, mas que o regramento mais minucioso ainda está sendo aguardado para que possam se adequar. "Já estamos buscando nos adequar a padrões parecidos com os das seguradoras, quanto aos lançamentos contábeis por exemplo, porque, se é a Susep que vai regulamentar também, então a gente imagina que vai ser no mesmo perfil", explica ele.

> **Susep**
>
> **A partir da regulamentação, as entidades terão 180 dias para se adequar às novas regras ou suspender suas atividades**

Pela nova legislação, a administração dessas associações também passará a ocorrer por meio de uma outra empresa, cujas operações serão separadas. A administradora fará contratos de adesão, recolhimento dos valores e pagamento das indenizações em caso de acidentes, e ela deve ser previamente aprovada pela Susep. E, a partir da regulamentação, as entidades terão 180 dias para se adequar às novas regras ou suspender suas atividades. Nesse período de transição, processos judiciais promovidos pela União serão suspensos.

Para o vice-presidente da Federação Nacional dos Corretores de Seguros Privados e de Resseguros, de Capitalização, de Previdência Privada, das Empresas Corretoras de Seguros e de Resseguros (Fenacor), Carlos Valle, a regulamentação vai trazer mais segurança para os consumidores. "Acredito que teremos um impacto positivo no nosso trabalho, como profissionais corretores de seguro, porque agora as regras são claras, e isso vai fazer com que todos trabalhem seguindo o mesmo norte", destaca ele, para quem é importante que os corretores saibam quais atribuições têm e quais deveres devem cumprir.

Usuários avaliam serviço de forma positiva

O professor de língua inglesa, Roberto Jonathan Lopes Santana, conta que foi associado a uma proteção veicular, AutoVip, por dois anos, período em que possuía uma moto. "Estava à procura de um seguro ou proteção veicular, e a escolha pela proteção veicular se deu por indicação de uma colega de trabalho, que também utilizava o serviço. Durante o tempo em que fui associado, nunca precisei acioná-la", afirma ele, que fala ainda que, nesse período, considerou fazer o cancelamento da sua proteção veicular, pois sentia que estava pagando por um serviço que não utilizava, mas antes disso vendeu sua moto e, consequentemente, deixou de necessitar do serviço.

Hoje, Roberto possui um carro, que ainda está sem seguro ou proteção veicular, e afirma que, ao buscar de novo esse serviço, optaria por qualquer um dos dois, e que a nova legislação aumenta sua confiança na proteção veicular. "Se, no futuro, eu precisar novamente desse tipo de proteção, essa mudança certamente será um fator a ser considerado na minha escolha", destaca.

Já Paulo João Oliveira, conta que aderiu à proteção veicular quando estava recém-chegado a João Pessoa, há cerca de seis anos. Ele fala que é associado da Vip Associados e que nunca teve problema para acionar os serviços: "Eu rodava de Uber, e um consultor de lá me sugeriu para fazer e, três meses depois que eu fiz, roubaram meu carro em Mangabeira, e, um tempo depois, bateram o carro no Valentina, deu perda total, saiu em todos os jornais… e liguei, eles chegaram com reboque, levaram o carro e fizeram o pagamento de 100% da tabela Fipe", conta ele.

Paulo diz ainda que, no momento, ficou desesperado e achava que iria ficar no prejuízo, pois nem lembrava que tinha feito a proteção veicular e não estava acostumado a usar esses serviços, pois nunca tinha tido seguro ou outra proteção para o seu veículo. "Nunca tinha feito, porque morava no interior de Pernambuco, e a gente não precisava. Mas chamei eles, e o prazo foi o que estava no contrato. Quando comprei outro carro, fiz a proteção também, e já precisei de reboque do novo carro e sempre deu certo", afirma ele, que diz também que já usou outros benefícios que a associação oferece, como descontos em atendimentos e exames médicos. "Eu já indiquei muita gente, toda família da minha esposa fez também, amigos que rodam de Uber… porque é muito bom, você tem algo que pode lhe dar um serviço com confiança e credibilidade, e com preço acessível", conclui ele.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Consultor e Mestre em Economia UFPB

João Pessoa se destaca na geração de empregos

O mercado de trabalho em João Pessoa registrou forte expansão em 2024, consolidando-se como uma das capitais com maior crescimento do emprego no Brasil. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), a cidade teve um saldo positivo de 13.715 novos postos de trabalho, elevando o estoque total para 212.680 empregos formais. Comparado ao saldo de 10.130 empregos gerados em 2023, o crescimento foi de 33,5%, demonstrando um avanço significativo na geração de oportunidades. Em termos relativos, João Pessoa registrou um crescimento de 6,89% no estoque de empregos formais, garantindo a quarta posição entre as capitais brasileiras, superando tanto a média do Nordeste (4,34%) quanto a média nacional (3,72%).

A evolução do mercado de trabalho nos últimos cinco anos demonstra uma recuperação robusta após a crise gerada pela pandemia. Em 2020, João Pessoa perdeu 4.986 postos de trabalho, reflexo das restrições sanitárias e da desaceleração econômica. Com a retomada das atividades em 2021, a cidade registrou um saldo positivo de 15.480 empregos, seguido por 8.164 em 2022, 10.430 em 2023 e 13.715 em 2024. Além disso, a taxa de desocupação caiu de 11,50% no terceiro trimestre de 2022 para 9,60% em 2023 e 9,10% em 2024, atingindo o menor nível dos últimos anos.

Os setores de serviços, construção civil e comércio foram os maiores responsáveis pela geração de empregos em 2024. A construção civil liderou em termos de crescimento relativo do estoque de trabalhadores, com um aumento de 11,57%, seguida pelo setor de serviços (7,45%) e pelo comércio (5,04%).

O setor de serviços foi o principal gerador de empregos em 2024, com 8.139 novas vagas, consolidando-se como o maior empregador da cidade. A construção civil registrou crescimento expressivo, criando 3.067 postos de trabalho, um aumento de 65,7% em relação a 2023, impulsionado por investimentos públicos e privados. Já o comércio apresentou o maior crescimento proporcional, com 2.319 novas vagas, uma alta de 69,6%, refletindo o aquecimento do varejo e o aumento do consumo local.

A indústria, que havia registrado saldo negativo de 483 empregos em 2023, reverteu essa tendência e alcançou um saldo positivo de 137 postos de trabalho em 2024, indicando uma retomada da produção industrial. A agropecuária, embora com menor impacto na economia local, registrou 56 novos empregos, um crescimento de 33,3%.

Em dezembro de 2024, João Pessoa seguiu a tendência nacional de desaceleração do mercado de trabalho, refletindo a retração registrada em todo o país, que fechou o mês com queda de 535.547 postos de trabalho. Na capital paraibana, a redução foi de 316 vagas formais, impactada principalmente pelo setor de serviços, que perdeu 325 postos de trabalho, e pela indústria, que registrou um recuo de 24 vagas. Esse movimento já era esperado e está associado ao encerramento de contratos temporários, quando a demanda sazonal diminui, levando empresas a ajustar seus quadros de funcionários.

A análise do saldo de empregos por gênero revelou que os homens ocuparam 61,2% das vagas (8.392 postos), enquanto as mulheres ficaram com 38,8% (5.323 postos). Essa diferença pode ser atribuída à predominância masculina nos setores que mais cresceram, como a construção civil, enquanto o setor de serviços, que tradicionalmente emprega mais mulheres, teve crescimento proporcionalmente menor.

EMPREENDEDORISMO

Pequenas cidades têm bons negócios

Sebrae ajuda a identificar oportunidades para abrir empresa e explorar a vocação econômica de municípios menores

Cibele Maciel
Agência Sebrae


Foto: Rogério Félix/Arquivo Pessoal

Rogério Félix abriu a Cisso's Acessórios em duas cidades pequenas: o negócio nasceu em Camocim, com cerca de 65 mil habitantes, e na vizinha Granja, ambas no CE

Embora muitos empreendedores optem por iniciar seus negócios em grandes centros urbanos, acreditando que as oportunidades estão concentradas nessas áreas, ainda existe um vasto e pouco explorado potencial em cidades menores. Ao escolher o segmento em que pretende atuar, o potencial empresário deve considerar a vocação econômica do próprio município.

"Para pequenos centros, é importante analisar ideias que possam driblar a concorrência tradicional, como empresas familiares consolidadas há muitos anos, problemas de logística devido à falta de infraestrutura e menor escala de distribuição, como no caso de mercearias, salões de beleza, vestuários e bares", aconselha Charles de Souza e Silva, coordenador de Relacionamento do Sebrae.

O especialista recomenda que o primeiro passo é observar se a cidade, apesar de ser pequena, possui uma população flutuante, ou seja, inclui pessoas que transitam pelo local, mas cuja presença é temporária e não é contabilizada como parte fixa da população. "Esses casos não são raros, porque muitos municípios pequenos, devido ao turismo, tornam-se grandes centros sazonais", acrescenta Charles.

Se o pequeno município possui vocação turística, empreendimentos como restaurantes e pousadas, como também guia de passeios, podem oferecer diferenciais competitivos que permitam também se manterem no período sazonal de baixa visitação.

"Muitas pessoas procuram destinos turísticos para ter uma experiência de charme mesmo em cidades menores. Nesses casos, demandam um tipo de serviço específico em restaurantes, pousadas, passeios turísticos, utilizando a cultura local, tradições, sabores e belezas naturais, como praias, cachoeiras, montanhas, florestas, entre outros atrativos", disse o coordenador do Sebrae.

Para os municípios sem vocação turística, a população local deve ser o público-alvo com oferta de soluções que mantenham o diferencial entre as demais empresas tradicionais. "Lojas de conserto de celulares, materiais de construção, lava-rápido e pizzarias são exemplos de negócios que são fáceis de fornecer vantagens competitivas a partir de um serviço bem prestado, associado às necessidades do dia a dia", sugere.

Em ritmo de expansão

No Litoral Oeste do Ceará, o empreendedor Rogério Félix Dourado comanda a Cisso's Acessórios. O pequeno negócio nasceu em Camocim, município de aproximadamente de 65 mil habitantes, há oito anos. Logo depois, ele abriu a segunda loja em Granja, município um pouco menor, localizado a 27 km.

O empreendimento se destaca na região com a venda de diversos produtos, entre eles, eletrônicos, acessórios para celular e garrafas térmicas personalizadas, sendo 85% comprados diretamente em São Paulo. Rogério conta que, para empreender em cidades pequenas, é preciso se preparar muito bem para atrair a clientela. "As pessoas preferem comprar na loja de amigos e conhecidos. Então, para ganhar a preferência, é preciso chegar com muita força", ressalta.

Com faturamento positivo ano após ano, o empresário faz planos de abrir mais duas lojas em outros municípios próximos, sendo uma em Preá, próximo de Jericoacoara, e Acaraú. "Preá, por exemplo, é um local que está crescendo muitos nos últimos anos por causa do turismo", disse.

> **As pessoas preferem comprar na loja de amigos e conhecidos. Então, para ganhar a preferência é preciso chegar com muita força**
>
> Rogério Félix Dourado

De olho nas oportunidades e definindo objetivos para crescer


Foto: Silvio Avila/ASN

Ao escolher o segmento em que pretende atuar, o potencial empresário deve considerar a vocação econômica do próprio município

O especialista do Sebrae Nacional lembra que se tornar fornecedor de grandes empresas instaladas em municípios menores também é uma opção para fazer o negócio crescer nessas localidades. Segundo Charles, ser um fornecedor fidelizado permite adquirir muito conhecimento o que o coloca à frente dos demais concorrentes.

"Além disso, apaixone-se pelo problema, entendendo que a solução que sua empresa oferece deve estar no nível mais alto de atendimento de expectativas", complementa. Ele reforça que é importante inovar com soluções que misturem o modelo tradicional dos pequenos centros com modelos e conceitos de vanguarda. "Por exemplo: barbearias que oferecem pequenos serviços de spa, padarias com produtos para pessoas com restrições alimentares, *food truck* com molhos originais, entre outros", cita.

> Sebrae
>
> **É importante inovar com soluções que misturem o modelo tradicional dos pequenos centros com modelos e conceitos de vanguarda**

O Sebrae sugere algumas ideias de negócios com potencial em municípios pequenos. Para população local: loja de conserto de eletrônicos, que permite aos moradores demorar mais tempo antes de precisar fazer investimento em novos equipamentos; mercearias com uma boa gestão de estoque e relacionamento próximo aos clientes, que garantem fidelização; mecânicos com atendimento especializado nos modelos mais comuns do município e oferta de soluções simplificadas como grande diferencial.

Para população flutuante: restaurantes, que propiciem experiências gastronômicas, aproveitando a cultura e sabores locais; pousadas de charme, que facilitam o acesso de seus hóspedes a passeios com visitas às belezas naturais e históricas; empresas de *souvenir* com produtos artesanais e locais, que obedecem às legislações para transporte a outras localidades.

PROJETO APEAP

Escritos rupestres e marcas de dinossauros protegidas

Maior obstáculo é conscientizar toda a sociedade através de ações educativas

Bruna Steinbach
Thomas Bruno
Ascom Secties

Fotos: Divulgação/APEAP

Pegadas como esta, na Bacia do Rio do Peixe, podem ser afetadas pela ação humana

Investigar pegadas de dinossauros e explorar sítios paleontológicos e arqueológicos em busca de registros rupestres ou marcas de nossos antepassados no Alto Sertão da Paraíba é um dos desafios dos pesquisadores do Projeto de Atividades de Educação Ambiental e Patrimonial da Bacia Sedimentar do Rio do Peixe (Apeap). Porém o desafio vai mais além. Muitos dos registros encontrados estão sendo afetados pela ação humana e também pela própria ação da natureza, por isso o maior obstáculo é conscientizar toda a sociedade por meio de ações educativas sobre a importância da preservação do patrimônio histórico-cultural e ambiental.

O Apeap, fomentado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Ensino Superior (Secties-PB) em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), tem investimento de mais de R$ 450 mil. O projeto tem como objetivo principal a preservação e difusão do patrimônio pré-histórico e histórico paraibanos e conta com uma equipe multidisciplinar nas áreas de arqueologia, paleontologia, pedagogia, biologia, história e jornalismo, coordenada pelo professor doutor Juvandi de Souza Santos.

Os resultados dessa primeira etapa da pesquisa é a realização do I Congresso Internacional de Paleontologia da Paraíba, que acontecerá de 21 a 23 de março, e a publicação de um livro com os estudos feitos nos municípios de Sousa, Uiraúna, São João do Rio do Peixe e Poço de José de Moura. Na segunda etapa do projeto, será publicado outro livro, e o grande objetivo final é a construção de um geoparque mundial no intuito de conservar todos os 62 sítios paleontológicos e 15 sítios arqueológicos que existem atualmente na região. Por serem predominantemente ricos em registros pré-históricos, isso torna o lugar um epicentro internacional, atraindo estudiosos de todos os estados do Brasil e de países de outros continentes, turistas, curiosos e comunidade local, esta que tende a se beneficiar com os investimentos na região.

O secretário da Secties, Claudio Furtado, destaca: "Esse projeto é muito importante, porque vai nos ajudar a mapear todos os sítios paleontológicos e arqueológicos da região, trazendo mais conhecimento e fortalecendo a pesquisa científica no nosso estado. E tudo isso só é possível com esse tipo de investimento, que ajuda a gente a avançar e crescer cada vez mais. O governo de João Azevêdo está investindo forte em ciência, tecnologia e inovação aqui no nosso estado. O Vale dos Dinossauros, em Sousa, é um exemplo claro desse compromisso. Além de impulsionar o turismo, esse investimento traz um grande avanço para a ciência, com o objetivo de transformar o parque em um geoparque reconhecido pela Unesco", disse.

Um pouco da história

Desde os anos 60, principalmente nos anos 70, estudiosos desenvolvem pesquisas de cunho arqueológico e paleontológico na região da bacia sedimentar de Sousa. O pioneiro é o padre italiano Giuseppe Leonardi e posteriormente o professor Ismar de Sousa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que juntos realizaram e desenvolveram pesquisas científicas sobre as descobertas de fósseis na Paraíba. O projeto é desenvolvido tanto em campo nas regiões dos sítios quanto no laboratório de arqueologia e paleontologia da UEPB (LABAP), no qual são realizadas as atividades para conservação dos achados pré-históricos.

Proposta

Objetivo final é a construção de um geoparque mundial no intuito de conservar todos os 62 sítios paleontológicos e 15 sítios arqueológicos na região

Ong Movissauros vai atuar na valorização

Em 20 de novembro de 1996, Luíz Carlos Gomes sugeriu a criação de uma ONG, pois assim os pedidos em prol da valorização do Vale dos Dinossauros teriam outra significância, além daqueles feitos individualmente. Então foi fundada a Movissauros (Associação Movimento de Preservação do Vale dos Dinossauros), "que, ao iniciar sua atuação, tirou o Vale dos Dinossauros do esquecimento em que se encontrava, pois, quando o padre italiano Giuseppe Leonardi havia encerrado suas pesquisas, em 1989, nada mais se falava sobre pegadas de dinossauros. Naqueles anos, as emissoras de Sousa eram pouco atuantes, entretanto, quando os integrantes da Movissauros passaram a buscar os achados catalogados por Giuseppe e encontraram novas pegadas de dinossauros, os jornais da Paraíba abriram espaços para a divulgação desses achados, de novas pegadas", afirmou Luíz Carlos.



Todo material novo encontrado na área passa por um processo de controle e é mapeado

O projeto e os resultados

As atividades em campo permitem que os estudantes participem de explorações de sítios arqueológicos e paleontológicos, localizando os registros de fósseis, microfósseis, icnofósseis e outros. Para esse trabalho são utilizadas as técnicas de fotografias, vídeos, *scanner* e anotações detalhadas para garantir que todas as informações sejam capturadas com precisão. No laboratório, os estudantes realizam atividades de tombamento e registro de materiais arqueológicos e paleontológicos, além da higienização e organização desses materiais que serão usados em futuras pesquisas, aliando o trabalho prático com os estudos literários sobre a temática da pesquisa.

Ecos do Universo

Samira Arruda Vicente
Colaboradora

Jocelyn Bell e a detecção dos pulsares

Por volta de 1948, haviam alguns grupos de pesquisadores com o objetivo de desenvolver técnicas que possibilitassem uma qualidade melhor dos sinais recebidos pelos radiotelescópios da época. Fazia parte de um desses grupos, Antony Hewish (1924–2021), astrônomo britânico responsável pela criação do Interplanetary Scintillation Array (Arrranjo de Cintilação Interplanetária), com interesse de investigar a cintilação (alteração no seu brilho) das estrelas visíveis e de estrelas que emitem ondas de rádio.

Com essa técnica, foi possível identificar muitos objetos no universo, determinar seus tamanhos, estruturas e também a velocidade do vento solar. Por volta de 1960, os quasares foram detectados por Maarten Schmidt (1929) e, em 6 de agosto de 1967, os pulsares, por Jocelyn Bell Burnell (1943).

Jocelyn Bell era uma estudante de doutorado aos 24 anos e trabalhava com Hewish. Ela era responsável por coletar e analisar dados do radiotelescópio do Observatório de Radioastronomia de Mullard, em Cambridge, no Reino Unido. Bell havia apresentado registros de uma fonte de rádio sofrendo cintilação quando observada na direção antissolar (quando a observação é feita na direção oposta ao Sol no céu). O fato era considerado incomum, pois cintilações daquela intensidade não ocorreriam naquela direção.

Foi considerado que essas cintilações poderiam ter origem a partir de interferência humana ou de outras fontes desconhecidas. Bell, porém, realizou o cruzamento de outras observações astronômicas e pôde constatar que o sinal detectado poderia ser determinado como tendo o período preciso de 1,3 segundos, e a sua localização, a constelação de Vulpecula, a pequena raposa.

Os anos 60, marcados pela corrida espacial entre americanos e russos, despertou todo um interesse no tema espaço, marcado por muitas produções de ficção científica. Assim, não tardaram em aparecer alegações de que o sinal recebido poderia ser de comunicação extraterrestre, recebendo o nome de Little Green Men (Pequenos Homens Verdes).

Entretanto, no fim de 1967, Bell detectou outro sinal com período menor (1,2 segundo) o que promoveu a interpretação de que não poderia ser comunicação extraterrestre com a mesma frequência. Em 1968, ela conseguiu detectar mais dois sinais com períodos ainda maiores. Uma série de pulso de diferentes amplitudes, com duração de 0,3 segundo e os pulsos tendo cerca de 1,33 segundo de intervalos. A regularidade desses sinais terminou cunhando o nome com que foram batizados: pulsares.

Os pulsares são o resultado do fim da vida de estrelas que, ao tornarem-se supernovas, criam pequenas estrelas supermassivas: as estrelas de nêutrons. O primeiro pulsar, identificado por Jocelyn Bell, foi batizado como PSR B1919+21. Os pulsares são considerados faróis estelares, permitindo que os astrônomos realizem medições de outros objetos, lembrando um sistema *GPS*. Uma parte das pesquisas feitas hoje sobre as ondas gravitacionais dependem dos sinais precisos dos pulsares.

No próximo mês, abordaremos a descoberta da chamada Radiação Cósmica de Fundo feita pelos pesquisadores Arno Penzias e Robert Wilson, em 1965, em Nova Jersey, EUA, que é considerada como prova importante para a Teoria do Big Bang.

Samira Arruda Vicente, mestre em Ensino de Física e membro do BERG (Brazilian Educational Radioastronomy Group). Atua como professora e pesquisadora do Departamento de Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Colunista colaboradora

AGROFLORESTA

Cultivo sob a sombra de outra planta

Técnica é uma alternativa usada por agricultores para facilitar a adaptação de espécies da flora ao clima nordestino

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Uma plantação cultivada às sombras das árvores. De forma bem resumida, é assim que funciona uma agrofloresta, uma opção que pode ajudar as plantas a uma melhor adaptação ao clima nordestino, além de trazer produtos extras ao agricultor. Em Mamanguape, na Zona da Mata paraibana, por exemplo, há um cultivo de macaxeira que convive com o de mogno africano, em uma relação de cooperação mútua.

O agricultor José Mário da Silva, de Riacho de Santo Antônio, Cariri Oriental paraibano, contou que começou a implantar o sistema em 2010, após conhecer os benefícios da agrofloresta por meio de um professor da universidade onde estudou, que apresentou o assunto em uma aula de campo.

Hoje, ele planta em consórcio palma forrageira, moringa, gliricídia, gravatá e capim buffel. Esses produtos são usados para alimentação animal, mas ele revelou que tem planos de fazer uma nova agrofloresta com árvores frutíferas. "Além da diversidade de produção, tem o lado ambiental que ajuda na recuperação do solo que tem a troca de nutrientes e a produção de matéria orgânica e a biodiversidade", afirmou.

O engenheiro florestal e extensionista rural da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), Itaragil Marinho, explicou que a agrofloresta é um ambiente de produção agrícola que envolve o cultivo tradicional de culturas agrícolas, ou pastagens, com o plantio associado de expressos florestais, seja para produção madeireira ou não madeireira. Também pode haver a implantação de espécies para uso apícola, ou seja, para a criação de abelhas.

Um dos principais benefícios, segundo ele, é a sombra proporcionada pelas árvores, que também resulta em uma diminuição da temperatura. "A gente tem uma falsa noção de que as plantas têm que receber 100% de sol, o que não é verdadeiro. Algumas pesquisas indicam que as temperaturas acima de 38 °C provocam uma paralisia nas plantas. As plantas deixam de fazer fotossíntese, porque elas trabalham à base de água e, quando a temperatura se eleva muito, a água começa a praticamente ferver dentro da planta, vira uma panela de pressão. Então, a planta para as suas atividades para evitar a sua morte por esse fenômeno", contou.

Essa redução da temperatura proporcionada pela agrofloresta é especialmente importante na Região Nordeste, onde as temperaturas costumam ser mais elevadas. "Quando você tem árvores aqui no Nordeste, que é uma região extremamente quente, onde nós temos as maiores áreas de insolação, principalmente no Semiárido, a floresta começa a te dar esse benefício. As árvores vão dar sombra, que vão baixar a temperatura nas horas mais quentes e também formar ali um microambiente, um microclima de retenção de umidade", esclareceu.

Segundo o engenheiro florestal, algumas espécies arbóreas têm essa capacidade. "Como as raízes são mais profundas do que as espécies agrícolas, elas vão buscar água lá embaixo do solo e, durante sua fotossíntese, elas transpiram, então elas jogam umidade de volta para o ambiente. Isso vai favorecer as plantas que estão embaixo, as plantas agrícolas ou as capineiras, que são usadas para alimentar os animais na pecuária", detalhou

Ainda de acordo com Itaragil Marinho, as árvores ainda trazem outras vantagens. "Você tem uma ciclagem maior de nutrientes, porque as plantas conseguem buscar os minerais lá no solo, lá embaixo, e trazê-los de volta por meio da queda das folhas e dos galhos finos", pontua. Ele menciona, também, que a ciclagem de nutrientes que as plantas florestais trazem dentro de uma cultura agrícola, também vão proporcionar um ambiente mais favorável à vida, ao hábitat dos animais silvestres. "Então, você vai ter árvores onde pássaros vão poder fazer ninhos, outros animais também vão visitar. Você vai favorecer a questão da criação de abelhas, que você também vai ter uma diversidade maior de flores e de hábitos para as próprias abelhas, que elas buscam não só flores, mas também resinas nas plantas", relatou.

Com tudo isso, o profissional afirmou que é possível "transformar o ambiente monótono, vamos assim dizer, que o pessoal tecnicamente chama da monocultura, em um ambiente diversificado, onde você vai ter uma diversidade de vegetais e uma diversidade de animais, que vão equilibrar esse ecossistema". Até os ataques de pragas se tornam mais difíceis em um ambiente mais diverso e equilibrado, o que acaba reduzindo também a necessidade de defensivos agrícolas.

Outra vantagem do sistema para o agricultor é a possibilidade de obter múltiplos produtos. "Em vez de você ter só o produto agrícola, você também vai ter o produto florestal. Você pode ter também a extração de resinas, pode ter fruticultura, pode ter a extração de produtos medicinais, oriundos de plantas nativas, como cascas e folhas e frutos. Então, você vai ter multiprodutos, além da própria madeira. A gente sabe que, no meio rural, é muito comum o uso de madeira para queima, para lenha, para cocção de alimentos e também para a construção de estruturas rurais como cercas, porteiras e até linha de telhados de casa", exemplificou Itaragil Marinho.

Além disso, com a agrofloresta, há a possibilidade de se obter esses produtos sem buscar desmatar uma área nativa para isso, então é mais um ponto a favor do meio ambiente, além de um benefício econômico para quem produz.


Foto: José Mário da Silva/Arquivo pessoal

"Além da diversidade de produção, tem o lado ambiental, que ajuda na recuperação do solo

José Mário da Silva


Fotos: Divulgação/Empaer

Estratégia promove a redução de temperaturas no microambiente

Implantação do sistema depende do objetivo de cada cultura

A agrofloresta atende ao princípio de ajuda mútua. Então, é necessário estudar plantas que se ajudem para aproveitar todas as vantagens desse sistema. "Por exemplo, se eu tenho um plantio de capim e eu preciso produzir capineira para os animais, eu coloco ali uma espécie arbórea frutífera ou uma espécie nativa que eu, futuramente, possa explorar a madeira dela; então eu tenho um ganho, porque eu vou proporcionar sombra, vou proporcionar uma proteção para aquela capineira e ao mesmo tempo para os próprios animais. Os animais vão passar em um ambiente melhor, mais úmido, mais protegido. E, futuramente, eu vou ter outro produto além daquele que eu esperava", explica o engenheiro florestal Itaragil Marinho.

Segundo ele, é necessário ter em mente o objetivo daquela plantação. "Da mesma forma na agricultura, se eu estou plantando milho e feijão e coloco algumas árvores dentro do plantio ou ao redor desse plantio, eu também tenho que ver o que eu quero com essas árvores. Eu quero madeira, eu quero lenha, eu quero explorar um pasto apícola?".

Ele contou, inclusive, que há casos em que se faz pequenas áreas de plantio dentro da própria floresta "para que a floresta proteja aquele ambiente. Então você vai ter um ganho tanto na forma de produtos e produção quanto também na melhoria do ambiente. E a Embrapa provou isso lá no Ceará mostrando que, mesmo em anos de seca, quando o plantio é feito dentro do sistema agroflorestal, a floresta consegue manter o ambiente um pouco mais úmido e uma produção um pouco mais elevada do que aquela observada fora do ambiente agroflorestal".

Estratégia é um meio de combate ao desmatamento e à desertificação

O extensionista da Empaer Itaragil Marinho também ressaltou que a agrofloresta é uma importante ferramenta no combate ao desmatamento e à desertificação. "A agrofloresta é uma das medidas que podem ser adotadas, em que eu vou transformar ambientes áridos ou semiáridos improdutivos em ambientes produtivos, a partir da implantação desses sistemas, nos quais eu vou começar a recuperar o solo e vou criar um ambiente propício para que a agricultura volte a ser possível, ou a produção de capineiras para a alimentação animal e assim você renovar aquele ambiente", afirmou.

Para isso, ele contou que a Empaer tem acompanhado agricultores em todo o estado e está mapeando os que praticam esses sistemas. "Nós temos conhecimento na região do Cariri, região de Monteiro, Sumé, São Sebastião do Umbuzeiro e adjacências. Muitos produtores já fazem, às vezes, sem perceber, esses sistemas agroflorestais. Na região de Catolé do Rocha, nós temos, inclusive, técnicos da Empaer que já praticam eles mesmos, em algumas áreas próprias. Na região do Alto Sertão também, no Curimataú, região de Cuité e ali, estendendo para Remígio até o Brejo, nós temos um núcleo muito forte de sistemas agroflorestais. Campina Grande, Lagoa Seca e adjacências. Nós temos também aqui no Litoral, na região de Conde principalmente, Alhandra, Pitimbu", listou.

Em 2024, a Empaer prestou assistência a 430 famílias agricultoras em 191 municípios com a temática "Agrofloresta", representada por atividades como o Arranjo Produtivo Local (APL) do Caju e do Umbu, do Plano de Agricultura de Baixo Carbono (Plano ABC), Apicultura e Meliponicultura, e formação de bancos de proteína para alimentação animal.



Foto: Evandro Pereira

Engenheiro florestal e extensionista rural da Empaer, Itaragil Marinho acompanha plantações em toda a Paraíba

Foto: Daniel Vieira/Treze



Foto: Cristiano Santos/Botafogo-PB



O Galo vem de duas vitórias consecutivas no Estadual, sendo que o Belo (foto à direita) acumula dois jogos sem vencer

TREZE X BOTAFOGO-PB

Clássico Tradição acontece hoje, em Campina Grande

Galo corre atrás da terceira vitória consecutiva, enquanto o Belo quer os três pontos para se aproximar do líder Sousa

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Clássico Tradição acontece hoje, às 16h, no Amigão, em Campina Grande. Treze e Botafogo-PB se enfrentam em partida válida pela sexta rodada do Campeonato Paraibano. As equipes farão o confronto de número 421, considerando toda a história. O Belo busca os três pontos para se aproximar do líder Sousa, enquanto o Galo corre atrás da terceira vitória consecutiva.

Os donos da casa chegam embalados no clássico: venceram os dois últimos jogos e querem aproveitar para dar sequência ao bom momento. Após derrotar Serra Branca (1 a 0) e Esporte de Patos (3 a 0), neste último com a estreia de Marcelo Martelotte como treinador, o time alcançou os sete pontos e terminou a quinta rodada no G4. O Alvinegro de Campina Grande tem uma partida a menos que os seus concorrentes.

Martelotte concedeu entrevista coletiva e falou sobre o início da sua trajetória no clube trezeano. Questionado sobre o confronto com o Botafogo-PB, ele afirmou que o foco inicial do trabalho foi conhecer primeiro as características do seu elenco, mas que entende a importância do clássico para a sequência da temporada.

"É muito difícil quando você tem um clássico logo no início do trabalho, tendo jogos praticamente a cada dois ou três dias. Eu tive que abrir mão de analisar o adversário deste domingo com alguns dias de antecipação. Temos como referência a partida da última quarta-feira [29]. Também fizemos uma análise mais aprofundada mais próximo do jogo, entendendo a dificuldade, entendendo que será um jogo diferente", destacou o técnico.

O novo treinador do Treze ressaltou que, nos primeiros dias no CT Presidente Vargas, tem contado muito com o auxiliar Italo Nascimento, que comandou o time na vitória contra o Serra Branca.

"O que temos feito é a sequência do trabalho da semana passada, do qual Italo esteve à frente. Mas trouxemos algumas referências nesses dias. De alguma maneira, a gente acrescenta alguma coisa, conversa individualmente com os jogadores e mexemos nas bolas paradas. Foi o que deu para trabalhar nesses primeiros dias", afirmou Marcelo Martelotte.

Belo

O Botafogo-PB chega para o Clássico Tradição em pior momento, pelo menos nos resultados. Apesar de criar muitas chances, o time não tem convertido as finalizações em gols e já acumula dois jogos sem vencer: derrota para o Pombal e empate contra o Serra Branca. Somar os três pontos contra o Treze significa se recuperar na competição e também evitar uma crise.

A partida desta tarde é apenas a segunda que o clube jogará longe de João Pessoa em 2025. Na primeira, os comandados de João Burse perderam para o Pombal por 1 a 0. Diante do cenário das partidas recentes, o técnico rechaçou qualquer possibilidade de individualizar culpa. Ele afirmou que há problemas coletivos que precisam ser ajustados. "Estamos dando oportunidade para todos que estão dentro do elenco. Eles precisam dar resposta dentro do campo. Não vamos individualizar a culpa pelos problemas. Os resultados recentes são culpa de todos, somos todos responsáveis por isso", comentou o técnico.

Retrospecto

Nos 420 jogos anteriores entre os clubes, houve uma supremacia do Galo, que venceu 162 vezes; já o Belo tem 124 vitórias; ainda tiveram 134 empates. Conforme Raimundo Nóbrega, pesquisador da história do time da Maravilha do Contorno, a primeira partida entre os times ocorreu em 1939. Em confronto válido pelo Campeonato Paraibano, o Treze goleou o Botafogo-PB pelo placar de 8 a 1.

Pelo Estadual, aconteceram 250 jogos, com 80 vitórias do Botafogo-PB, 77 empates e 92 triunfos do Treze. No torneio de 2024, o Alvinegro de Campina Grande levou a melhor no enfrentamento, vencendo por 2 a 0, numa partida realizada no Almeidão.

Complemento da rodada

Além de Treze x Botafogo-PB, hoje, também às 16h, no Almeidão, o Auto Esporte recebe o Esporte de Patos. Serra Branca e Picuiense fecham a rodada amanhã, às 16h, no Amigão, em Campina Grande.

FLAMENGO X BOTAFOGO

Supercopa Rei pagará um prêmio de R$ 12 milhões ao campeão

Agência Estado
Da Redação

A edição deste ano da Supercopa Rei terá premiação recorde, contando com a ajuda de recursos da Conmebol. Flamengo e Botafogo vão disputar, além do título, o valor de R$ 12 milhões na partida marcada para o Estádio Mangueirão, em Belém (PA), hoje, às 16h, com transmissão da TV Globo.

Trata-se da maior cifra de premiação da história do torneio, que reúne os campeões do Brasileirão e da Copa do Brasil da temporada anterior. De acordo com a CBF, os finalistas vão receber cada um R$ 6,05 milhões. E o campeão receberá mais US$ 1 milhão, equivalente a aproximadamente R$ 5,8 milhões, alcançando cerca de R$ 12 milhões no total. O valor em dólares é uma verba enviada pela Conmebol à CBF. Desde 2022, a entidade responsável pelo futebol sul-americano envia tal valor a cada entidade associada, como a própria CBF, para que seja direcionado a um vencedor de torneio ligado à classificação direta para a fase de grupos da Copa Libertadores, caso do Brasileirão e da Copa do Brasil, que define os participantes da Supercopa.

"A Supercopa Rei será uma grande celebração do futebol brasileiro neste domingo. A premiação recorde será uma atração a mais para animar atletas e torcedores em Belém", afirmou o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues. Cerca de 45 mil ingressos foram disponibilizados para o confronto de hoje a tarde. O nome da competição homenageia desde 2023 o Rei Pelé, que faleceu em dezembro de 2022. Até então, o evento era batizado de Supercopa do Brasil.



Foto: Gilvan de Souza/Flamengo

Bruno Henrique comandará o ataque do Fla no jogo de hoje

Retrospecto

De acordo com o *site* ogol.com.br, Flamengo e Botafogo estiveram frente a frente em 349 jogos, com 107 vitórias para o Alvinegro, 113 empates e 129 triunfos para o Rubro-Negro. Os últimos oito encontros foram marcados por grande equilíbrio,:cada time venceu quatro vezes. Em 2024, nos dois jogos do Brasileirão, a equipe da Estrela Solitária se deu melhor, com agregado de 6 a 1.

Prováveis escalações

Botafogo: John; Vitinho, Bastos, Barboza e Alex Telles; Gregore, Marlon Freitas e Kauan Gabriel; Savarino, Igor Jesus e Artur Victor. Técnico: Carlos Leiria.

Flamengo: Rossi; Wesley, Léo Ortiz, Léo Pereira e Alex Sandro; De La Cruz, Erick Pulgar, Gerson, Gonzalo Plata e Michael; Bruno Henrique. Técnico: Filipe Luís.

Arbitragem

Ramon Abatti Abel (CBF-SC) é o árbitro da decisão. Neuza Ines Back (CBF-SP) e Guilherme Dias Camilo (CBF-MG) serão os assistentes. O quarto árbitro é Matheus Delgado Candançan (CBF-SP). O VAR é Wagner Reway (CBF-SC).

JOGOS OLÍMPICOS DE 2028

Rebeca Andrade foca Los Angeles

Em entrevista, ginasta ressalta que a medalha de bronze conquistada pela equipe, em Paris, foi a mais importante

Agência Estado

Rebeca Andrade, a maior medalhista olímpica do Brasil, destacou em uma recente entrevista que a medalha de bronze conquistada pela equipe de ginástica artística nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 é a mais importante de sua carreira. Para a atleta de 25 anos, o feito coletivo teve um significado especial, pois refletiu a superação de desafios pessoais e a união do time para alcançar o pódio.

Em conversa com o *site* do Comitê Olímpico do Brasil, ela também falou sobre a evolução em sua trajetória, seu foco no ciclo olímpico de Los Angeles 2028 e a busca por equilíbrio entre sua vida profissional e pessoal.

"A de bronze [por equipes], pra mim, é a medalha mais importante. Não que as outras não tenham significado, porque têm. O ouro foi incrível. Ver minha equipe toda chorando lá… eu fico arrepiada só de lembrar. A gente queria tanto essa medalha, sabíamos que tínhamos a capacidade, e muitas coisas aconteceram naquele dia. Cada uma de nós enfrentou seus próprios desafios pessoais, mas conseguimos blindar a mente e realizar nosso sonho", contou a ginasta.


Foto: Marina Ziehe/COB

Para Rebeca, Paris também representou uma evolução importante, não apenas em termos técnicos, mas no fortalecimento da confiança em sua trajetória

Rebeca detalhou que a conquista da medalha de bronze foi um reflexo do esforço coletivo, mas também das adversidades enfrentadas por cada membro da equipe. "Cada menina passou por suas próprias batalhas, mas conseguimos focar no que realmente importava: o trabalho em equipe. Quando a gente subiu no pódio, foi a realização de um sonho coletivo, e isso foi muito mais significativo do que qualquer medalha individual", explicou.

Para a ginasta, a experiência em Paris 2024 também representou uma evolução importante, não apenas em termos técnicos, mas no fortalecimento da confiança em sua trajetória. "Eu, que já tinha conquistado o ouro no salto em Tóquio 2021, cheguei a Paris mais madura, com o corpo melhor preparado e, principalmente, com a mente mais focada. Isso fez toda a diferença", ressaltou Rebeca. A confiança foi a palavra-chave que, para ela, foi a maior fonte de evolução desde os Jogos Olímpicos do Japão até o recente sucesso na França.

Além disso, Rebeca também refletiu sobre a importância da preparação mental para lidar com as pressões das competições. "Chegar aos Jogos Olímpicos sabendo que você fez todo o trabalho possível é o mais importante. Não se trata de esperar pela perfeição, mas de se entregar de corpo e alma, sem arrependimentos. Eu sempre falo que a ginástica é um esporte que exige muito da mente, e foi essa mentalidade que me levou até o pódio em Paris", afirmou.

Pensando no futuro, Rebeca já está focada no ciclo para os Jogos Olímpicos de Los Angeles 2028. "Ainda tenho muitos desafios pela frente, mas o que me motiva a seguir treinando e me preparando com tanto empenho é saber que posso continuar contribuindo para a evolução da ginástica artística no Brasil", revelou.

No caminho para 2028, Rebeca tem planos de ajustar sua rotina de treinos e dar mais atenção à recuperação do corpo, já que está decidida a reduzir o impacto físico de algumas modalidades, como o solo. "Eu sei que posso ser ainda mais competitiva, mas agora meu foco é manter o equilíbrio físico e mental. O solo foi maravilhoso para mim, mas, no ciclo atual, acho que posso direcionar mais a minha energia para outras áreas e continuar ajudando a equipe a brigar pelas melhores posições", afirmou.

Além do ambiente esportivo, Rebeca também procura criar espaço para sua vida pessoal. Ela expressou o desejo de aproveitar momentos fora do ginásio para explorar novos *hobbies*, como o tênis e a altinha, atividades que a fazem relaxar e desconectar.

"Eu tenho que ter essa vida fora do esporte também, porque isso me faz feliz. Às vezes, a gente foca tanto no objetivo profissional que acaba esquecendo que a felicidade não está só nos treinos. Quero aproveitar essas oportunidades de viver coisas novas, e acredito que isso também reflete positivamente na minha performance como atleta", finalizou.

RIO OPEN 2025

Torneio qualificatório acontece nos dias 15 e 16 de fevereiro

Agência Estado

O ex-campeão do Rio Open, Laslo Djere, estará de volta ao torneio na edição de 2025, mas desta vez no qualificatório. O sérvio, vencedor do evento em 2019, foi confirmado na lista dos tenistas que disputarão as vagas na chave principal do ATP 500, que ocorrerá nos dias 15 e 16 de fevereiro, no Jockey Club Brasileiro, no Rio de Janeiro.

Djere, que encantou o público carioca ao conquistar o título no saibro brasileiro há seis anos, buscará voltar à chave principal do Rio Open, desta vez enfrentando grandes desafios no *qualifying*.

A competição contará com 16 jogadores e definirá as últimas quatro vagas para a chave de simples. Enquanto 13 atletas garantirão a classificação a partir do *ranking*, os outros três lugares serão preenchidos por convites — entre eles, o brasileiro João Lucas Reis, que obteve sua vaga após conquistar a Procopio Cup.

Além de Djere, o qualificatório do Rio Open 2025 terá outros nomes de destaque, como Thiago Monteiro, atualmente o terceiro tenista mais bem classificado do Brasil e ocupando a 100ª posição no *ranking* da ATP. O cearense retorna ao torneio com a confiança de quem já fez história na competição, ao eliminar o francês Jo-Wilfried Tsonga na edição de 2016.

LISTA DO *QUALIFYING*

- Francisco Comesana (ARG) – 86º
- Francesco Passaro (ITA) – 90º
- Yannick Hanfmann (GER) – 92º
- Camilo Ugo Carabelli (ARG) – 93º
- Federico Coria (ARG) – 95º
- Thiago Monteiro (BRA) – 100º
- Sumit Nagal (IND) – 106º
- Jaime Faria (POR) – 109º
- Laslo Djere (SRB) – 113º
- Chun–Hsin Tseng (TPE) – 119º
- Daniel Elahi Galan (COL) – 121º
- Hugo Dellien (BOL) – 122º
- Thiago Agustin Tirante (ARG) – 126º
- João Lucas Reis (BRA) – 420º (WC)

O argentino Federico Coria, o indiano Sumit Nagal e o alemão Yannick Hanfmann também foram confirmados pela Associação de Tênis Profissional (ATP). O evento promete ser uma vitrine para o talento dos jogadores que buscam um lugar na chave principal, que contará com estrelas como o alemão Alexander Zverev, vice-campeão do Aberto da Austrália, o dinamarquês Holger Rune e o brasileiro João Fonseca, recém-chegado ao *top* 100 do circuito.

O Rio Open 2025 será realizado entre os dias 17 e 23 de fevereiro e promete reunir alguns dos melhores tenistas do mundo em uma das mais tradicionais competições de saibro da América Latina.

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Brasileiro Thiago Monteiro está na fase classificatória

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL

Faltam 16 meses para o grande evento

Pela primeira vez na história, a competição acontecerá em três países diferentes: Canadá, Estados Unidos e México

Agência Estado

Daqui a 16 meses, a partir de 11 de junho de 2026, o mundo vai parar para acompanhar mais uma Copa do Mundo.

Até a grande final, em 19 de julho, 103 partidas serão disputadas no Canadá, nos Estados Unidos e no México, no primeiro Mundial sediado por três países diferentes.

Além dessa novidade, a Copa de 2026 contará com um número ampliado de participantes. Serão 48 seleções: 16 da Europa, nove da África, oito da Ásia, seis da América do Sul, seis da América do Norte e da Central (os três países-sede mais três equipes), uma da Oceania e duas classificadas de uma repescagem mundial. A competição se espalhará por 16 cidades-sede, duas no Canadá (Vancouver e Toronto), três no México (Guadalajara, Cidade do México e Monterrey) e 11 nos Estados Unidos (Atlanta, Boston, Dallas, Houston, Kansas City, Los Angeles, Miami, Nova York/Nova Jersey, Filadélfia, São Francisco e Seattle). Serão 12 grupos de quatro equipes, com os dois primeiro lugares e os oito melhores terceiros colocados avançando de fase. A partida de abertura da Copa acontece no Estádio Azteca, na Cidade do México.

Os jogos de grupos, da primeira eliminatória e das oitavas de final estarão divididos entre os três países. A partir das quartas de final, todas as partidas serão disputadas nos Estados Unidos, até a final, no Metlife Stadium, em East Rutherford, Nova Jersey (próximo a Nova York).

As eliminatórias já estão em curso em quase todos os continentes, com algumas seleções próximas de confirmar suas vagas. Em março deste ano, será definida a equipe classificada pela Oceania.

■ A partida de abertura da Copa acontece no Estádio Azteca, na Cidade do México

Veja o cenário das Eliminatórias do Mundial por continente

África

Nas Eliminatórias Africanas, as seleções se dividem em oito grupos de seis equipes, e o líder de cada um garante vaga na Copa do Mundo. Os quatro melhores segundos colocados disputam um mata-mata, e o campeão vai para a repescagem mundial. Restam seis rodadas por jogar e, no momento, Egito, Sudão, Ruanda, Camarões, Marrocos, Costa do Marfim, Argélia, Tunísia e Comores lideram os grupos. Gabão, Moçambique e Gana (além de Senegal e Namíbia, empatados) são os melhores quartos colocados. A última rodada dessa fase acontece em 14 de outubro.

América do Sul

As 10 equipes da Conmebol se enfrentam em turno e returno até setembro deste ano. Desta vez, os seis primeiros garantem vaga direta na Copa do Mundo, enquanto o sétimo colocado vai para a repescagem mundial. Hoje, estariam classificados, nesta ordem: Argentina, Uruguai, Equador, Colômbia, Brasil e Paraguai. A Bolívia iria para a repescagem.

Américas do Norte e Central

Com três vagas já separadas para os países-sede (Canadá, Estados Unidos e México), as Eliminatórias da Concacaf estão um pouco mais distantes de um desfecho. Até julho, 30 equipes ainda estarão separadas em seis grupos de cinco. A partir daí, até novembro, os dois primeiros de cada grupo vão compor três chaves de quatro times e o campeão de cada chave estará no Mundial. Os dois melhores segundos colocados vão para a repescagem mundial.

Ásia

As Eliminatórias Asiáticas estão na segunda fase de grupos, onde 18 equipes se dividiram em três chaves de seis seleções cada uma. As duas primeiras seleções de cada chave se classificarão à Copa. O terceiro e quarto colocados de cada uma vão para uma nova fase, com dois grupos de três times, em que serão definidos os classificados para a repescagem mundial

Hoje, com quatro rodadas a serem disputadas, o Grupo A tem o Irã em primeiro (16 pontos), Usbequistão em segundo (13 pontos), Emirados Árabes Unidos em terceiro (10 pontos) e Catar em quarto (sete pontos). O Grupo B tem a Coreia do Sul em primeiro (14 pontos), o Iraque em segundo (11 pontos), a Jordânia em terceiro (nove pontos) e Omã em quarto (seis pontos). E o Grupo C tem o Japão em primeiro (16 pontos), a Austrália em segundo (sete pontos) e Indonésia, Arábia Saudita, Bahrein e China empatados com seis pontos. A última rodada acontece em 9 de junho deste ano.

Europa

As Eliminatórias da Uefa começam somente em março deste ano, vão até novembro e terão 12 grupos de quatro ou cinco seleções. O campeão de cada chave vai para a Copa e os segundos colocados disputam, até março de 2026, quatro vagas em uma eliminatória com as quatro equipes mais bem ranqueadas na Liga das Nações da Uefa.

Oceania

Oito seleções se dividiram em dois grupos de quatro e os dois primeiros de cada uma já se classificaram para um mata-mata. Em março deste ano, Nova Caledônia x Taiti e Nova Zelândia x Fiji serão os jogos das semifinais e quem vencer o confronto entre os dois times classificados vai à Copa do Mundo. O segundo colocado disputa a repescagem mundial.

Classificação da América do Sul

Clubes	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Argentina	25	12	8	1	3	21	7	14
2º Uruguai	20	12	5	5	2	17	9	8
3º Equador	19	12	6	4	2	11	4	7
4º Colômbia	19	12	5	4	3	15	10	5
5º Brasil	18	12	5	3	4	17	11	6
6º Paraguai	17	12	4	5	3	8	7	1
7º Bolívia	13	12	4	1	7	13	27	-14
8º Venezuela	12	12	2	6	4	11	15	-4
9º Chile	9	12	2	3	7	9	20	-11
10º Peru	7	12	1	4	7	3	15	-12

Foto: Divulgação/CBF



Atualmente, a Seleção Brasileira ocupa o quinto lugar na tabela de classificação das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2026; o Brasil volta a jogar pela competição no mês de março

BOCHA PARALÍMPICA

Paraibana participará de Mundial

Evento, que será realizado em Curitiba, terá fase de treinamento da Seleção Brasileira de Jovens, em São Paulo

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

O calendário anual de competições da Associação Nacional de Desportos para Deficientes (Ande) está prestes a ser iniciado. Para os atletas da bocha paralímpica, o pontapé inicial será dado por meio da primeira fase de treinamento da Seleção Brasileira de Jovens da modalidade, que será realizada entre os dias 7 e 14 de fevereiro, no Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro (CTPB), em São Paulo.

Durante uma semana, os atletas convocados estarão em solo paulistano se preparando para o Mundial de Jovens de Bocha Paralímpica, que acontecerá de 23 a 30 de março, em Curitiba, no Paraná. A delegação brasileira contará com a paraibana Laissa Guerreira, que comemorou a primeira convocação do ano.

"É uma emoção muito grande em meu coração, porque receber, já no início de 2025, uma convocação para representar o Brasil mais uma vez, representar a Paraíba, é uma felicidade imensa e uma honra ao mesmo tempo. Representar o Brasil é sempre uma honra, porque você leva a bandeira, você representa outros atletas, uma nação, outros cidadãos, então é uma responsabilidade, mas, acima de tudo, muita felicidade envolvida", comemorou Laissa.

Em clima de início de mais um ciclo paralímpico, mas já mirando os Jogos de Los Angeles 2028, a campinense se sente confiante para mais um Mundial de Jovens e espera repetir o desempenho alcançado na última edição da qual participou, quando voltou para casa com o ouro. "As expectativas estão lá em cima, porque confio muito no meu trabalho, no trabalho que eu e minha mãe, que é a minha treinadora, viemos fazendo durante toda essa caminhada na bocha, focadas realmente. E também porque é uma competição que há dois anos atrás eu participei, lá em Portugal, onde consegui me consagrar campeã mundial de Jovens, em 2023. Estou tendo essa oportunidade, agora, de representar o Brasil novamente nessa competição, e eu vou lá para dar o meu melhor, acima de tudo, ser feliz, com certeza, mas buscar, se Deus quiser, o meu título de bicampeã mundial de Jovens, e já conto com a torcida de todo mundo. Então as expectativas estão lá em cima, mas, acima de tudo, dar o meu melhor, que o resultado será consequência", afirma a atleta. Para além do Mundial, no entanto, o cronograma de atividades da bocha paralímpica em 2025 prevê uma vasta programação. Nesse sentido, é crucial se manter em constante preparação para que o desempenho alcançado seja sempre o melhor possível, algo que Laissa tem feito diariamente ao lado da mãe e treinadora, Edna Silva.

Foto: Ale Cabral/CBDV



A delegação brasileira contará com a paraibana Laissa Guerreira, que comemorou a primeira convocação do ano

"O ano 2025 está bem recheado de competições nacionais e internacionais e com certeza a gente tenta manter o meu trabalho, o trabalho que minha mãe, a minha treinadora, vem fazendo junto comigo e manter o foco. A gente sabe que eu tenho várias outras atividades, como os estudos, ativismo, a área de figura pública, mas tem que manter o foco, saber distinguir momento de momento, mas, acima de tudo, confiar em mim a cada convocação que eu for chamada para representar o Brasil ou representar em alguma competição nacional", esclarece. "Acredito também que viver cada competição, viver cada campeonato, dar o melhor de si em cada competição, em cada campeonato e o resultado será, se Deus quiser, muito assertivo, se assim Deus permitir. Conseguindo focar e dar o melhor em cada competição, em cada jogo, em cada parcial, eu acredito, porque um jogo, ele começa na primeira parcial, mas ele não acabou, ainda tem outras três parciais, isso é em cada jogo, né? Então é manter sempre o foco, acreditando no meu trabalho e sendo feliz acima de tudo, com certeza", acrescenta a paraibana.

NIGHT CHALLENGE

Inscrições em lote promocional de prova ciclística se encerram hoje

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Até hoje, os ciclistas podem garantir a inscrição no Night Challenge por preço promocional de R$ 89,90 + taxa. Considerada o maior evento noturno de ciclismo do Norte e do Nordeste, realizada à noite, nas ruas de João Pessoa, a prova ainda terá outros quatro lotes com valores acrescidos a cada período (acréscimo de R$ 10 nos dois primeiros, e de R$ 20 a partir do terceiro).

Essa é a primeira atividade prevista no calendário de ciclismo de estrada 2025 da Federação Paraibana de Ciclismo. O evento, que já é tradicional no meio ciclístico, acontece, neste ano, a partir das 16h, no dia 29 de março, no Parque das Três Ruas, no bairro dos Bancários, e conta pontos para o Ranking Nacional da modalidade.

Ao todo, são ofertadas 14 categorias masculinas, seis femininas e a Kids, que reunirá os jovens ciclistas (a Kids 1 reunirá crianças de cinco a seis anos de idade; a Kids 2, de sete a oito anos; e a Kids 3 engloba os competidores de nove a 11 anos).

Na edição passada, realizada no dia 16 de março, a prova recebeu competidores locais e de outros estados. Conforme o regulamento do evento, o objetivo é "proporcionar aos participantes a vivência de uma competição noturna". Além disso, "oferecer um entretenimento esportivo de alto nível para ciclistas, familiares e fãs, além de incentivar a prática do esporte e a saúde".

Parabéns pelos 132 anos do jornal A União, pela história e pelo compromisso com a informação de qualidade. O veículo tem se reinventado constantemente, acompanhando as mudanças tecnológicas e as novas formas de consumo de informação, sem jamais perder sua essência: servir à população com conteúdo relevante e de interesse público.

São os votos da Federação dos Bancários do Estado da Paraíba

FEEB - PB

Fecomércio PB · Sesc · Senac
Sistema Comércio

Nestes 132 anos do jornal A União,
o Sistema Fecomércio/Sesc/Senac Paraíba
parabeniza a trajetória de compromisso
com a informação, a cultura
e o desenvolvimento da Paraíba.

EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: Lucas Nóbrega

Fotos: Julio Cezar Peres



Bibliotecária Estela Santos é a responsável pela preservação, digitalização e catalogação dos quase 30 mil exemplares de livros, revistas e folhetos

ACERVO

Uma coleção histórica

Sediada na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Biblioteca Átila Almeida possui títulos que atraem estudiosos de todo o mundo

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Apesar de estar temporariamente fechada para reforma, a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, sediada na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, desde 2003, abriga um acervo raro com quase 30 mil exemplares de livros, revistas e folhetos, fruto do amor pela literatura nutrido por Horácio de Almeida (1896–1983), pai do professor Átila Almeida (1923–1991).

A biblioteca chegou à administração da UEPB após o Governo do Estado adquirir e doar à instituição o acervo pessoal do pesquisador e professor. Composto por sete grandes coleções: livros, dicionários, cordéis, jornais, folhetos, catálogos e xilogravuras, os títulos atraem estudiosos do mundo todo que pesquisam os primórdios da tipografia brasileira — datada a partir de 1842 —, a literatura de cordel, os acontecimentos históricos no Nordeste e na Paraíba — registrados no *Diário da Borborema*, de 1917 a 2012 — e os periódicos avulsos colecionados por Horácio e Átila, em um período compreendido entre 1848 e 2003.

Nos periódicos de Horácio de Almeida, estão, principalmente, recortes de suas produções literárias, que eram publicadas em jornais da época. Já Átila, que também possuía a aptidão para a escrita, chegou a publicar cinco livros, que também compõem o acervo da biblioteca.

Segundo Estela Santos, bibliotecária responsável pela preservação, digitalização e catalogação do acervo, pai e filho eram apaixonados por colecionar livros. "Horácio era mais organizado, é possível perceber uma coerência maior nos títulos que ele possuía. Já Átila era um bibliógrafo e parecia gostar apenas de ter o maior número de livros possíveis em sua casa, ele amava sair para encontrar e adquirir novas obras", conta a especialista.

Enciclopédia sobre o mundo

A coleção com 28.056 exemplares é composta, em quase metade, por dicionários. O motivo é que Átila Almeida tinha o sonho de, um dia, escrever uma enciclopédia sobre o mundo. "São dicionários sobre tudo que se possa imaginar: astronomia, sexo, francês, alemão, português. Ele queria construir um grande dicionário que explicasse as coisas que existiam na Paraíba, naquela época", explicou a bibliotecária.

Inclusive, um dos livros mais raros da biblioteca é a primeira obra publicada sobre a gramática da língua tupi-guarani. O título *Arte de Gramática da Língua mais falada na costa do Brasil*, escrito por José de Anchieta, teve apenas 12 exemplares impressos no ano de 1595, em Portugal. Atualmente, especula-se que só há cinco volumes restantes no mundo, um sendo parte da coleção de Átila.

O exemplar que hoje se encontra na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida preenche quase todos os atributos que caracterizam uma obra como uma raridade: escassez da publicação, presença de ilustrações produzidas de forma artesanal, dedicatória e um ex-líbris personalizado do proprietário. Esses últimos aspectos contribuem para que o livro se torne uma representação também do seu dono, contando, ao mesmo tempo, a história impressa em suas folhas e a história de quem o possuiu.

Natural de Areia, no Brejo paraibano, Átila Almeida não deixava de expor, nos livros da sua coleção, seu fascínio por sua cidade natal. Cada título leva, na contracapa, o seu ex-líbris, expressão de origem latina que significa "faz parte dos meus livros". Ou seja, uma pequena etiqueta, normalmente desenhada à mão, que contém um brasão, gravura ou desenho que expresse a personalidade do seu dono. Átila usava a mesma do seu pai: um desenho da capela de Areia.



Livro mais antigo é "Arte de Gramática da Língua mais falada na costa do Brasil", de 1595; parte dos livros do acervo contém o ex-líbris do colecionador (acima)

Espaço reúne mais de 18 mil cordéis



Foto: Julio Cezar Peres

Na biblioteca, cordéis mais antigos datam de 1907

Depois dos jornais do *Diário da Borborema*, os cordéis de Átila são as obras mais pesquisadas na UEPB. São 18.271 títulos em sua coleção, com o mais antigo datando de 1907, impresso em Recife, Pernambuco.

Apesar de não possuir o título oficial, a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida é o local que possui uma das maiores coleções do gênero, com base em pesquisas de instituições como a Associação Brasileira de Cordel (ABLC) e a Fundação Joaquim Nabuco. O conjunto reúne autores da nova geração de cordelistas e veteranos, a exemplo de Leandro Gomes de Barros e José Camelo de Melo Resende.

"Os cordéis são bem menores do que os livros, então é fácil entender por que ele possuía um número tão grande de obras do gênero. São as publicações que tomamos cuidado redobrado no armazenamento e na preservação por serem impressas em um papel muito frágil, quase como um papel de jornal. Usamos luvas para manusear e constantemente fazemos a limpeza das capas e folhas", destacou Estela Santos.

Além do trato especial tido com os cordéis, a bibliotecária encontrou uma forma de homenagear e dar continuidade à maneira com que o próprio Átila cuidava dos seus livros. "Com o acervo, vieram essas caixinhas de papelão e corino que ele mesmo fazia para guardar os títulos. Porém, o papelão é pouco protetor contra a acidificação das páginas. Por isso, desenvolvemos caixas com o mesmo *design* das de Átila, mas com papel *couché* de 120 gramas, que é próprio para armazenar folhas", detalhou a especialista.

Devido à fragilidade dos exemplares, a biblioteca não está aberta ao público, sendo necessário agendar a visitação. Contudo, no momento, o espaço está temporariamente fechado, devido às reestruturações nas instalações. Com isso, a digitalização dos títulos é priorizada. "É a melhor forma de preservar o conteúdo bibliográfico, já que a ação do tempo é inevitável. Além de facilitar o acesso do público, as obras digitalizadas podem ser lidas de qualquer lugar do mundo", disse Estela Santos.

Dentro do local, também estão curadas as coleções de outras personalidades ilustres da Rainha da Borborema e da Paraíba, como as obras de Raimundo Asfora, Ronaldo Cunha Lima, Honório de Melo e Bezerra de Carvalho.

Além dos livros, o espaço também abriga jornais, fotos e vinis. O acesso às obras já digitalizadas pode ser feito pelo endereço eletrônico oficial da biblioteca (bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br).



Conhecido como o “poeta-repórter”, o paraibano de Alagoa Grande, cultivava o hábito de ler diariamente os jornais e ouvir o “Repórter Esso” para obter informações e criar os seus versos

José Francisco Soares

Poeta especialista no viés jornalístico do cordel

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Quem poderia pensar na junção da poesia, marcadamente estética, com o jornalismo, cuja matéria-prima são os fatos do cotidiano? Somente um poeta-repórter como o cordelista José Francisco Soares, paraibano de Alagoa Grande que adotou Pernambuco como morada e onde desenvolveu uma intensa atividade literário-jornalística entre as décadas de 1950 a 1980.

“O jornal daqueles tempos / Era os versos de um cordel / José Soares, que era / O repórter menestrel / Se o rádio dava a notícia / Ele, com muita perícia, / Passava para o papel. // Foi repórter de seu tempo, / Narrava com precisão / As notícias que ele ouvia / Com a metrificação / Nunca perdeu uma rima / Sempre com ela se anima / Mantendo boa oração”, escreveu a poeta Maria do Rosário Pinto, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), em *O poeta e o folheteiro,* no qual conta a trajetória dessas duas figuras responsáveis pela divulgação das notícias e das manifestações da cultura popular nordestina, a exemplo das festas religiosas, brincadeiras, cantigas, rezas e benzeduras.

Rosário afirma que o poeta paraibano foi um especialista no viés jornalístico da literatura de cordel e o considera o maior desse gênero. “Era perito em identificar notícias que despertavam o interesse de seus leitores e recriá-las na forma poética, produzindo folhetos com uma rapidez nunca vista, para vendê-los enquanto a notícia não caia no esquecimento”, descreve a cordelista. Ao todo foram catalogados 310 títulos de autoria do poeta-repórter, dentre os quais podemos citar: *O Homem na Lua* (1969); *Brasil, Campeão do mundo – Agora a Taça é nossa!* (1970); *O Eclipse e o cometa Kohoutek* (1973); *A Morte de Elvis Presley* (1977) e *A Lamentável morte do santo Papa Paulo VI* (1978), dentre outros. Os de maior tiragem foram *A morte do Bispo de Garanhuns, Dom Expedito Lopes* (100 mil), *A lamentável morte do cantor Evandro Braga* (65 mil) e *A renúncia de Jânio Quadros* (60 mil).

Mesmo tendo a capital pernambucana como a sua morada, mantinha-se atento ao que se passava em sua terra natal, tanto que escreveu *A Lamentável morte do senador Rui Carneiro (1977)* e *O caranguejo de Várzea Nova – Paraíba* (1975), em que descreve o caso do pescador Severino, do distrito de Santa Rita, que teria encontrado um crustáceo com o símbolo de uma cruz e a inscrição dos números “8” e “0” no casco (que indicariam o fim do mundo, em 1980), fenômeno que atraiu curiosos para ver o “caranguejo santo”.

Para manter-se informado, Zé Soares, como também era chamado, cultivava o hábito de ler diariamente os jornais locais como *Diário de Pernambuco, Diário da Manhã* e *Diário da Noite.* Numa época em que a televisão ainda era para poucos, ouvir o *Repórter Esso* era outra forma de obter informações precisas para criar seus versos. “Assim, ele ficava sabendo do que acontecia e quando via que o assunto era bom para virar um folheto de cordel, ele anotava num caderninho e imediatamente escrevia”, revela um dos filhos, Marcelo Soares, cordelista e artista visual que herdou com o pai o gosto pela arte.

Marcelo conta que fez sua primeira ilustração quando o pai precisava de alguém para desenhar a capa de *A cheia do Capibaribe*, sobre as enchentes que ocorreram em 1977, no Recife, em meio aos boatos de estouro da barragem de Tapacurá. No folheto, o poeta-repórter narra como diversos veículos de imprensa noticiaram o fato e apresenta o número de desabrigados e as mortes provocadas pela catástrofe. “Papai tinha aquela coisa de escrever o cordel e disputar, palmo a palmo, com os jornais da época. Ele precisava de um capista. Eu estava ali, devia ter uns 17 anos, vendo aquele aperreio todo dele, aquela ânsia de fazer o cordel”, relata o filho, que já ajudava o pai na banca de folhetos, situada no Cais de Santa Rita, na região central da capital pernambucana.

A banca atendia a quem buscava informar-se sobre os acontecimentos de uma maneira diferenciada, mas também funcionava como espaço para congregar outros artistas da palavra e das artes visuais. “Era um local de encontros dos poetas mais antigos como José Costa Leite, J. Borges, Dila, Abraão Batista, Patativa do Assaré e tantos outros. Havia também uma troca de hospitalidade. Eu lembro, por duas vezes, Patativa conversando com papai lá em casa, quando ia para dormir. E quando papai ia para o Ceará, ficava lá na casa dele, trocando cordéis e fazendo escambos, as trocas necessárias”, recorda Marcelo.

Um dos fatos que marcou profundamente o filho de Zé Soares foi o encontro com Luiz Gonzaga, quando o Rei do Baião fazia um show, com transmissão ao vivo pela televisão, no Pátio de São Pedro, no Centro de Recife, a poucos metros da banca de folhetos: “Montaram um palco ali e papai soube. Nós fechamos a banca um pouco mais cedo e fomos. Quando chegamos lá, estavam ainda nos preparativos para fazer a gravação e Luiz Gonzaga estava lá no palco, conversando com os músicos. Papai ficou olhando para ele, doido que ele acenasse. Ele olhou e o papai acenou. Ele disse: ‘Zé Soares, meu amigo, venha cá!’. E papai me puxou pelas mãos… Eu lembro que Luiz Gonzaga botou a mão na minha cabeça e perguntou se eu ia ser poeta como meu pai”.

O trabalho de um cordelista não se resume à escrita de suas obras. Depois da composição dos versos, era preciso encaminhar para a gráfica com a ilustração da capa e, em seguida, iniciar o processo de comercialização, que não poderia ficar restrito a um único ponto. Tomando seu filho Marcelo como “fiel escudeiro”, Zé Soares saia pela madrugada, vestido de terno de linho branco e chapéu panamá, em direção às feiras de municípios do interior do Nordeste. Carregava consigo uma imensa mala de couro, na qual, além dos pertences pessoais, levava seus objetos de trabalho: os folhetos e um sistema de som alto-falante com bateria, que usava para chamar a freguesia. “Ele contava o cordel, só que tinha uma técnica para que as pessoas fossem se achegando. Para chamar atenção, ele lia três ou quatro partes de cordel e aí dava aquela paradinha estratégica que era justamente para que as pessoas perguntassem o preço. Era quando ele vendia. E depois ele continuava a leitura do cordel até o final”, revela Marcelo Soares.

Dessa maneira, o poeta-repórter fazia chegar aos rincões do Nordeste, junto às camadas populares, muitas delas sem acesso à leitura, uma informação que também era divertimento. Assim, ao transformar a notícia em história, em narrativa ou fábula, valendo-se da habilidade dos versos, o poeta rompia também com as fronteiras que separavam a informação da crítica, já que o autor também incluia sua visão de mundo, interpretações e até ironias nas rimas. Segundo a professora Ana Maria Galvão, os folhetos cumpriam também uma função social, especialmente para as camadas populares da sociedade, por se constituírem uma alternativa diferenciada e legítima para ficarem por dentro dos fatos e, ao mesmo tempo, resgatar alegria e criar forças para resistirem às adversidades do seco nordeste brasileiro.

Na década de 1970, quando a televisão ganha mais espaço nas grandes cidades e as estações de rádio se consolidam como meio informativo da população, Zé Soares passa a investir também na escrita de outros folhetos, mais de gracejo, de histórias de milagres e relatos da vida dos sertanejos. “Eu acredito que essa tenha sido a melhor fase dele. Foi quando ele escreveu *Fim de semana em casa de pobre, O Futebol no Inferno* e *O Cego no Cinema*, que são cordéis antológicos”, avalia Marcelo.

Outra temática recorrente na obra do cordelista paraibano é o futebol, especialmente sobre seu time do coração, o Santa Cruz Futebol Clube, de Recife, sobre o qual Marcelo Soares contabilizou 35 folhetos. A cordelista Rosário Pinto afirma que Zé Soares desenvolveu uma veia jornalística a tal ponto que aprontava os folhetos sobre um determinado jogo com antecedência, deixando apenas o título e o resultado para serem preenchidos no final e, logo a seguir, colocá-los à venda na porta dos estádios de futebol.

Nos últimos anos de vida, Zé Soares retomava os causos de sua terra e as vivências da infância, quando ouvia violeiros como Agostinho Lopes dos Santos, seu primo, e Inácio da Catingueira, seu tio e um dos mais célebres cantadores nordestinos. Num folheto autobiográfico, escrito em terceira pessoa, conta como empolgou-se pela arte a qual dedicou a vida: “Quando ele viu na feira / Aquela roda de gente / Se esquecia de tudo / Saía ligeiramente / Pra ver se eram folhetos / Ou cantador de repente. // Se acaso fosse um poeta / Cantando um livro engraçado / Ele não sentia fome / Ficava lá escorado / E só saía no fim / Quando visse o resultado”.

Nascido em Alagoa Grande, em 5 de janeiro de 1914, José Francisco Soares, mesmo tendo estudado apenas até a segunda série do primário, publicou seu primeiro folheto aos 14 anos de idade, intitulado *Descrição do Brasil por estados.* Na Paraíba, trabalhou como almocreve e agricultor, emigrando, em 1934, para o Rio de Janeiro, onde exerceu atividades na construção civil. Retornando ao Nordeste, em 1940, fixou residência em Recife, onde formou famílias — foram três casamentos e 14 filhos — e desenvolveu seus dons poéticos. Foi proprietário, nos anos 1960, da Gráfica Tricolor, que fechou depois de três anos de funcionamento, porque, segundo o filho, o pai não tinha tino comercial. “Ele era um poeta de bancada”, define.

O poeta-repórter faleceu em 9 de janeiro de 1981, aos 67 anos, em Timbaúba, Pernambuco, para onde tinha se mudado nos últimos anos da vida. Mesmo com a saúde abalada, não deixava de reportar os acontecimentos, a exemplo do último título publicado, *O incêndio das barracas de fogos em Garanhuns*, concluído duas semanas antes de sua morte.

Para saber quem foi? / José Francisco Soares / descrevemos nessa prosa / seus traços elementares / Nada como os muitos versos / de Barros, um de seus pares: / “É mesmo um cabra-da-peste, / embora de humildes ares, / Esse poeta-repórter / De versos tão populares, / Quem não conhece os folhetos / Do vate José Soares? // Não falo de um Frei Caneca / Da história do Brasil / Mas de um homem do presente / Bem educado e gentil / Que faz da pena um escudo / E da poesia um fuzil // Merece louvores mil, / Quem faz mais que o necessário, / Sendo grande entre os pequenos / Dentro de um viver precário. / É vencedor sem ter ido / além do curso primário. // Da palavra é um operário / Que se desdobra a escrever, / Dando suas impressões / Com bom humor e saber; / Fala de tudo e de todos, / Sem a ninguém ofender”.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

A desinformação ameaça o ambiente democrático saudável

Como a evolução digital tem sido usada para mobilizar agendas políticas e sociais, influindo na decisão de voto da população? É o que mostra o relatório "A questão digital nas eleições municipais de 2024 no Brasil: evidências e reflexões a partir da atuação de organizações membros da Sala de Articulação contra Desinformação". A SAD (Sala de Articulação contra Desinformação) reúne organizações da sociedade civil, incluindo grupos de pesquisa acadêmica, preocupadas com os impactos sociais da desinformação on-line.

Lançado há poucos dias, o relatório da SAD aborda como a evolução digital tem sido usada para influenciar a política e as eleições, particularmente no contexto das eleições municipais brasileiras de 2024, bem como destaca como a desinformação e o uso indevido de tecnologias digitais podem impactar negativamente o processo democrático.

As pesquisas e os dados apresentados no documento são fruto de iniciativas diferentes, como as do NetLab UFRJ (Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ), do Sleeping Giants, do Instituto Democracia em Xeque e do InternetLab, os quais investigaram o impacto da publicidade política on-line, a falta de transparência das plataformas digitais, questões sobre violência política de gênero e o uso de vídeos curtos para manipulação eleitoral.



Político, “coach” e influenciador digital Pablo Marçal apresentando o “Marçal Talks”

O NetLab UFRJ, por exemplo, descobriu que a proibição de publicidade política por algumas plataformas, após a aprovação da Resolução nº 23.732/2024, pelo Tribunal Superior Eleitoral (que impôs regras de transparência para a veiculação de anúncios online por candidatos e partidos), foi ineficaz e apenas fomentou um mercado negro para anúncios políticos.

O InternetLab, centro independente que conduz investigações nas áreas do direito e da tecnologia, identificou que, no campo da violência política de gênero nas redes, a falta de acesso a dados de plataformas digitais, especialmente no ano passado, dificultou a pesquisa sobre violência política de gênero on-line nas eleições de 2024. O apagão de dados impediu a comparação com pesquisas anteriores, criando obstáculos para a compreensão da extensão do problema e dos danos causados.

O Sleeping Giants, por sua vez, descobriu que o Google continuou a lucrar com publicidade política, apesar de suas declarações em contrário. A conclusão é que, ao proibir anúncios políticos no Brasil, em resposta às novas resoluções do TSE, o Google tornou-se menos transparente durante as eleições brasileiras — algo também observado pelo NetLab.

Já o Instituto Democracia em Xeque observou como vídeos curtos e campanhas paralelas são usados para manipular plataformas digitais e influenciar as eleições. Para isso, a instituição fez o acompanhamento dos usos de campanhas eleitorais e manipulação informativa no TikTok e, de modo mais geral, do funcionamento multiplataforma da indústria de cortes organizada no Discord. Especificamente sobre essa questão, o Democracia em Xeque ressalta que a indústria de cortes opera como uma campanha digital lucrativa, baseada na monetização direta e na exploração da economia da atenção.

O relatório "A questão digital nas eleições municipais de 2024 no Brasil" é curto, tem apenas 15 páginas, mas assusta. Mostra o quanto ainda precisamos aprender sobre o fenômeno da desinformação e o quanto seu rastro é danoso para a sociedade: coloca vidas em risco (como observamos na época da pandemia de Covid-19) e ameaça a democracia.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os instrumentistas da MPB — XXII

Pelo menos três fatos pontuais marcaram a infância de alguns instrumentistas da MPB aqui retratados, como aconteceu, por exemplo, com Luiz Gonzaga e Pedro Raimundo, entre outros: eram filhos de famílias humildes, herdaram dos pais o gosto musical e, por fim, afeiçoaram-se ao acordeão desde a primeira infância.

Instrumentista (sanfoneiro), cantor e compositor, Dominguinhos (José Domingos de Moraes, Garanhuns-PE, 1941–São Paulo-SP, 2013) compunha uma família de 16 irmãos. Seu pai, apelidado de Mestre Chicão, foi um conhecido sanfoneiro e afinador desse instrumento, e sua mãe, dona Mariinha, simples doméstica, eram alagoanos de nascimento. Como forte tendência ao estilo baião, Dominguinhos, mais tarde, veio a variar para o xote, o forró, o choro, o *pop*, a bossa-nova e o *jazz*, mas sempre focado na tradicional música nordestina, para o que lhe serviu de modelo Gonzagão, que o apadrinhou desde criança, e a quem aquele considerava seu "padrinho musical".

Tudo começou quando o pai o presenteou com um fole de oito baixos, usado, e ele começou a se apresentar, aos seis anos de idade, em feiras livres e em portas de pensões e hotéis de Garanhuns. Foi num desses hotéis, em que Luiz Gonzaga estava hospedado, e em cuja calçada Dominguinhos "arranhava" o fole em busca de alguns "trocados" que aquele o fez adentrar e tocar "lá dentro", empolgado com a vivacidade e competência do menino. Na ocasião, Dominguinhos já se apresentava com os irmãos Moraes e Valdomiro, formando o Trio Pinguins, começando a diversificar as apresentações pelo interior pernambucano. Foi o próprio Dominguinhos que deixou esse encontro registrado: "Não podíamos ultrapassar o portão do Hotel Tavares Correa, para não incomodar os hóspedes. Gonzaga nos fez entrar no salão e, no fim da apresentação, ainda meteu as mãos no bolso e tirou um bolo de dinheiro e entregou ao meu irmão".



Pernambucano Dominguinhos (1941-2013) e o “padrinho” Luiz Gonzaga (1912-1989)

Foi nessa ocasião que Gonzagão deu-lhes o endereço, no Rio de Janeiro, com a promessa de que, se um dia "pendessem" por lá, poderiam procurá-lo que ele os ajudaria.

Um ano depois, em 1948, Dominguinhos, já conhecido como Neném do Acordeom, foi estudar no Recife.

Somente em 1954, forçado por circunstâncias de vida, seu pai resolveu tomar o destino do Rio, viajando durante onze dias num velho pau de arara. Ali, arrancharam-se no bairro de Nilópolis, onde já morava o filho mais velho, Moraes. Procuraram, então, Gonzagão, que morava no Méier. Bem recebidos que foram, este, "sem mais nem menos", presenteou o garoto com uma sanfona nova, de 80 baixos, fazendo com que tornar-se íntimo de sua casa e o acompanhasse em shows, ensaios e até em gravações.

De 1957 a 1958, Dominguinhos (sanfona), que, até então tinha a alcunha de Neném do Acordeom, Zito Borborema (vocal e pandeiro) e Miudinho (João Batista de Lima Filho — zabumba), todos oriundos do grupo que acompanhava Gonzaga, formaram o embrião do Trio Nordestino. Data dessa época seu primeiro casamento com Janete, com quem tivera os filhos Mauro e Madeleine.

Deixando o Trio, seguiu carreira solo e lançou, em 1964, seu primeiro LP, *Fim de Festa*, por indicação de Pedro Sertanejo, o forrozeiro paulista, pai do futuro acordeonista Oswaldinho. Depois de gravar mais dois LPs, Dominguinhos volta, em 1967, a integrar o grupo do Rei do Baião, como sanfoneiro e motorista. É numa dessas viagens que reencontrou a cantora de forró, a pernambucana Anastácia, com quem manteria um relacionamento de 12 anos e cuja parceria musical nos deixou cerca de 250 composições e as filhas Márcia e Liane. De um terceiro relacionamento, com a cantora Guadalupe Mendonça, nasceu a também intérprete Liv Moraes.

Com certeza, foi a convivência com Gonzagão, Gilberto Gil e Caetano Veloso que o fez aproximar-se de outros músicos e intérpretes de renome, como Nara, Gal Costa, Bethânia, Elba, Chico Buarque, Toquinho e até Roberto Carlos, entre tantos outros.

Duas curiosidades: foi em show de Gal Costa, em Paris, em 1957, que Dominguinhos começou a usar o sofisticado acordeon Giuliette Super Model, microfonado de fábrica, algo inédito no Brasil, o que possibilitou o afloramento do seu virtuosismo, com novas experiências em harmonizações eruditas e jazzísticas; a outra foi resultado da convivência com três famílias, o que provocou, evidentemente, algumas desavenças de natureza doméstica, fazendo com que o corpo dele fosse sepultado duas vezes: a primeira, em Recife, e uma segunda, em sua terra natal, como era o desejo dele.

Destaque para alguns prêmios: Grammy Latino (2002 e 2012), Prêmio TIM (2007) e Prêmio Shell de Música (2010).

Dentre as centenas de criações de Dominguinhos, destacamos algumas: "Isso aqui tá bom demais", "De volta pro aconchego" (parcerias com Nando Cordel), ambas incluídas na novela *Roque Santeiro*, de 1985; "Quem me levará sou eu", "Tenho sede", "Só quero um xodó" (com Anastácia) e "Abri a porta" (com Gilberto Gil).

Pode-se dizer que ele fez escola... Que o digam Oswaldinho e Waldonys.

DEEPSEEK

Chatbot IA alavanca a empresa chinesa

Modelo comparável ou superior aos ocidentais assusta companhias tecnológicas

Laís Adriana
Agência Estado



Foto: Reprodução/Future

Modelos R1 e V3 conquistaram consumidores pela performance que utiliza chips menos avançados

DeepSeek, a *startup* chinesa, lançou na semana passada um *chatbot* de inteligência artificial (IA) generativa comparável aos modelos da OpenAI — ou até superior em algumas performances — e com recursos menores, utilizando *chips* menos avançados. Desde o lançamento, os modelos R1 e V3 conquistaram uma onda de consumidores que levaram a DeepSeek ao topo da Apple App Store no fim de semana, além de alcançarem o topo em *rankings* de *chatbots* IA.

Segundo a empresa, treinar o R1 custou US$ 5,6 milhões, valor que exclui gastos com pesquisa e desenvolvimento, mas que é significativamente menor em comparação com a faixa de US$ 100 milhões a US$ 1 bilhão citada no ano passado pelo *CEO* da rival norte-americana Anthropic para criar um modelo parecido. Na semana passada, a OpenAI e a Oracle também se comprometeram a investir bilhões de dólares na iniciativa Stargate, para impulsionar o setor de IA nos Estados Unidos.

A DeepSeek disse, ainda, em um relatório técnico que usou um *cluster* de mais de 2 mil *chips* Nvidia para treinar seu modelo V3, em comparação com dezenas de milhares de *chips* que normalmente são usados para treinar modelos de tamanho semelhante. Os *chips* também são menos avançados do que os de concorrentes, frente ao aumento de sanções dos Estados Unidos sobre exportações de semicondutores para a China.

A rápida ascensão do novo modelo de IA chinês de poucos recursos, mas alta performance, assustou o setor de tecnologia em escala global nesta semana. Na Ásia, o tombo de 8% do SoftBank — banco japonês que integra o projeto Stargate dos Estados Unidos — pesou sobre a Bolsa de Tóquio, que encerrou com perda de quase 1%. Na Europa, os índices acionários são pressionados pelas ações de tecnologia e, em Wall Street, o futuro do Nasdaq perde mais de 4%, com salto de 47% do índice de volatilidade VIX — uma espécie de termômetro do medo.

Analistas consultados pelo Wall Street Journal apontam que essa ascensão rápida levanta questões sobre os gastos elevados de *big techs* norte-americanas para financiar seus modelos de IA e coloca em xeque a valorização elevada de ações de fabricantes de *chips*.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Caminhai (2) = andai + trinta dias (1) = mês. **Solução:** escoras para a construção (3) = andaimes.

Charada de hoje: Uma cisão (2) firme e resistente (2) provoca uma fenda profunda (4) na estrada.


Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!


Imagem: Fra Angélico/Reprodução

A lança sagrada que matou Cristo

A lança do destino (ou lança sagrada) que foi usada na crucificação de Jesus Cristo, como o golpe final da sua morte, já inspirou muitas lendas e fascínio por parte de líderes históricos. Um dos fatos mais curiosos é a lenda de que o artefato tem superpoderes e torna quem a possui invencível, sendo a chave para o domínio do mundo.

Reza a lenda das realezas

Nos séculos 8 e 9, Carlos Magno, o primeiro imperador romano, supostamente, havia empunhado a lança em 47 campanhas militares bem-sucedidas. Reza a lenda que, numa ocasião, deixou cair a lança e morreu no momento imediatamente a seguir. O rei alemão Henrique I também teria possuído a lança na sua mão, assim como vários outros monarcas germânicos, incluindo o famoso rei guerreiro Frederico I do Sacro Império Romano-Germânico, na segunda metade do século 12. Frederico conquistou metade da Itália e partiu para a Terceira Cruzada. Na Turquia, em 1190, enquanto viajava para lutar na Terra Santa, também vivenciou um desfecho trágico — deixou cair a lança num rio e afogou-se minutos depois.

Obsessão de Napoleão

Na Turquia, a lança teria sido recuperada do rio e, em 1424, o imperador Sigismundo ordenou que fosse levada para Nuremberg, na Alemanha, e que lá ficasse guardada. Algumas centenas de anos mais tarde, na França napoleônica, um outro imperador estava a planear roubá-la. Em 1796, as forças comandadas por Napoleão Bonaparte atacaram Nuremberg em busca da lança, mas esta já havia sido levada, assim como outras relíquias antigas, para Viena. Napoleão estava determinado a capturar o objeto após a Batalha de Austerlitz, em 1805, mas o objeto foi contrabandeado para fora de Viena antes da batalha. Com o fim da guerra, em 1815, e a morte de Napoleão, a lança voltou para a capital austríaca e lá ficou até hoje.

Fascinação de Hitler

Outra figura histórica fascinada com a lança sagrada foi Adolf Hitler. Quando tinha vinte e poucos anos, ele conheceu Walter Johannes Stein, um filósofo e especialista no Santo Graal. Stein afirmou, mais tarde, que acreditava que Hitler era um feiticeiro, obcecado com o seu destino pessoal de exercer grande poder. Hitler disse a Stein que era a própria lança que se via como a chave para o seu futuro poder. Após os nazistas anexarem a Áustria, o artefato foi colocado num comboio especial e levado para Nuremberg sob a guarda da SS. Sete anos depois, com o fim da guerra, as forças norte-americanas localizaram e tomaram posse da lança, apenas duas horas antes de Hitler cometer suicídio, a 30 de abril de 1945.

Qual a verdadeira?

Existem quatro lanças sobre as quais afirma-se ser a sagrada, e que estão atualmente na Armênia, Polónia, Itália e Áustria. A lança de Viena é a mais famosa.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)





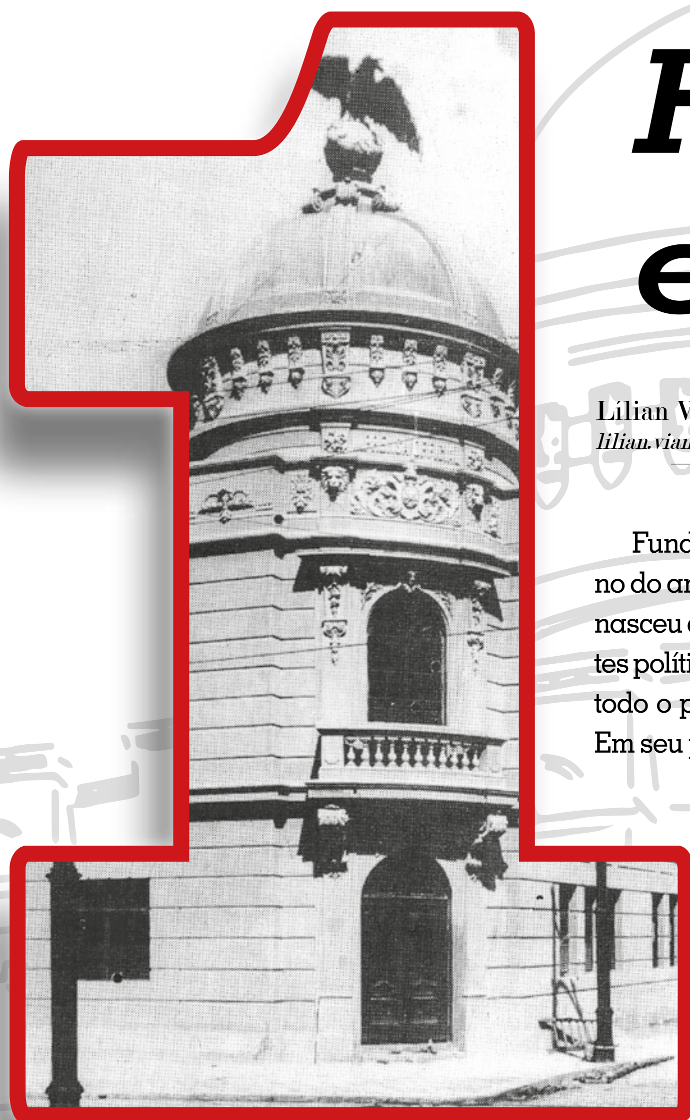
Solução

1 – cabelo do gênio; 2 – boca; 3 – adaga; 4 – tatuagem; 5 – fumaça; 6 – tapete; 7 – bico da lâmpada; 8 – brinco do menino; e 9 – barba.

A UNIÃO

História, informação e patrimônio cultural

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com



Fundado em 2 de fevereiro de 1893, durante o governo do areiense Álvaro Lopes Machado, o Jornal **A União** nasceu com o intuito de harmonizar as diferentes correntes políticas e sociais que se enfrentavam no estado e em todo o país, com a passagem do Império à República. Em seu primeiro editorial, o jornal afirmava claramente sua missão: "É uma folha política, um jornal de partido que apresentamos hoje ao público", deixando explícito seu papel como instrumento de conciliação e persuasão.

Ao longo de seus 132 anos de existência, **A União** não apenas sobreviveu às turbulências da política e da sociedade, mas se renovou para se tornar um dos principais veículos de comunicação, colecionando publicações marcantes da história do país e do mundo. Entre elas, destaca-se a cobertura do ataque terrorista às Torres Gêmeas do World Trade Center, no dia 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Na época, o jornal circulava em edição vespertina e, por isso, foi um dos poucos jornais no mundo a exibir, na capa, imagens do atentado enquanto o evento ainda se desenrolava.

A União também se destacou na cobertura de momentos políticos decisivos, como a tentativa de assassinato contra Tarcísio Burity, antecessor do então governador Ronaldo Cunha Lima, em 1993, e o *impeachment* do então presidente do Brasil, Fernando Collor de Melo, em 1992. Para William Costa, diretor de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), uma das características mais fortes do jornal é sua capacidade de renovação. "A força de **A União** está na sua capacidade de se adaptar e se reinventar. Ele segue sendo um veículo fundamental de expressão e de defesa dos interesses da nossa gente, mantendo-se contemporâneo sem abrir mão de sua história e tradição", ressalta.



Foi essa capacidade de se reinventar, inclusive, que levou **A União** a se destacar como um dos maiores defensores da cultura e da arte locais. Hoje, o jornal integra um conjunto maior de produtos e serviços, incluindo a Gráfica, a Editora, a Imprensa Braille, o Diário Oficial e a revista Correio das Artes, que se destaca como o suplemento literário mais antigo em circulação no Brasil.

Há exatos dois anos, a Livraria A União também abria suas portas para ser mais do que um local de venda de livros, mas um ponto de encontro da cultura, como reforça a diretora-presidente da EPC, Naná Garcez. "A Livraria A União é um espaço que vai além da venda e lançamento de livros. É um verdadeiro ponto de encontro para aqueles que acreditam na importância da cultura e da literatura como meios para conectar as pessoas. Aqui, não apenas celebramos a leitura, mas também fomentamos o diálogo, a troca de ideias e o fortalecimento da nossa identidade cultural", comemora.

Com uma trajetória de adaptação, conquistas e reinvenções, **A União** segue como um patrimônio cultural da Paraíba, reafirmando seu compromisso com a história, a valorização da cultura e a informação de qualidade.

> "A força de **A União** está na sua capacidade de se adaptar e se reinventar. Ele segue sendo um veículo fundamental de expressão e de defesa dos interesses da nossa gente, mantendo-se contemporâneo sem abrir mão de sua história e tradição
>
> *William Costa*



Foto: João Pedrosa



Um pé na tradição e outro na modernidade



Foto: Carlos Rodrigo

> A vida é plural, e o jornal reflete isso por meio de uma gama ampla de conteúdos que abordam temas diversos
>
> William Costa

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

O Jornal **A União** é o único jornal impresso em atuação no estado. Uma marca que demonstra sua capacidade de adaptação do impresso aos tempos de constantes transformações sociais e tecnológicas. Em um cenário em que muitas publicações enfrentam dificuldades para se manterem relevantes, o jornal tem demonstrado uma habilidade notável para se renovar e inovar ao longo dos anos.

O diretor de Mídia Impressa da EPC, William Costa, acredita que a longevidade do jornal está intimamente ligada à sua busca constante por qualidade editorial e inovação gráfica. "O jornal tem se mantido em atividade por essa preocupação de sucessivos editores e diretores em mantê-lo atualizado, tanto graficamente quanto editorialmente", afirma. Essa adaptação constante tem garantido que o conteúdo editorial de **A União** permaneça relevante e diversificado, com seções que abrangem cultura, esportes, política e assuntos sociais.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o jornal não se limita a um papel de divulgação oficial, mas se caracteriza pela profundidade e criatividade com que aborda as ações do governo e os acontecimentos locais. "O jornal noticia as ações do governo de forma muito criativa, permitindo que o público forme seu próprio julgamento a partir de informações consistentes e de qualidade", explica Costa.

Além da renovação editorial, o jornal também se destaca por seu compromisso com a diversidade. "A vida é plural, e o jornal reflete isso por meio de uma gama ampla de conteúdos, com cronistas e articulistas que abordam temas diversos e profundos, como preconceito e outras questões sociais relevantes", diz o diretor. O destaque para a cultura é outro diferencial do jornal, que investe não apenas no caderno diário específico, mas também em suplementos especiais, como o Correio das Artes.

Adaptações

Apesar dos desafios do mercado de mídia impressa, **A União** soube se reinventar, adotando uma versão digital que tem atraído uma nova geração de leitores. "A versão digital tem alcançado um público maior, especialmente entre os mais jovens, que buscam informação de qualidade e mais detalhada, em um suporte que eles se sentem mais confortáveis", explica Costa.

O aumento da presença no ambiente digital, entretanto, não significa a perda do vínculo com o impresso. Pelo contrário, o jornal continua mantendo sua presença nas bancas e, muitas vezes, atrai leitores que buscam entender melhor a cidade e seu contexto social. "Vejo muitos novos moradores ou turistas procurando o jornal nas bancas, o que reforça a relevância do impresso, mesmo em um mundo cada vez mais digital", afirma Costa.

Em um momento em que muitos veículos impressos enfrentam dificuldades, **A União** continua a ser um exemplo de adaptação e renovação. Sua história de mais de um século de existência é, sem dúvida, um testemunho da importância do jornalismo de qualidade, tanto no impresso quanto no digital. "Acredito que o segredo está em caminhar com um pé na tradição e outro na modernidade, atendendo tanto aos leitores que preferem o papel quanto aos que optam pela versão digital", resume William.

Mais engajamento com o público



Foto: Carlos Rodrigo

> A expansão da presença física do jornal é uma das prioridades, com novos pontos de venda estabelecidos
>
> Naná Garcez

O desafio de manter a relevância do jornal impresso, em meio às mudanças no consumo de mídia, é a prioridade do jornal. Por isso, 2025 promete ser um ano de mais evolução, com ações voltadas para a ampliação da sua presença no estado e o fortalecimento da cultura paraibana. Entre as iniciativas, destaca-se a promoção de campanha para novos assinantes, "buscando fortalecer a relação com o público e ampliar sua base de leitores. Para isso, a equipe investirá na divulgação da versão impressa do jornal, que continua sendo muito apreciada por aqueles que preferem o formato físico", explica a diretora-presidente Naná Garcez.

Atualmente, o jornal **A União** possui 664 assinantes, um total quase 46% maior que há cinco anos, quando eram 456. Isso sem considerar as vendas do Diário Oficial e as vendas avulsas nas 27 bancas espalhadas pelo estado, especialmente em Patos, Campina Grande, Bayeux, Santa Rita, Cabedelo e Guarabira. "A expansão da presença física do jornal é uma das prioridades, com novos pontos de venda sendo estabelecidos já a partir deste mês de fevereiro", ressalta Naná.

O aumento do engajamento do público também está entre as prioridades deste ano, tanto por meio da participação em eventos quanto na presença digital. A ideia é, segundo Naná, fazer o paraibano ter contato com a informação de qualidade e conhecer, de perto, o jornalismo de **A União**. Só em 2024, foram quase sete milhões de visualizações no *site* do jornal, feitas por 1,8 milhão de usuários únicos. No Facebook e no Instagram, foram mais de 1,5 milhão de contas alcançadas por meio das publicações do jornal, somando mais de 35 mil visitas nas duas plataformas.

Neste ano, o Correio das Artes também ganhará um novo projeto gráfico-editorial, com a intenção de dar uma nova cara ao conteúdo cultural do jornal. "Queremos dar um novo enfoque ao Correio das Artes, trazendo matérias mais atualizadas e relevantes sobre a cena cultural da Paraíba e do Brasil", destaca Garcez.

Iniciativas culturais

Testemunha da história da Paraíba, o Jornal **A União** também é palco de divulgação da cultura, e vetor de promoção de eventos culturais, por meio da Livraria A União – Poeta Juca Pontes.

"Ao longo dos últimos anos, realizamos diversos lançamentos de livros, inclusive no gênero infantil. Também criamos um ambiente onde grupos literários se reúnem e onde são realizadas entrevistas com escritores paraibanos. Nosso objetivo é continuar valorizando a produção literária local, além de trazer autores de outras regiões", afirma Naná, ao confidenciar que a comemoração será digna da importância da dupla jornal-livraria. "Será a Noite da Literatura, com o lançamento da sexta edição do Paraíba na Literatura, que se consolidou como um dos principais eventos literários da região, e de mais duas obras que compõem a coleção de livros 'A União'", detalha Naná.

Neste ano, o espaço também receberá os encontros do Clube de Leitura Literar, criado em julho do ano passado com a proposta de fortalecer a produção literária paraibana por meio da criação de uma comunidade de leitores engajados, em um ambiente dinâmico e propício para a construção do diálogo. Inaugurada em 2023, a Livraria A União disponibiliza em seu acervo publicações de autores paraibanos, inclusive as realizadas pela Editora A União e produzidas na gráfica da EPC, e obras nacionais e internacionais de diversos gêneros. O local também se tornou um ponto de encontro para lançamento de livros e realização de rodas de conversas sobre o universo literário, reunindo um público diverso.

Compromisso com a verdade



Foto: Edson Matos/Arquivo A União

> Equilíbrio no noticiário é a chave. Fazemos um produto de qualidade. Fazemos um produto para o leitor
>
> Gisa Veiga

Manter um jornal impresso por mais de um século exige dedicação e um processo meticuloso de apuração. A rotina na Redação do Jornal **A União** é marcada pela busca incessante pela verdade, pela imparcialidade e pela qualidade na cobertura jornalística. Para a gerente-executiva de mídia impressa Gisa Veiga, a chegada dos profissionais concursados, no ano passado, deu "um novo gás" à Redação. "Foi um período de adaptação, de observarmos as aptidões de cada um antes de encaixarmos em alguma atividade específica, como Cultura e Esportes, por exemplo. Passado o período inicial, e observado o desempenho do conjunto, hoje temos uma Redação bem equilibrada e distribuída", relata.

Segundo ela, editar um jornal oficial requer um cuidado especial. "Equilíbrio no noticiário é a chave. Nós fazemos um produto de qualidade, como se tivéssemos muitos concorrentes. Fazemos um produto para o leitor, com matérias de interesse geral, assuntos curiosos, notícias que fazem parte do dia a dia do estado, mas sabedores de que trabalhamos com vínculo oficial — e bastante visado", pontua. Esse cuidado é essencial para garantir que a matéria seja precisa e reflita diferentes perspectivas, assegurando que o público receba informações completas.

Além do conteúdo factual, o jornal tem um elenco diversificado de colunistas, com opiniões especializadas nas mais diversas áreas, desde crônicas do cotidiano até visões críticas sobre os universos digital e cultural. A equipe do Jornal **A União** também não se limita a seguir as tendências do jornalismo; ela busca oferecer reportagens aprofundadas sobre temas relevantes para a sociedade paraibana.

Esse compromisso com a veracidade e a pluralidade desempenha um papel fundamental na formação de opinião e no fortalecimento da democracia. "Faz parte da história da Paraíba e de tantos profissionais de nossa imprensa, e que tem a marca do compromisso com a informação e responsabilidade social. Que bom compartilhar grandes conquistas do jornal, que também colhe novos frutos, a exemplo da livraria. A todos os profissionais que fazem e que fizeram parte dessa história, os meus parabéns, e os meus votos de vida longa para **A União**", resume o governador da Paraíba, João Azevêdo, leitor assíduo do jornal.

Suplementos reforçam a busca pela diversidade de conteúdo

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Um jornalismo que se questiona sobre a própria realidade que reporta: é essa a proposta do caderno *Pensar*, costumeiramente publicado na edição do penúltimo domingo de cada mês do Jornal **A União**.

"A ideia do caderno é trabalhar certos temas específicos de forma mais aprofundada, não como matéria do dia a dia, quase beirando a academia, com especialistas, pensadores e historiadores, etc, mas sem ser extremamente rebuscado. Geralmente é feito por dois ou até três repórteres, para tratar o tema com diferentes fontes", comenta Jorge Rezende, que foi o editor responsável pelo *Pensar* desde sua criação, em abril de 2019, até fevereiro de 2024.

Por abordar temas e questões atemporais, as reportagens publicadas no suplemento ao longo do ano de 2022 foram reunidas em uma coletânea, a nova edição da *Revista Pensar*. O lançamento será no dia 11 de fevereiro, na Livraria A União, durante a Noite da Literatura Paraibana.

Os temas discutidos na quarta edição da revista refletem, em boa medida, o contexto político em que foram produzidas, entre janeiro e dezembro de 2022. Consciência política, proselitismo, clientelismo, eleição e municipalismo estão entre as questões aprofundadas nas matérias, mas também se discute sobre *gaslighting*, interpretação, aporofobia, violência, estoicismo, idiossincrasia e altruísmo.

"Geralmente são temas que não morrem e que sempre serão debatidos. Uma coisa ou outra das matérias é temporal, mas parece que foram escritas ontem. São assuntos que não ficaram no passado e, mesmo sendo de dois anos atrás, permanecem atuais. Justamente por isso é importante que essas reportagens sejam republicadas em formato de revista como um registro, inclusive, para pesquisadores e estudantes", explica Rezende.

Além do próprio Jorge Rezende, que foi o editor do material quando saiu originalmente, a *Revista Pensar IV* teve a colaboração editorial de Gisa Veiga, gerente-executiva de mídia impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), de Marcos Pereira, veterano editor da Redação de **A União**, e de Audaci Junior, que atualmente está à frente do caderno mensal. O atual editor do *Pensar* considera que a publicação é uma oportunidade para os que já leram as reportagens, de revisitar os temas abordados, de modo a provocar novas reflexões, mas também para conquistar novos leitores. "Pode ser uma porta de entrada para um novo público que perdeu ou não acompanha o projeto. Também pode ser encarado como antologia, no sentido organizacional da palavra", afirma Audaci Junior.

O jornalista destaca ainda o cuidado e a preocupação dos vários repórteres envolvidos na produção das reportagens para destrinchar, ao máximo, as ideias e contribuir para que o público forme sua própria opinião acerca dos temas. "Como reforço no editorial do novo volume, para os repórteres escalados em produzir os textos, sempre é orientado ter como foco fazer jus ao nome do caderno mensal: Pensar. Provocar os debates que poderão germinar em bate-papos entre amigos ou familiares; ou até mesmo ser um alicerce para levantar um posicionamento mais crítico, concordando ou não com os pontos levantados", reitera.

Além do conteúdo aprofundado, o formato de revista também impacta visualmente, tornando ainda mais atrativa a leitura. A diagramação fica por conta de mais um veterano: Paulo Sergio de Azevedo, gerente operacional de diagramação da EPC.

Já a capa da coletânea é assinada por Bruno Chiossi, técnico em artes visuais da EPC. "Os tons mais escuros cedem lugar a cores mais claras, e os elementos formais desenvolvem-se em direção a temas inextricáveis, utilizando recursos visuais que refletem o amadurecimento da publicação. Nesse sentido, a capa reflete essa transição, simbolizada pela figura de uma adolescente em busca de conhecimento", explica Chiossi.

O lançamento da *Revista Pensar IV* integra as comemorações dos 132 anos d'**A União**. O diretor de mídia impressa da EPC, William Costa, destaca que o suplemento se soma ao esforço do periódico centenário para manter uma cobertura mais ampla possível. "Eu costumo dizer que a vida é plural e uma de suas características é a mudança e a diversidade. **A União**, através dos suplementos, procura acompanhar as mudanças sociais e dar conta dessa diversidade, como é o *Pensar*, que trabalha temas contemporâneos e mais específicos, focando num assunto de maneira a abordá-lo em suas perspectivas mais claras e delicadas, para que o leitor tenha essa opção de leitura bem diversificada", afirmou William Costa.



Imagem: Arquivo A União

"Revista Pensar IV" trará a produção mensal do caderno homônimo d'A União publicado entre janeiro e dezembro de 2022

Novo projeto visual do "Correio das Artes" é planejado

Atravessar décadas e séculos mantendo-se conectado com as novas tendências exige renovação, mas sem perder de vista sua essência. É pensando nisso que o mais longevo filho do Jornal **A União**, o suplemento literário *Correio das Artes*, no auge de seus 76 anos (a completar em março deste ano), vem trabalhando na criação de um novo projeto gráfico editorial que deve ser implementado nos próximos meses.

O técnico em artes visuais Bruno Chiossi, que integra a equipe do periódico cultural que acumula o título de mais antigo ainda em circulação no país, destaca que o objetivo do novo projeto gráfico é acompanhar o atual contexto sociocultural e aproximar-se cada vez mais do leitor, sobretudo por meio do primeiro contato, que é a capa da publicação. "A capa do suplemento adota novas técnicas artísticas, combinando artes digitais e analógicas, buscando dialogar com os personagens entrevistados e os temas propostos em cada edição. Os elementos apresentados estão diretamente relacionados às vivências desses personagens, expoentes da cultura paraibana destacados no periódico", explica.

O atual editor responsável pelo *Correio das Artes*, o jornalista Audaci Junior, reforça que o suplemento já possui uma identidade visual atraente para os leitores e as leitoras, mas o intuito é deixá-lo ainda melhor, tanto do ponto de vista gráfico quanto da perspectiva de conteúdo. "Ele é denominado um suplemento literário do Jornal **A União**, mas orbita, nas suas páginas, outras demandas na área artística, como o resgate memorial, audiovisual, música e artes visuais, por exemplo. Fora as análises, grandes reportagens e artigos, estamos incentivando os colaboradores na produção de poemas, crônicas e contos, principalmente este último, que aparece nas edições mais 'timidamente'", explicou o editor, que frisou o nome do gerente operacional de diagramação, Paulo Sergio, responsável pela editoração das edições mensais, como parte fundamental para concretizar esse novo projeto gráfico editorial. "Seu Paulo carrega uma vasta experiência na área e vai facilitar muito nas decisões de escolher os melhores caminhos para a nova 'cara' do suplemento".

Estão sendo estudadas, ainda, novas sessões, que podem ser fixas ou não. Uma delas deve envolver produções em fotojornalismo, área que o editor considera, por vezes, marginalizada. "Fora que temos um time de colunistas, repórteres e colaboradores muito forte", revela Audaci Junior.

Para William Costa, diretor de mídia impressa da EPC, a renovação gráfica e editorial do *Correio das Artes* que está sendo pensada faz parte da proposta de diálogo entre tradição e modernidade da informação jornalística do periódico. "Do ponto de vista editorial, nossa preocupação é apresentar um produto graficamente bonito e com uma preocupação muito grande com a legibilidade, para que o leitor se sinta confortável ao ler aquelas matérias, com a qualidade editorial do que é publicado. Então são bons textos, com um conteúdo que faça o seu leitor sentir o envolvimento com aquilo que ele está lendo, mas se deleite visualmente com o produto que tem em mãos", acentua o diretor.

A edição do *Correio das Artes* que chega às bancas hoje estampa, já na capa, a trajetória de Vladimir Carvalho, um dos maiores cineastas que a Paraíba concebeu, falecido em outubro do ano passado. "Antes dessa perda inestimável, estávamos planejando ir para Brasília, onde o realizador estava radicado, para entrevistá-lo em virtude do aniversário de 90 anos, que seria celebrado no último dia de janeiro. Com essa publicação, ainda celebramos Vladimir, porém, no ponto de vista do seu legado e obra, lamentavelmente. Ele foi — além de um grande documentarista — um grande ser humano", ressalta Audaci Junior.



Foto: Leonardo Ariel

Editor Audaci Junior (E) e o técnico em artes visuais Bruno Chiossi (D), nos primeiros passos para a "nova cara" do Correio das Artes

132 ANOS
DO JORNAL A UNIÃO



EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

131 Anos

João Pessoa, Paraíba - QUARTA-FEIRA, 29 de janeiro de 2025

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EDUCAÇÃO

Paraíba conquista maior índice do país de aprovados no Sisu

Do total de inscritos no estado, 52% obtiveram êxito no Sistema de Seleção Unificada. Página 6

Volume de transações via Pix se recupera após *fake news*

Transferências voltam a se aproximar da média histórica na terceira semana de janeiro. Governo reforça isenção de impostos e sigilo bancário.

Página 13

Sefaz registrou mais de 4,6 mil novas inscrições estaduais no ano passado

O ÚNICO JORNAL IMPRESSO
EM CIRCULAÇÃO NA PARAÍBA
ESTÁ COMPLETANDO MAIS UM ANO
DE UMA TRAJETÓRIA QUE
SE CONFUNDE COM
A PRÓPRIA HISTÓRIA
DO NOSSO ESTADO.

HOJE, ABRAÇAMOS A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE E LANÇAMOS UM OLHAR OTIMISTA PARA O FUTURO.

JORNAL A UNIÃO:
PATRIMÔNIO DA PARAÍBA.



EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

JORNAL A UNIÃO

Livraria A UNIÃO | Poeta Juca Pontes

HÁ 2 ANOS
DISSEMINANDO CULTURA
E CELEBRANDO A
PRODUÇÃO LITERÁRIA
DO NOSSO ESTADO.

LIVRARIA A UNIÃO:
CASA DA LITERATURA PARAIBANA.



EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO



Livraria A UNIÃO | Poeta Juca Pontes